



Universidade Estadual da Paraíba
Campus V – Alcides Carneiro
Centro de Ciências Biológicas e Sociais
Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais-PPGRI
Mestrado em Relações Internacionais

Alana Maria Ribeiro Silva

**A TELESUR A SERVIÇO DA INTEGRAÇÃO LATINO-AMERICANA NOS
GOVERNOS DE HUGO CHÁVEZ (1999-2013) E NICOLÁS MADURO (2013-2015):
contexto político venezuelano e análise de conteúdo do portal**

João Pessoa-PB
2015

Alana Maria Ribeiro Silva

**A TELESUR A SERVIÇO DA INTEGRAÇÃO LATINO-AMERICANA NOS
GOVERNOS DE HUGO CHÁVEZ (1999-2013) E NICOLÁS MADURO (2013-2015):**

contexto político venezuelano e análise de conteúdo do portal

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Relações Internacionais da Universidade Estadual da Paraíba como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Relações Internacionais.

Orientadora: Profa. Dra. Silvia Garcia Nogueira

João Pessoa-PB

2015

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S586t Silva, Alana Maria Ribeiro
A telesur a serviço da integração Latino-Americana nos governos de Hugo Chávez (1999-2013) e Nicolás Maduro (2013-2015) [manuscrito] : contexto político venezuelano e análise de conteúdo do portal / Alana Maria Ribeiro Silva. - 2015.
124 p. : il. color.

Digitado.

Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e Sociais Aplicadas, 2015.

"Orientação: Prof^a. Dr^a. Sílvia Garcia Nogueira, Departamento de Relações Internacionais".

1. Hugo Chávez. 2. Integração regional da América Latina.
3. Nicolás Maduro. I. Título.

21. ed. CDD 320.987

Alana Maria Ribeiro Silva

**A TELESUR A SERVIÇO DA INTEGRAÇÃO LATINO-AMERICANA NOS
GOVERNOS DE HUGO CHÁVEZ (1999-2013) E NICOLÁS MADURO (2013-2015):
contexto político venezuelano e análise de conteúdo do portal**

BANCA EXAMINADORA

Silvia S. Nogueira

Prof. Dra. Silvia Garcia Nogueira – orientadora (UEPB)

Filipe Reis Melo

Prof. Dr. Filipe Reis Melo – membro interno (UEPB)

Teresa Cristina Furtado Matos

Prof. Dra. Teresa Cristina Furtado Matos – membro externo (UEPB)

João Pessoa – PB

2015

Dedicatória
Dedico ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo,
aos meus pais Alberto e Fran,
a minha irmã Aline,
ao meu cunhado Gleydson,
ao meu esposo Abel
e minha filha Ana Isabel.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha orientadora Sílvia Garcia Nogueira por tudo que me ensinou durante essa jornada, pelas contribuições, apontamentos, correções, e sobretudo pela paciência, gentileza e por compreender as minhas dificuldades.

À professora Teresa Cristina Furtado Matos e ao professor Filipe Reis Melo por terem aceitado examinar a minha dissertação.

Aos professores do curso de pós-Graduação em Relações Internacionais da UEPB que me inspiraram a seguir neste campo de estudo, em especial: Sílvia Nogueira, Filipe Melo, Paulo Kuhlmann, Cristina Pacheco, Henrique Altemani e também ao professor colaborador do mestrado, David Morales.

A todos os funcionarios da UEPB, em especial à secretária Alyne Benevides, pela prestação dos seus serviços.

À Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela concessão da bolsa de estudo.

Aos amigos do mestrado, Aline Chianca, por tantos sorrisos, Mariana Lyra por me forçar a ser rápida, Nayara Monteiro por tantas alegrias, Jeanezinha Freitas (sempre Lady) por ser um exemplo de humildade, Thiago Cavalcante por me pedir para contar piadas.

Ao meu pai por me ensinar a gostar das coisas boas da vida, por ter me dado uma educação livre, por ter investido tanto na minha educação e pelo amor que sempre me concedeu. A minha mãe, por me dar a força necessária, por sempre me dizer: agora lute! Imensamente, obrigada por tanta dedicação. A minha irmã, meu amparo, meu suporte. Ao meu cunhado Gleydson por tudo que fez por mim, sem o seu apoio nada disso teria sido possível. Aos meus sobrinhos Pedro e Daniel por me proporcionar tantos aconchegos, valeu a pena cada quilômetro viajado para ter abraços. Ao meu irmão Alberto, minha cunhada Antônia e minha sobrinha Natália pela torcida.

Ao meu esposo Abel, por tudo que passamos desde os tempos de colégio, pelos reencontros da vida, pela vida linda que geramos, e pela paciência. Como diz a música que direcionou o nosso encontro: “Quem mandou você gostar dessa mulher de fases?”

A minha filha linda, Ana Isabel, minha alegria, meu alívio, meu encanto. Por você prossigo, por você “levo a vida devagar pra não faltar amor”.

Aos amigos, em especial: Gerci, Cláudia, Fátima, Jana, Tati, Dani, Xico, Tiago.

A Deus, meu tudo, meu amor maior, a ti é dada toda honrra e glória. Te amo Deus.

RESUMO

A TeleSUR é uma rede de televisão multiestatal, criada em 2005, que inserido a um projeto político de integração regional, teve por objetivo fortalecer o processo de construção da identidade latino-americana. De acordo com os seus idealizadores a rede busca diferenciar-se da grande mídia internacional dominante que costuma apresentar um discurso único. Assim, a TeleSUR apresenta-se como uma alternativa para os povos da região. Ela foi idealizada pelo ex-presidente da Venezuela, Hugo Chávez, com intuito de que pudesse contribuir para a integração regional no campo simbólico. A rede multiestatal fez parte então de uma estratégia midiática cujo fim era propagar as ideias do projeto bolivariano para o mundo, bem como estabelecer um tipo de diplomacia midiática. Tendo tal contexto como parâmetro, este estudo analisa e discute de que modo a TeleSUR, no governo de Nicolás Maduro, aborda o tema da integração regional em seu portal de notícias. Para isso, é feito uma análise do conteúdo sobre as notícias relativas ao assunto. Tem-se ainda o intuito de refletir sobre o processo de construção da identidade latino-americana no plano simbólico e cultural. Conclui-se que, no governo de Nicolás Maduro, a Telesur dá continuidade ao projeto de integração regional idealizado por Chávez desde o período de sua criação.

Palavras-chave: Hugo Chávez. Integração Regional da América Latina. Nicolás Maduro. TeleSUR

ABSTRACT

The TeleSUR is a multi-state television network, created in 2005, which is inserted in a political project of regional integration, aimed to strengthen the process of building a Latin American identity. According to its creators the network seeks to differentiate itself from big dominant international media that usually has a single speech. Thus, TeleSUR presents itself as an alternative to the peoples of the region. It was designed by former Venezuelan President Hugo Chavez, with the intention that could contribute to regional integration in the symbolic field. The multi-state network did part of a media strategy whose aim was to propagate the project bolivariano ideas to the world, as well as establecer a type of media diplomacy. Having this context as parameter, this study analyzes and discusses how the TeleSUR in government Nicolas Maduro, addresses the issue of regional integration in its news portal. For this, was made an analysis of the content of the news on the subject. Has also the intention to reflect on the process of building a Latin American identity in the symbolic and cultural levels. It concludes that, in government Nicolas Maduro, the Telesur continues the regional integration project conceived by Chavez since the period of its creation.

Keywords: Hugo Chávez. Integration Regional of Latin American. Nicolás Maduro. TeleSUR

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Página Inicial do Portal da TeleSUR	95
Figura 2. Passo a Passo da pesquisa no portal	95
Figura 3. Temas da integração regional latino-americana no portal TeleSUR	96
Figura 4. <i>Links</i> do Portal	112

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Análise de Conteúdo do tema Política	101
Tabela 2. Análise de Conteúdo do tema Economia	101
Tabela 3. Análise de Conteúdo do tema Integração Física	102
Tabela 4. Análise de Conteúdo do tema Social	102
Tabela 5. Análise de Conteúdo do tema Comunicação	103
Tabela 6. Análise de Conteúdo do tema Cultura	103
Tabela 7. Análise de Conteúdo do tema Segurança	104
Tabela 8. Análise de Conteúdo do tema Educação	104

LISTA DE SIGLAS

AD – *Acción Democrática*

ALBA – Aliança Bolivariana para os Povos de Nossa América

AN – Assembleia Nacional

CELAC – Comunidade dos Estados Latino-americanos e Caribenhos

CNE – Comissão Nacional Eleitoral

CNN – *Cable News Network*

CEPAL – Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe

COPEI – *Comité de Organización Política Electoral Independiente*

CTV – Confederação de Trabalhadores da Venezuela

FEDEMARES – Federação de Câmaras e Associação de Comércio e Indústria

FMI – Fundo Monetário Internacional

MBRV200 – Movimento Bolivariano Revolucionário 200

MERCOSUR – Mercado Comum do Cone Sul

MVR – Movimento Quinta República

OEA – Organização dos Estados Americanos

OPEP – Organização dos Países Exportadores de Petróleo

PETROCARIBE – Petróleos de Caribe

PDVSA – Petróleos de Venezuela S.A.

PIB – Produto Interno Bruto

PSVU – Partido Socialista Unido da Venezuela

RCTV – *Radio Caracas de Televisión*

TELESUR – *Televisión del Sur*

VIVE – *Visión Venezolana TV*

UNASUL – União de Nações Sul-Americanas

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1: INTEGRAÇÃO REGIONAL LATINO-AMERICANA E OS ELEMENTOS IDENTITÁRIOS	18
1.1 A figura de Simón Bolívar :elemento simbólico nos discursos de integração regional	18
1.2 A América Latina: uma comunidade imaginada	27
1.3 Abordagem Construtivista sobre identidade	34
CAPÍTULO 2. O CONTEXTO LATINO-AMERICANO E O GOVERNO HUGO CHÁVEZ: TENSÕES E CAMINHOS PARA A FORMAÇÃO DA TELESUR	41
2.1 América Latina e contexto político da Venezuela	41
2.2 A política venezuelana com o governo de Hugo Chávez	47
2.3 A oposição chavista e o golpe de 2002	56
2.4 Investimento em um governo midiático	65
CAPÍTULO 3: PORTAL TELESUR, INTEGRAÇÃO E GOVERNO MADURO	73
3.1 Mídia e narrativas	73
3.2 Televisão e América Latina	75
3.3 O fim da era Chávez e o governo de Nicolás Maduro	81
3.4 A TeleSUR e o seu portal	90
3.4.1 A Integração no portal Telesur: análise de conteúdo	94
3.4.2 Categorias e frequência de palavras	100
3.5 Governos Chávez e Maduro e o Portal da TeleSUR	105
CONSIDERAÇÕES FINAIS	116
REFERÊNCIAS	119

INTRODUÇÃO

Os países que compõem a região da América Latina mantiveram, ao longo de suas histórias, relações políticas entre si marcadas por afastamentos e aproximações. O cenário apresentado nas duas últimas décadas em que emergiram vários governos de esquerda de diferentes vertentes ou tendências, Nestor Kirchner (2003) e Cristina Kirchner (2007), na Argentina, Hugo Chávez (1999), na Venezuela, Evo Morales (2005), na Bolívia, Rafael Correa (2007) no Equador, Tabaré Vasquez (2004) no Uruguai, impulsionou uma maior aproximação entre os países da região. As afinidades político-ideológicas e as preocupações comuns em torno da política internacional propiciaram essa reaproximação. A partir de então, a região foi sendo sistematicamente inserida nos discursos desses políticos. Assim, eles ajudaram a promover os discursos de identificação.

Temendo o possível isolamento dos seus países do sistema internacional, esses líderes perceberam as vantagens potenciais em voltar suas agendas para a região e tomaram rumos análogos em direção ao continente. Isso fez com que o projeto integracionista adquirisse novos contornos. Passou-se a investir na integração regional sob uma perspectiva mais ampla, ou seja, que não se centrasse de modo predominante nos aspectos econômicos. Assim, outras propostas mais amplas, com elementos mais diversificados, referentes aos aspectos de ordem social e cultural foram tomando maiores espaços dentro do projeto integracionista.

As iniciativas anteriores a esse contexto político também esboçaram algo neste sentido, porém lograram poucos avanços concretamente significativos. Em geral, tais iniciativas deram atenções mínimas aos aspectos mais plurais, tais como as dimensões culturais, fundamentais para desenvolver o processo integrativo regional. As ações voltadas para a integração não eram pensadas a partir da sociedade e dos seus elementos identitários. O setor de comunicações, que é fundamental para desenvolver processos integrativos também não teve a devida importância. Porém, neste novo contexto político por ora apresentado, os novos líderes demonstraram maiores preocupações com essas questões e isso resultou em ações concretas.

Havia receios acerca do papel desempenhado pelos monopólios comerciais do setor privado de comunicações, sobretudo da mídia norte-americana, pelo fato destes agirem de forma ativa na influência cultural dos povos da América Latina. Além disso, esses grupos também exerciam influência no meio político da região. Essa era uma das questões mais problemáticas que precisava ser enfrentada e, diante disso, tais líderes se mostraram dispostos a reavivar propostas em torno de uma nova comunicação pública para os países da região. No

âmbito doméstico, esses governos reafirmavam a necessidade de investir em políticas públicas capazes de democratizar os meios de comunicação através do incentivo à comunicação pública e estatal, capaz de tentar contrastar os discursos midiáticos dominantes (MENDES, 2009).

Em cooperação política, tais governos conduziram ações conjuntas no setor de comunicações com a intenção de não só desconcentrar o espaço midiático como também fomentar meios que dessem destaque às vozes próprias da região. Por meio da cooperação nessa área, esses governos uniram esforços para tentar enfrentar os grandes conglomerados transnacionais hegemônicos no ramo das comunicações, estes muitas vezes defensores das propostas político-econômicas neoliberais.

Neste contexto, certamente, o governo que mais enfrentou os ataques da grande mídia foi o governo de Hugo Chávez (1999-2013) devido às críticas incisivas que este fazia às políticas adotadas pelo regime neoliberal. Por conseguinte, o governo Maduro (2013- -) praticamente herdou os opositores do governo anterior. Os grupos de comunicação da Venezuela, fortes e politicamente atuantes no país, junto a outros grupos internacionais, posicionaram-se como opositores desses governos. Durante a era Chávez, esses grupos ajudaram a articular um golpe político para afastar o presidente do poder, e com Maduro não tem sido diferente. Em face desses impasses, o então presidente tomava medidas que contra-atacavam as ações desses grupos.

Chávez se utilizou dos recursos midiáticos do governo para criticar os adversários do chavismo e Maduro continua investindo nessa prática. Estes dois presidentes entenderam a importância dos meios de comunicação e das ferramentas que a internet dispõe como forma de defesa ante a oposição, bem como para estimular a construção de uma identidade regional no campo das ideias para deslançar o processo de integração latino-americano e caribenho. As ações de Chávez e de Maduro, em discorrer discursos embasando-se nas figuras emblemáticas, enfatizando o uso de falas diretas de Bolívar, mostram o investimento no caráter cultural e simbólico comum à região.

Dando seguimento às ações voltadas para o campo das comunicações e ampliando os horizontes no sentido de investir não apenas na Venezuela, Hugo Chávez decidiu criar a *Televisión del Sur* (TeleSur). Contando com o apoio significativo, direto e indireto, dos seus aliados na região da América Latina, a TeleSUR iniciou suas atividades tendo a Venezuela como detentora da participação de 51% das ações. A Argentina possuiu 20%, Cuba 19% e o Uruguai 10%. Posteriormente, no ano de 2006, a Bolívia e o Equador passaram a ser acionistas e, no ano seguinte a Nicarágua também se integrou à emissora. O Brasil não faz parte da

TeleSUR, mas oferece apoio logístico e colabora com a programação. De acordo com as informações contidas no sítio eletrônico dessa emissora (www.telesurtv.net), a TeleSUR é uma rede de televisão multiestatal, que está inserida no projeto de integração regional com o propósito fundamental de ajudar a construir uma identidade latino-americana.

A inauguração da emissora ocorreu no dia 24 de julho de 2005, data que corresponde ao dia de nascimento de Simón Bolívar, militar e líder político que buscou difundir os princípios de liberdade e união dos povos da América. Assim, os princípios defendidos por Bolívar coadunam com os ideais de integração regional da TeleSUR. Os idealizadores da rede de televisão consideram que a despeito da diversidade cultural, a região apresenta laços históricos de uma identidade latino-americana, e que, portanto, esses laços devem ser fortalecidos (NOGUEIRA, 2009; 2012). Segundo os dirigentes da TeleSUR, em síntese, os objetivos dessa emissora são “informar, formar e recrear”, o que quer dizer, dar à população o direito ao acesso às informações, proporcionar educação, e por fim, proporcionar o entretenimento. No que concerne ao conteúdo da programação, tem-se que, no geral, há uma preponderância de programas de notícia, que enfocam assuntos de política, esporte e cultura (SALÖ & TERENIUS, 2008; NOGUEIRA, 2009).

Neste sentido, é por meio do investimento em uma programação – com 24 horas de exibição, com o idioma em espanhol e inglês (com tradução para o português) –, que se destaca pela exibição de noticiários com a divulgação dos principais fatos ocorridos nos países da região e com programas direcionados para destacar os aspectos culturais, que a emissora e seu portal se dispõem a contribuir com o processo de integração regional no âmbito cultural sob a perspectiva simbólica. Por meio desses elementos (que envolvem os discursos acerca da região), almeja-se construir no campo das ideias a noção de pertencimento à região.

Diferente das emissoras dos países da região que pouco abordam as temáticas envolvendo a América Latina e Caribe, a rede nasceu justamente com o ímpeto de rever as condições de desigualdades presente no campo da comunicação social da região para, assim, oferecer uma comunicação alternativa, e ainda, ser capaz de democratizar os seus meios de comunicação e de disseminar valores e visões sob a ótica e perspectiva dos latino-americanos e caribenhos. Ou seja, é fazer com que a opinião pública latino-americana não tenha acesso somente às informações repassadas a partir do ponto de vista dos Estados centrais.

O propósito é de valorizar as práticas e os estilos concernentes à região. Por outro prisma, rejeita que a indústria cultural (de fora) mostre quem (nós somos). Desse aspecto se extrai a ideia que permeia o *slogan* da rede: “*nuestro norte es el sur*”. Além disso, em face das

identificações culturais, busca-se mostrar aos “os de fora quem nós somos”. Assim, a intenção é de que a TeleSUR também contribua para a divulgação da imagem do povo latino americano e caribenho em outros contextos internacionais (NOGUEIRA e RIBEIRO, 2013).

Desta forma, o meio multimidiático (emissora e portal) transmite um discurso que se propõe a representar a diversidade da região e a estimular os integrantes da região a terem voz e vez. E, por fim, a emissora busca fazer com que os latino-americanos se sintam pertencentes a essa região, identificados e integrados simbolicamente a ela.

Conforme mencionado, a TeleSUR teve o ex-presidente da Venezuela, Hugo Chávez, como um dos criadores e entusiastas do projeto integracionista. Foi o seu governo que dedicou grande parte dos investimentos para implementar tal rede de comunicação. Assim, ante o falecimento de Chávez¹ e, o recente contexto político da Venezuela, que agora tem como presidente, Nicolás Maduro², tem-se então a seguinte questão que corresponde ao problema desta pesquisa: o portal da TeleSUR, no governo de Nicolás Maduro, manterá a linha editorial do seu conteúdo jornalístico voltado para o projeto de integração regional – na medida em que reforça os elementos da identidade cultural latino-americana – dando continuidade às investidas nesse projeto inicialmente esboçado por Hugo Chávez? A despeito da mudança de governo, a linha editorial continuará tendenciada para o projeto de integração regional?

Neste sentido, levando em consideração o fato de que, possivelmente³, Nicolás Maduro não se distanciará dos ideais políticos defendidos por Hugo Chávez, tem-se a hipótese de que o portal da TeleSUR continuará firme no propósito de buscar deslanchar o projeto de integração regional circunscrito pela construção de uma identidade regional no campo das ideias, sem haver, portanto, mudanças significativas em sua linha editorial.

Para tanto, tem-se o objetivo de analisar o modo como o portal eletrônico da TeleSUR investe em notícias relacionadas à integração regional latino-americana (áreas mais difundidas), e a sua abordagem sobre os fatos relacionados à região. Isto é, como expressa e circunscreve por meio de elementos de narrativas discursivas os aspectos identitários que corroboram para o sentimento de pertencimento à região e assim pode corroborar para a integração no campo das ideias.

¹ Hugo Chávez governou a Venezuela por 14 anos (1ª mandato de 1999-2000, 2ª mandato de 2000-2006 com o golpe de Estado que o afastou por dois dias do seu cargo, no ano de 2002 e o último mandato de 2006 -2013 e foi eleito em outubro de 2012, para o quarto mandato consecutivo). Chávez faleceu no dia 05 de março de 2013 em decorrência de um câncer na região pélvica.

² Maduro venceu as eleições no dia 14 de abril de 2013 com o resultado polêmico de exatamente 50,66 % dos votos contra 49,07% dos votos de Henrique Capriles. Maduro passou a ser o 57º presidente da Venezuela.

³ Considerando que próprio Maduro se coloca como um seguidor dos princípios bolivarianos de Hugo Chávez.

Neste percurso, intenta-se refletir o contexto político regional e doméstico (da Venezuela) que levaram à formação do sistema multimidiático, seus princípios, valores, propósitos e fins que podem desencadear o processo de integração regional no plano de representações simbólicas. Ainda, discutir as formas como o sítio evidencia alguns assuntos, as propostas de alguns programas e como enseja o processamento da “construção da identidade latino-americana” no plano imaginário e o modo como resgata e ativa a memória histórica da região da América Latina e Caribe.

Além disso, mantem-se particular atenção ao contexto político da Venezuela configurado no governo de Nicolás Maduro (do início do mandato ao primeiro semestre de 2015) tendo-se os objetivos de analisar: 1) o modo como o governo Maduro vem mantendo discursos políticos em torno da integração regional tomando Hugo Chávez como referência e a TeleSUR como um meio importante para esse processo; 2) como se tem processado o investimento no meio multimidiático (emissora e portal) da TeleSUR para que este reforce a integração cultural da região; 3) como esse sistema multimidiático trabalha discursivamente e acaba servindo aos interesses do governo no jogo político que este trava com os grandes meios de comunicação.

Partindo disso, as razões⁴ que motivaram o estudo figuram o interesse pelo contexto político recente da América Latina, aspectos culturais da região, cultura política da Venezuela, a curiosidade de entender o modo o governo de Nicolás Maduro tem buscado investir no projeto de integração da região e o envolvimento deste governo nas batalhas circunscritas ao campo midiático. Motiva-se ainda em razão da proposta e do conteúdo desse sistema informativo, com o interesse em perceber como uma mídia televisiva alternativa se propõe a contribuir para o processo de construção da identidade latino-americana por meio da exibição de conteúdos e notícias voltados para tal fim, e por meio da difusão de discursos midiáticos que elevam o propósito integrativo.

A iniciativa da TeleSUR torna-se uma importante alternativa para o processo de integração regional em suas multifaces, sobretudo, do ponto de vista cultural, uma vez que busca mostrar os aspectos plurais da região e intenta fortalecer os laços entre os povos da região sob o reforço dos elementos identitários comuns.

⁴ Entre elas, a motivação pessoal para a realização da pesquisa deve-se ao fato da autora desta dissertação ter participado do I Seminário de Comunicação Popular – A Comunicação que queremos. O evento aconteceu nos dias 14 e 15 de setembro do ano de 2006, realizado pela Prefeitura Municipal de Fortaleza em parceria com a Rede de Educação Cidadã. Neste seminário assistiu-se à palestra de Beto Almeida (jornalista, então presidente da Tv Comunitária e diretor da TeleSUR no Brasil), sobre a TeleSUR. O interesse pela emissora partiu, portanto, das discussões empreendidas nesse evento.

Nesta dissertação pretende-se trazer à tona temas por vezes relegados na área de Relações Internacionais, tais como: estudos que envolvem a atuação da mídia nas esferas dos processos sociais e nas construções de identidades culturais, e integração regional sob uma perspectiva construtivista, tendo em vista que prevalecem estudos sobre a integração balizados pela perspectiva liberal (VALENTE, 2007). Vale destacar o papel dos meios de comunicação, tal como a TeleSUR, como agentes que podem corroborar para a construção de identidades. Assim, por meio deste estudo, espera-se contribuir para a ampliação de um diálogo interdisciplinar com estudos de comunicação e ciências sociais, nos temas que englobam o campo das relações internacionais, a saber, o campo midiático e os estudos de integração regional na seara cultural.

Para debater tal temática, tomam-se como referenciais Benedict, Anderson (2008) e Hall (2006) na discussão sobre comunidade imaginada, bem como as ideias e conceitos construtivistas de Kratochwil (1995), Onuf (1989; 1998) e Wendt (1992;1999), pois apresentam elementos basilares que se coadunam com os principais pontos discutidos neste trabalho, tais quais: mídia, integração regional e identidade latino-americana. Neste aspecto, a vertente construtivista apresentada por tais autores é relevante para a discussão teórica desta pesquisa pelo fato de defender a premissa de que a realidade está em constante construção e que, portanto, as identidades são construídas.

Este estudo realiza-se por meio de pesquisa bibliográfica relacionada à temática, buscando, assim, revisar a literatura existente, expondo as interpretações acerca do tema. Conta-se ainda com o acompanhamento dos conteúdos lançados no sítio eletrônico da TeleSUR que apontam para essa temática e os analisa de modo qualitativo por meio da exposição de notícias selecionadas, por discussões e averiguações de alguns discursos. E de modo quantitativo com o agrupamento das notícias do portal, com a utilização dos recursos do *software* Nvivo. Segundo Lage (2011), o *software* facilita o trabalho do pesquisador porque consegue explicitar as informações com clareza, pois cria categorias e codificações. O Nvivo foi utilizado para a análise de conteúdo das notícias relacionadas à integração da região extraídas do próprio sítio e tomando como referência o espaço temporal do mês de julho a dezembro de 2014 e do mês de janeiro a julho de 2015.

Esta dissertação está dividida em três capítulos, além da introdução e das considerações finais. No primeiro, adentra-se nos objetivos integracionistas e nas multífaces dos discursos sobre tais propostas. Faz-se um breve apanhado da história de Simón Bolívar e dos ideais bolivarianos com enfoque nos elementos discursivos e simbólicos em torno de sua figura. Nesta

direção, abordam-se questões referentes à construção de identidades, pensando sobre as identidades no contexto latino-americano e envereda-se por uma discussão teórica embasada pela perspectiva construtivista.

No segundo capítulo faz-se uma breve análise do cenário político da América Latina, com a emergência de governos de esquerda dispostos a mexer em algumas estruturas políticas engessadas pelos governos neoliberais, que atingiram o setor de comunicações. Assim, investigam-se os anseios voltados para o projeto de integração regional no plano simbólico, que conjecturaram para a formação da TeleSUR. Nessa direção, destaca-se o contexto político da Venezuela, durante o governo de Hugo Chávez e os embates entre este governo e os diversos meios de comunicação hegemônicos de rede privada que se tornaram os maiores grupos de oposição ao governo. No caso, discorre-se sobre a complexidade desse cenário de polarizações em que emergiu a proposta de implementação da TeleSUR, com as articulações devidas para que esta se concretizasse. Desta forma, discute-se a iniciativa de Hugo Chávez de criar um meio de comunicação contra hegemônico voltado para a proposta da integração.

No terceiro capítulo debruça-se na discussão sobre a TeleSUR e o seu portal. Nesta averiguação, leva-se em consideração o modo como as informações referentes à integração da América Latina são abordadas no sítio de modo interpretativo e também quantitativo. A pesquisa quantitativa delimita-se ao período de julho de 2014 a julho de 2015. A partir da interpretação e dos dados extraídos, discutem-se os traços marcantes da linha editorial do portal TeleSUR no que concerne ao conteúdo referente à região e às temáticas da integração durante o governo de Nicolás Maduro, por meio da Análise de Conteúdo. Explana-se a emergência de Nicolás Maduro no cenário político venezuelano, o contexto político interno e externo do país e, por fim a relação de Maduro com os grupos de comunicação privados opositores ao seu governo, além da relação do portal com esse governo. Discute-se sobre a mídia em seu processo de construção de notícias, formação de discursos, visões de mundo e construções de identidades.

CAPÍTULO 1: INTEGRAÇÃO REGIONAL LATINO-AMERICANA E OS ELEMENTOS IDENTITÁRIOS

O presente capítulo discute o plano integracionista da região da América Latina idealizado no passado, sob os preceitos de Simón Bolívar e a utilização da figura desse personagem para realçar os elementos simbólicos comuns à região. O capítulo reflete sobre o processo de construção de identidades do ponto de vista simbólico, à luz das ideias de Benedict Anderson (2008) e Stuart Hall (2006). Complementa-se a discussão adentrando no campo das Relações Internacionais sob a perspectiva construtivista.

1.1 A figura de Simón Bolívar: elemento simbólico nos discursos de integração regional

O objetivo de integração da região da América Latina ocorre desde os tempos coloniais. O que se pode observar é que muitas vezes sobrevêm movimentos de oscilações em que há períodos de maiores e menores aproximações entre os países. Desde então este propósito integracionista tem passado por mudanças na concepção sobre o modo como este processo de integração pode efetivamente advir. Entretanto, nota-se que mesmo diante de variações, os projetos se alternavam em períodos de maiores ou menores intensidades.

O presente estudo busca atentar, sobretudo, para a integração regional concebida no plano das ideias. Cabe destacar que mesmo diante de algumas tentativas de projetos que se frustraram, a união dos povos da América Latina foi um anseio que permaneceu e permanece no campo das ideias. Este campo revela-se importante na busca por caminhos capazes de concretizar as ações do projeto integracionista no seu plano prático.

Outro ponto relevante acerca dos projetos de integração é que, de um modo ou de outro (no plano das ideias ou no plano empírico), tais projetos por vezes acabam se adaptando às situações ou contextos políticos, e com isso, tornam-se suscetíveis a ganhar ou perder impulso.

Aludindo-se à história, pode-se então destacar as ideias e as iniciativas preliminares de Simón Bolívar, um dos principais nomes que se dedicou a missão de incentivar e impulsionar um processo de união continental. Mesmo passado tantos anos, alguns pensamentos desse líder político ainda são referência no que tange aos discursos e planos integracionista da região (MIRANDA, 2014).

Em razão disso, ainda no contexto atual, Bolívar é um dos personagens sempre presentes nos discursos concernentes à integração regional. Levando isso em consideração, julga-se

pertinente apresentar, mesmo que brevemente, alguns elementos que envolvem os seus pensamentos e perpassar por alguns momentos da sua trajetória política.

Bolívar revelou ser um líder com características muito complexas, ao ponto de ser enquadrado tanto pelas ideias liberais, como pelas ideias de caráter conservador. Isso então faz com que o pensamento de Bolívar fosse apropriado por muitos, entretanto isso às vezes ocorre sem a devida fidelidade à originalidade de suas ideias. Assim, algumas ideias presentes em certos discursos, nem sempre correspondem ao que Bolívar realmente defendia.

A intenção de debruçar-se sobre este personagem consiste no interesse em discutir pontos que envolvem uma base histórico-cultural comum deste personagem à ideia de integração. Para tanto, faz-se a seguinte questão: quais as razões pelas quais as ideias de Bolívar – que envolvem a concepção de união regional – ainda reverberam e repercutem no contexto político latino-americano?

Partindo dessa questão, discorre-se brevemente sobre a biografia de Bolívar e sobre aspectos relacionados à região da América Latina. Bolívar nasceu na Capitania Geral da Venezuela, atual Caracas, sendo o filho mais novo de uma das famílias mais ricas e poderosas da Venezuela (proprietária de fazendas de gado, cacau, açúcar e minas de prata e cobre) e, descendente dos colonizadores que chegaram à América no século XVI. Ficou precocemente órfão de pai e mãe. Contou então com Simón Carreño Rodríguez, um aficionado pelas ideias de Jean Jacques Rousseau, como seu preceptor e influenciador de muitas ideias políticas. Assim, a Revolução Francesa foi imprescindível na influência das suas ideias concernentes ao âmbito político. Monica Martins e Domingos Neto (2013, p. 117) o descrevem da seguinte forma: “Bolívar era, essencialmente, um crioulo rico, político, e chefe militar com acentuado poder estratégico”.

Em resumo, sua história ficou marcada, sobretudo, por ter agido de modo ativo na conquista da libertação da Grã-Colômbia (região que atualmente corresponde aos países da Colômbia, Equador, Venezuela e Panamá) frente à monarquia espanhola, por ter preconizado um processo de independência pleno, por defender um projeto de emancipação que visava o fim da escravidão, e por advertir acerca das atitudes imperialistas da Europa. Destaca-se ainda a sua importante influência nos movimentos políticos da América Central. Martins e Domingos Neto (2003, p.129) discorrem sobre os escritos de Bolívar e afirmam que: “estes contêm reflexões sobre a aliança dos Estados latino-americanos em vista da sobrevivência de todos. Assim, integração e solidariedade continental caminham lado a lado com os princípios de soberania e autodeterminação”.

Bolívar entoava um discurso crítico às nações ocidentais que se portavam de modo a explorar as colônias. Considerava que estas mantinham relações fortemente arraigadas aos interesses voltados para o progresso material. De acordo com Ferreira (2006, p. 96), Bolívar defendia:

[...] um republicanismo anticolonial e com perspectiva internacional a fim de estabelecer um equilíbrio entre Europa (centro do sistema) e as demais partes do mundo que sofriam, segundo seu pensamento, as consequências da “ambição” europeia. Sua mensagem afirmava ao mesmo tempo o fim da dependência colonial e, segundo ele, o meio para alcançá-la seria através do estabelecimento do equilíbrio de uma aliança entre todas as partes do mundo contra a Europa.

Deve-se destacar que além da preocupação com algumas nações europeias, Bolívar também se mostrava atento aos evidentes objetivos expansionistas dos Estados Unidos, ou seja, com o pan-americanismo proposto pela Doutrina Monroe. Tal Doutrina foi defendida pelo presidente Monroe, no ano de 1823, com o objetivo de retrair a intervenção das metrópoles europeias na região. Essa Doutrina fundamentava-se em torno do preceito; “América para os americanos”. Para tanto, o objetivo básico dos Estados Unidos era afastar os países da região da influência europeia, e então firmar o seu domínio sobre a região, ou seja, na verdade a doutrina tentava justificar a postura hegemônica dos Estados Unidos sobre as outras partes do continente. Com efeito, os Estados Unidos também demonstraram preocupações com as ideias preconizadas por Bolívar, sobretudo, no que tange ao aspecto das relações comerciais entre os países da Liga, baseadas no livre comércio.

Bolívar lutou em prol da soberania das Repúblicas hispano-americanas, defendendo a proposta de que tais repúblicas criassem suas próprias instituições, ajustadas às suas realidades. Tratava-se da intenção de fazer com que a América espanhola se tornasse mais autônoma e autêntica. Havia, da parte dos países, a sensação de ameaça de uma recolonização em torno das antigas colônias, assim como a sensação de incômodo quanto aos interesses dos Estados Unidos (FERREIRA, 2006).

Em face disso, tinha-se o entendimento de que para conseguir manter a independência/liberdade, tais repúblicas deveriam seguir caminhos convergentes que corroborassem para um processo de integração. Sendo assim, Bolívar enxergava a possibilidade da união dos países da América espanhola de modo a formar uma Grande Pátria. Na sua visão, tais países possuíam uma origem cultural comum, como por exemplo, em termos de religião

(católica), idioma (castelhano) e, sobretudo, pelo fato de terem sido colônias de mesma metrópole, no caso, a Espanha.

Em razão desses elementos conjugados, e pelo fato de terem metas comuns, os governos que haviam acabado de se formar deveriam se unir, de modo a constituir um único governo configurado sob os moldes de uma federação. Bolívar defendia que os Estados da América Hispânica estabelecessem normas comuns capazes de garantir a liberdade e a autodeterminação dos povos.

As ideias de Bolívar embasavam-se sob a ótica de um projeto político com caráter defensivo, na medida em que pretendia resguardar tais Estados das práticas imperialistas dos países colonizadores. Por outro lado, o projeto integracionista também denotava certo embasamento direcionado pelo aspecto cultural, por creditar aos elementos culturais comuns, um dos fatores fundamentais capazes de viabilizar a união entre estes países. Na concepção de Bolívar, os aspectos culturais convergentes eram mais determinantes do que as próprias delimitações geográficas dos países.

A questão comercial também se apresentava como um dos pontos fundamentais no projeto de integração, na medida em que buscava elevar o desenvolvimento econômico dos países hispano-americanos. Porém, mesmo em face dessa relevância, outros aspectos como a integração política, social e cultural também eram quesitos mais que significativos no projeto integracionista bolivariano. No que tange ao aspecto comercial, o objetivo era fazer com que houvesse relações comerciais preferenciais entre os países integrantes da confederação. No aspecto político, a assinatura de tratados entre os países integrantes servia tanto para estabelecer políticas mútuas, bem como para que estes não compactuassem com países não membros – em determinadas ocasiões. Bolívar enxergava a necessidade de uma autoridade que organizasse e conduzisse as relações políticas entre os países, e de uma sede permanente. Além disso, ele também defendia a existência de um exército com no mínimo 20 mil homens tendo a possibilidade de esse número fosse aumentado para 100 mil homens nos períodos de guerra (FERREIRA, 2006).

Para buscar concretizar o seu projeto de solidariedade entre os países da região, Bolívar decidiu, no ano de 1826, reunir os representantes políticos desses países por meio de um encontro que ficou conhecido como Congresso do Panamá. Um dos objetivos desse encontro era tentar conter as aspirações expansionistas, de modo a tentar convencer os Estados da região (já independentes), a se precaverem dos inimigos comuns, ou seja, das nações que se mostravam ávidas por relações econômicas baseadas na exploração e, por fim tentar manter a paz. Neste

sentido, Bolívar instava para que a balança de poder internacional se tornasse equilibrada (FERREIRA, 2006).

Os objetivos desse Congresso não foram totalmente atingidos, tendo em vista que muitos países se recusaram a participar. Pode-se citar, inclusive, o caso do não comparecimento do Brasil⁵, que neste período estava mais ligado politicamente aos Estados Unidos e à Europa. Acrescenta-se que além do Brasil, outros países também não demonstraram interesse em participar, por considerarem que não obteriam vantagens no âmbito político-econômico, o México, Panamá e Grã-Colômbia, contudo marcaram presença.

Deve-se destacar o fato de que neste contexto alguns países da região travavam conflitos entre si. Todavia, apesar da ausência de países significativos para a região, essa reunião teve sua relevância para o processo de unificação continental, uma vez que, ao menos conseguiu alicerçar importantes ideias.

De acordo com Figueiredo (2011, p. 38);

A reunião não produziu os resultados efetivos, mas o Tratado de União celebrado contém alguns dos dispositivos que frequentam tratados e debates do gênero até o presente. Dentre eles, a criação de uma cidadania supranacional e de uma zona de comércio entre as repúblicas confederadas, além de um estabelecimento de um exército igualmente supranacional sob o comando da Assembleia Geral de Plenipotenciários. A União se assentaria nos valores comuns a todas as repúblicas que comporiam a União: republicanismo e antiescravidão. A unidade cultural precederia a unidade política.

Por sua vez, dentre os possíveis motivos para o fracasso do plano integracionista de Bolívar, elenca-se, portanto, a proeminência dos interesses locais de cada país, bem como a falta de estrutura capaz de viabilizar a comunicação e integração física de tais países. Passado tantos anos, ou melhor, tantas outras tentativas de experiências voltadas para a integração regional, os elementos geográficos da região – dotada de uma área extensa –, permanecem dificultando a integração física dos países que formam essa região.

Partindo para outro ponto, conforme visto, Bolívar é um personagem histórico decisivo. Isto porque ele contribuiu tanto para a formação de algumas nações da América Latina (por exemplo, Colômbia, Equador, Venezuela), como foi um dos precursores do objetivo do que

⁵ Esta questão concernente ao Brasil envolve aspectos mais complexos, isto é, significa dizer que – a despeito do convite feito para o Congresso – este era não considerado um país chave para o ideário integracionista vislumbrado por Bolívar. Isto se deu porque, diferentemente dos outros países da região – que adotavam o modelo republicano –, o Brasil seguia o modelo monárquico e teve um processo de independência distinto dos processos forjados pelos demais países da região. Ademais, também assinalava o fato de o Brasil ter sido colonizado por Portugal e ainda por apresentar aspectos culturais distintos dos outros países. Tal argumento recai-se sobretudo à questão da língua. Com efeito, o próprio país apresentava um tipo de identidade mais afinada à cultura europeia. Assim, a ideia de América para Bolívar não perpassava a inclusão do Brasil e nem dos Estados Unidos (FERREIRA, 2006).

hoje se entende por integração regional. Muitas das questões que ele levantou – concernente ao aspecto político-cultural da integração – ainda ressoam no tempo presente, iluminando e excitando debates, sobretudo os que sustentam o desenvolvimento do processo integrativo (FIGUEIREDO, 2011).

Assim, Bolívar permanece na memória política da América Latina, conseguindo influenciar novas gerações e líderes políticos da região que, inclusive, tentaram, e tentam estabelecer comunhões com a imagem do mártir da região. Cabe ressaltar que além dessa figura política, Bolívar também emerge como uma figura simbólica reputada para a construção de uma identidade latino-americana.

Maria Nazaré Ferreira (1995, p. 22) oferece uma discussão que dá suporte para noções acerca desta identidade:

No caso da América Latina, mais que em qualquer outra região, a construção da identidade cultural é parte integrante das lutas pela igualdade social; uma não pode ser resolvida sem que se resolva a outra. Suas múltiplas configurações poéticas e textuais são expressões das lutas políticas, sociais e estéticas que movem a história dos povos.

Por meio de uma reinvenção da tradição no qual reforçam a memória coletiva, muitos desses líderes enfatizam as representações simbólicas no sentido de tornar Bolívar um herói e de reproduzir os seus discursos no objetivo de reavivar o sonho bolivariano. Há, portanto, um apelo ao passado, não só para que este não venha a ser esquecido, mas também como uma utilização deste passado para assegurar projetos políticos do presente ou do futuro.

De acordo com as observações de Figueiredo (2011, p.85):

O importante é frisar que se há um pensamento bolivariano, cujas matrizes podem ser utilizadas na construção de projetos políticos do presente, há também uma dimensão do imaginário construtora do “caudilho libertador”, que ainda completará sua tarefa messiânica de libertação. Se há um Bolívar “histórico”, pensador da política, autor de uma obra volumosa e vitoriosa, há também um Bolívar mítico, capaz de congrega as mais elevadas qualidades humanas e as aspirações populares por justiça social.

Ao longo do tempo, alguns chefes de Estados, acadêmicos e algumas vertentes da própria historiografia – que continuamente encarregam-se de exaltar alguns nomes –, foram construindo a figura do herói, cultuando, assim, o personagem do Libertador e deixando os pensamentos de Bolívar acesos nos contextos atuais. E isto aconteceu principalmente na Venezuela, onde Bolívar teve maior atuação política e obteve maior reverência da parte da

população latino-americana. Lá, conseguiu exercer maior influência na cultura política cristalizando referências culturais.

Foi justamente neste país, que possui uma característica cultural peculiar em termos políticos – de voltar-se para a representação de um passado –, que se tornou mais premente a ligação com a figura de Simón Bolívar. O que se constata – de modo peculiar – nos processamentos da cultura política da Venezuela é que por vezes é bastante estreita a associação da ideia entre ser patriota e ser bolivariano, ou seja, é uma relação quase direta em que ser patriota é ser bolivariano, e ser bolivariano sugere a ideia de ser patriota.

Destaca-se, portanto, que durante o governo de Hugo Chávez a ligação com o passado – por meio principalmente da figura de Simón Bolívar – foi ainda mais evidente. Sendo assim, o governo se lançava como o representante de uma nova proposta política para o país, porém o que se ressalta é que não perdia de vista a manutenção de um elo com o passado baseado na utilização dos personagens atuantes no processo de independência da América espanhola, sobretudo de Bolívar. Em suas alocuções, Chávez também se reportava a Simón Rodríguez e Ezequiel Zamora, que junto com Simón Bolívar compõem a tríade de revolucionários, conhecida como a *Árvore das Três Raízes*.

Na análise feita por Lander (2005, p.194-195) acerca das ideias bolivarianas apropriadas por Chávez, o autor constata que:

As definições iniciais do projeto de mudança como bolivariano, e a referência reiterada à chamada *árvore das três raízes*, têm mais um conteúdo simbólico integrador de reconstrução do sentido da história nacional e continental do que conteúdos propriamente ditos de um projeto político ou econômico para o país.

A incursão ao passado por meio da imagem de Bolívar era uma das formas encontradas por Chávez para estabelecer ligações junto ao povo venezuelano e aos latino-americanos. Por sua vez, a ideia que se passava era de que o Hugo Chávez realizaria no presente as vitórias que não foram totalmente conquistadas pelos heróis do passado. Neste sentido, se Simón Bolívar era a figura que simbolizava a libertação das ex-colônias hispânicas, Chávez colocava-se como o representante de um novo processo de independência da América Latina em relação ao imperialismo dos países dominantes (LANDER, 2005).

Diante de um cenário de crise na Venezuela, Chávez teve a perspicácia de explorar os elementos que compõem a cultura política do país – que se volta para a figura de um herói – e de associar certas características de Bolívar (militar e libertador) a sua própria imagem. Cabe mencionar que a recorrência aos heróis do passado não é uma particularidade da Venezuela, –

embora este país tenha uma maior e mais forte ligação com Simón Bolívar –, e nem mesmo do governo Chávez. Segundo Figueiredo (2011), é algo marcante na própria cultura política personalista da América Latina. Para o autor, as constantes crises na região propiciavam um cenário para o surgimento dos tais mitos.

No contexto da Venezuela, grande parte dos políticos do país – a despeito de ideologias e partidos políticos – rememoram os anos de 1810 a 1830, que corresponde à época mais gloriosa do país, quando Bolívar liderou a população venezuelana na luta pela libertação do domínio do império espanhol. Figueiredo (2011) sublinha que tanto o ditador venezuelano Juan Vicente Gómez – que governou a Venezuela entre os anos de 1908 a 1935 – quanto o esquerdista Douglas Bravo, líder da esquerda armada que atuou durante a metade do século XX, tiveram o líder político Simón Bolívar como um herói.

Em face disso, Reis (2010, p. 40) aponta que “politicamente, a sua imagem esteve presente nas insígnias que vão da extrema direita à extrema esquerda, passando por todos os matizes sociais e ideológicos”. Nesta direção, o ideário bolivariano consegue ser reinventado pelas diversas classes sociais, e assim elenca variadas interpretações que, muitas vezes, nem mesmo condizem com o pensamento original planejado no escopo dos projetos políticos de Bolívar.

Posto isto, destaca-se que dentre tantos representantes políticos da Venezuela e, mesmo da região da América Latina, Hugo Chávez foi um dos que demonstrou ter maiores interesses em investir na construção da identidade cultural latino-americana. E foi também um dos que melhor soube engendrar simbolicamente uma espécie de encarnação da figura de Bolívar, ou seja, a manipular e associar a imagem e os projetos políticos de Bolívar com os interesses do seu governo.

A análise feita por Figueiredo (2011, p. 15) traz uma reflexão interessante acerca dessa relação entre o presente e o passado;

Essa reivindicação do passado, em uma leitura bastante particular da história, mostra a existência, dentro desse imaginário político do qual Chávez é produto e também autor, de uma ideia do passado como algo suspenso [...]. Pendente de ser realizado, impedindo a chegada do futuro de libertação caso não se realize, o projeto bolivariano precisa que novas gerações o levem à prática. Caso contrário, a Venezuela e toda a América Latina, já que o pensamento bolivariano mesmo na leitura de Chávez não se restringe às fronteiras nacionais desenhadas pelas “oligarquias” vencedoras, continuariam prisioneiras da história, dessa história infértil que surge da derrota dos projetos “populares” dos libertadores. O encontro com a história deverá se opor ao distanciamento dele, pregado e oficializado pelas oligarquias. Se a história oficial dos vencedores apresenta Bolívar como uma estátua de praça aos pés

da qual depositam flores e executam hinos algumas vezes por ano, a história proposta por Chávez torna vivo esse Bolívar, autor de grandes projetos que permaneceriam atuais.

Chávez basicamente se assumiu como o continuador das missões de Bolívar, disposto a libertar o seu povo. Porém, não bastava apresentar-se como sendo mais um bolivariano, era preciso reiterar que o bolivarianismo praticado por ele era o do tipo mais autêntico. Valendo-se de uma narrativa que reforçava o teor heroico da figura de Bolívar, sob a evocação deste legado, Chávez arrogava algumas propostas deste líder e, em cima disso formulava planos para o país e para a região.

Nessa utilização do mito e de suas ideias (de um modo atualizado), no tocante ao plano internacional o governo chavista almejava que o projeto de integração não fosse totalmente tangenciado pela dinâmica do mercado, mas que se orientasse em torno dos critérios político-culturais. Neste aspecto, o projeto integrativo advogado pelo governo chavista sobrelevava as questões político-estratégicas ante as questões econômicas, com o intuito de diminuir as assimetrias regionais.

Uma das maneiras de incentivar tal projeto integrativo dava-se por meio da valorização de uma memória histórica coletiva— respaldada em torno da figura de Bolívar — como um esforço para estimular os elementos convergentes de uma identidade latino-americana. Nessa direção, intentava-se alargar para todo o continente o valor mítico de Bolívar, promovendo e ampliando por meio de sua figura, o sentimento de união dos países da região. Bolívar era, portanto o personagem mítico utilizado para desbravar, de modo simbólico, caminhos direcionados à integração. Nesse sentido, a busca da herança histórica comum em torno da região fez trilhar maiores personificações sobre a figura de Bolívar.

Assim, discute-se que a mitificação dos heróis acaba por contribuir para os processos de construção das identidades nacionais, ou continentais, como no caso de Simón Bolívar. Cabe comentar que em relação a tais mitificações, geralmente, os heróis são colocados como sendo superiores aos demais seres e como figuras dispostas a responder os anseios daqueles que lhes atribuem sentimentos de estima. Desta forma, muitos desses mitos políticos acabam encarnando o papel de salvadores. Sob outro aspecto, torna-se fundamental evidenciar as características do herói como associadas ao grupo pelo o qual este pertence. Ou seja, é essencial o modo como o personagem mitificado é percebido e enquadrado por parte do grupo. Bolívar, por exemplo, muitas vezes é descrito e tipificado como sendo um homem corajoso, destemido e capaz de lutar em prol do seu povo. Todos esses atributos destacam elementos positivos, porém não são suficientes, uma vez que é preciso destacar ainda os elementos de identificação com o grupo.

No que se refere ao Bolívar, isso acontece muitas vezes em relação ao elemento racial, ou seja, pelo fato de Bolívar ser considerado um *crioulo*⁶. E, é justamente este um dos fatores que o enquadram à identidade dos povos latino-americanos – que normalmente são caracterizados como povos mestiços.

Por fim, destacando outro aspecto, é interessante abrir um parêntese para tecer um comentário acerca do fato do próprio Simón Bolívar ter, em certo sentido, contribuído com o seu processo de mitificação e de associação da sua imagem à região da América Latina, na medida em que escrevia cartas (em que explicitava os seus projetos) e separava documentos com a devida preocupação de entrar para a posteridade (FREDRIGO, 2005). Na visão desta autora, o próprio Bolívar era consciente de que estava construindo a sua memória – ao reiterar a imagem que ele mesmo criou sobre si – com o intuito de mobilizar as gerações futuras.

Posto isto, a discussão empreendida neste tópico buscou abordar os elementos históricos e culturais comuns aos países da região, na figura de Simón Bolívar, e sob a utilização deste personagem por Hugo Chávez, que em suas narrativas discursivas apelava por identificações diligenciando uma origem comum cujo intento era justificar o seu projeto de integração regional. Assim, o debate por ora empreendido subsidiará as discussões seguintes.

1.2 A América Latina: uma comunidade imaginada

O presente estudo desenvolve uma análise em que se torna indispensável a discussão sobre questões referentes às noções de identidade, nação, nacionalismo, por se tratarem de conceitos basilares para o entendimento sobre o processo de construção de identidades, que subsidiarão os debates posteriores.

Por meio do referencial construtivista, intenta-se refletir sobre os processos de significação identitários da América Latina, como vêm sendo construídos e reconstruídos simbolicamente ao longo do tempo e como o sentimento de pertencimento a esta região pode ser substancialmente inculcado sobre os sujeitos em suas inter-relações.

Neste ensejo, tem-se a reflexão que perpassa o seguinte questionamento: “quem somos nós?”. A fim de meditar sobre tal questão, julga-se então oportuno encetar a análise sobre identidade a partir das considerações de Benedict Anderson apresentadas no seu livro *Comunidade Imaginada* (2008).

⁶ Conforme visto na citação da página 21 de Martins e Domingos Neto (2013), ilustra-se que a literatura define Simón Bolívar com esse termo.

O ponto fulcral da discussão desenvolvida por Anderson (2008) é que ele não considera as nações como unidades naturais, mas parte da concepção de que as identidades e as nações são construídas. Isto é, considera que estas fazem parte de uma narrativa inventada, no sentido de ser fruto de uma percepção da imaginação humana, sendo imaginadas para depois poderem existir.

Anderson estabelece uma definição simples sobre o conceito de nação e a entende como sendo uma comunidade, uma vez que a despeito das desigualdades entre os seus membros, estes comungam de valores comuns e conseguem se ver como companheiros – assim a coesão social é imaginada. Em vista disso, o autor também considera que a nacionalidade não é dada como algo biológico, mas trata de um sentimento de identificação nacional que é construído.

Nas palavras de Benedict Anderson (2008, p.32) “a nação é imaginada porque até os membros das menores nações nunca conhecerão a maioria dos outros membros, nem os encontrarão, nem nunca ouvirão falar deles, no entanto na mente de cada um deles vive a imagem de sua comunhão”. Tem-se então que os membros dessa comunidade imaginária não se conhecem de modo físico e pessoal –, visto que a quantidade de membros é sobrelevada –, entretanto eles são solidários entre si, em termos de união, ou seja, unidos por laços invisíveis.

Anderson (2008, p.33) caracteriza essa comunidade imaginada como sendo “intrinsecamente limitada e, ao mesmo tempo soberana”. Significa dizer que a comunidade não tem um espaço que agrupe toda a humanidade, ou seja, há fronteiras que dividem uma comunidade imaginada da outra. Tal delimitação proporciona a identificação de quem está dentro e de quem está fora de cada comunidade imaginada. E é soberana porque é autônoma ante as outras nações.

A nação começa a partir de uma consciência da nação, como um conjunto de ideias, que são socialmente aceitas pelos cidadãos. A partir dessa aceitação, orientam, sugerem e definem comportamentos compartilhados por grupos. Em face disso, o autor preceitua que as identidades nacionais acabam sendo forjadas no contexto de uma “comunidade imaginada” e que, portanto, o nacionalismo (sob os seus mais variados formatos que possam ser identificados) não é dado como natural. A identidade nacional não é como algo determinado para o sujeito, como se este nascesse e já herdasse essa identidade e a esta ele estivesse condicionado.

Desta forma, Anderson consegue somar a ideia de nação a de imaginário, de modo a dar sentido às significações e representações da comunidade. Assim, o autor rejeita as concepções tradicionais sobre o nacionalismo, em termos de não considerá-lo como um conceito homogêneo.

Depreende-se então que Anderson esboça uma análise no qual demonstra dar mais ênfase a questão relacionada ao sentimento nacional do que mesmo sobre a instituição dos Estados. Sua análise, portanto, não se mostra diretamente centrada no campo institucional (político e ideológico), mas se volta sobretudo para a dimensão do imaginário.

Anderson tenta buscar respostas para a questão sobre como ocorre a ligação dos cidadãos à comunidade imaginada e como esta se liga aos cidadãos. Para ele, o território e a língua foram elementos importantes no desenvolvimento deste processo de pertencimento.

Neste sentido, o autor não atribui o surgimento do nacionalismo, de modo direto, ao industrialismo europeu. Em vista disso, entende-se então que a compreensão de Anderson não se enviesa diretamente para os aspectos economicistas. Destaca-se ainda o fato de que o autor não concebe a história como contínua e linear.

Anderson (2008) define o nacionalismo tomando a cultura como ponto de partida, ou seja, ele é um produto cultural específico. Para entender o surgimento do nacionalismo, ele analisou os sistemas culturais do período correspondente ao século XVII, período que precedeu tal surgimento. Na perspectiva de Anderson (2008, p.39) “O que estou propondo é o entendimento do nacionalismo alinhando-o não a ideologias políticas conscientemente adotadas, mas aos grandes sistemas culturais que o precederam, e a partir dos quais ele surgiu, inclusive para combatê-los”.

Anderson (2008) constatou que antes do estabelecimento das nações modernas, havia as comunidades religiosas (com suas línguas sagradas, tal como o latim), bem como o sistema político monárquico e que o processo de decadência do latim – e, por conseguinte, o aparecimento de novas línguas – e a deslegitimação do sistema monárquico foram uns dos fatores que contribuíram para formar novas maneiras de sociabilidade que contribuíram para gerar uma espécie de embrião da nação.

Neste sentido, a análise feita por Anderson sobre a formação da nação aponta a consolidação do capitalismo tipográfico e a ascensão da mídia impressa durante o século XVIII na Europa como elementos fundamentais para engendrar redes de ligações. Assim, o capitalismo editorial e as comunicações incluindo línguas diversas corroboraram para criar comunidades imaginadas com acesso aos mesmos materiais, jornais e livros, por exemplo. O autor coloca os jornais e os romances em evidência pelo fato de considerar que estes cumpriram um papel fundamental no processo de desenvolvimento de novas maneiras de sociabilidades ocasionando a comunicação e a identificação dos indivíduos entre si.

No caso, os jornais fazem com que diferentes indivíduos tenham acesso às mesmas notícias. De modo semelhante, a história de um romance se difunde para vários indivíduos que fazem distintas interpretações. O fato desses indivíduos terem acesso ao mesmo material (jornal ou romance), muitas vezes, inclusive, em um mesmo tempo (data), como no caso dos jornais, isso corrobora para que tais indivíduos comunguem de um elo, enfatizam-se aspectos comuns. O leitor, por meio da linguagem das narrativas e enredo dos romances, sente-se como pertencente à comunidade imaginada. As notícias instigam a percepção de uma realidade temporal comum quando este leitor imagina que outros leitores podem estar a ler as mesmas notícias. Com isso, Anderson considera que a despeito das diferenças entre os indivíduos, os jornais e os romances têm poder de provocar certas homogeneidades, que por sua vez são importantes para o processo de socialização que converge para a formação da nação.

Por fim, cabe frisar a análise de Curto *et al.*(2012, p.48) sob o modo como as ideias de Anderson (2008) sobre o nacionalismo e os meios de comunicação – em contextos diversos – são fulcrais para o processo de construção de identidades:

[...] nacionalismo enquanto estrutura de relações sociais e sentido da ação humana, mesmo diante da lógica de processos de globalização que, em um nível cultural, se expandem, já não pelo capitalismo impresso, mas por intermédio de novos meios de comunicação, lugares de construção de comunidades de partilha [...]

Relacionando a discussão de Anderson com a proposta temática da presente pesquisa, vê-se claramente a importância desses meios –, e no caso, incluem-se então, os diversos meios de comunicação atuais – como colaborares da criação da noção de pertencimento a uma nação, ou região. Segundo Nogueira (2012), tal noção de pertencimento dá sentido aos elos que envolvem os sujeitos.

No livro, *A identidade cultural na pós-modernidade*, Stuart Hall retoma e adentra de modo mais profundo em alguns pontos abordados por Anderson. Em alguns aspectos encontram-se convergências de ideias, como por exemplo, a compreensão de que a nação não é apenas uma entidade política – já que trata de um sistema de representação – e que a identidade cultural não corresponde a algo permanente, mas se trata de um processo jamais completado, uma vez que está sempre em construção, e está localizada no espaço e no tempo simbólico que geram sentidos.

Ainda sob o mesmo raciocínio de Anderson, o autor também tem a percepção de que a identidade nacional não é inata. Nesta obra, Hall (2006) discute de modo profícuo a questão da identidade cultural, e ressalta que a cultura nacional – ao produzir sentidos no sistema de

representação – acaba sendo a principal fonte da identidade cultural. Assim, a cultura nacional é vista pelo o autor como um discurso que constrói sentidos, que exerce influência sobre as ações, e concebe a percepção que temos de “nós mesmos” e “dos outros”.

Assim, os laços que unem um povo, as crenças, sentimentos e discursos de pertencimento ao local de origem e o sentimento de lealdade à ideia de nação são elementos que contribuem para a construção das identidades nacionais, e são arcabouços simbólicos capazes de gerar o sentimento de nacionalidade. E, por fim o autor inquire sobre a ocorrência de uma crise de identidade na modernidade tardia.

Hall (2006) elenca maneiras de entender a narrativa da identidade cultural através de alguns pontos, tais quais: a narrativa da nação (como esta é contada e recontada de modo a dar sentido à ideia de nação), ênfase na origem das nações, a tradição inventada (que busca dar continuidade a um passado histórico), mito fundacional e a ideia de povo ou *folk* puro (que não se hibridiza com outros povos).

No que concerne à cultura nacional, o autor (2006, p. 47) aponta que:

Ao nos definirmos, algumas vezes dizemos que somos ingleses ou galeses ou indianos ou jamaicanos. Obviamente [...] estamos falando de forma metafórica. Essas identidades não estão impressas em nossos genes. Entretanto, nós definitivamente pensamos nelas como se fossem parte de nossa natureza essencial.

De acordo com os pontos elencados acima, cabe destacar a análise que Hall (2006, p.52) faz sobre os aspectos que envolvem a narrativa da cultura nacional em que trata de modo específico sobre a narrativa da nação:

Estas fornecem uma série de estórias, imagens, panoramas, cenários, eventos históricos, símbolos e rituais nacionais que simbolizam ou representam as experiências partilhadas, as perdas, os triunfos e os desastres que dão sentido à nação. Como membros de tal “comunidade imaginada”, nos vemos, no olho da nossa mente, como compartilhando dessa narrativa. Ela dá significado e importância à nossa monótona existência, conectando nossas vidas cotidianas com um destino nacional que preexiste a nós e continua existindo após nossa morte.

Nesta discussão, o autor faz considerações relevantes sobre características referentes à questão do discurso da cultura nacional. Nas palavras do autor:

O discurso da cultura nacional não é, assim, tão moderno como aparenta ser. Ele constrói identidades que são colocadas, de modo ambíguo, entre o passado e o futuro. Ele se equilibra entre a tentação por retornar a glórias passadas e o impulso por avançar ainda mais em direção à modernidade. As culturas

nacionais são tentadas, algumas vezes, a se voltar para o passado, a recuar defensivamente para aquele “tempo perdido”, quando a nação era “grande”; são tentadas a restaurar as identidades passadas. Este constitui o elemento regressivo, anacrônico, da história da cultura nacional. Mas frequentemente esse mesmo retorno ao passado oculta uma luta para mobilizar as “pessoas” para que purifiquem suas fileiras, para que expulsem os “outros” que ameaçam sua identidade e para que se preparem para uma nova marcha para frente (HALL, 2006, p. 48).

O autor se mostra atento ao ritmo das mudanças e das transformações constantes pelas quais as identidades culturais enfrentam no contexto contemporâneo. Neste processo de transformações, identidades tidas como firmes e estáveis declinam, enquanto que outras surgem ou ascendem, e isto faz parte do modo como as identidades se configuram.

De acordo com Hall, o homem da sociedade moderna apresentava uma identidade bem definida, entretanto, mudanças ocorreram de modo que as identidades foram se deslocando, se fragmentando. Por tal razão, devido a estas fronteiras que se tornaram menos definidas e que deslocaram as estruturas das sociedades modernas, tem-se a preocupação acerca de uma possível “crise de identidade” e as prováveis consequências disso. Segundo as explicações de Hall (2006, p. 09):

Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no fim do século XX. Isto está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Esta perda de um “sentido de si” estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito. Esse duplo deslocamento – descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos – constitui uma “crise de identidade” para o indivíduo.

Com o intuito de analisar esse processo de modificações e de descentralização da identidade cultural, Hall (2006) traça três concepções de identidades – a partir de alguns contextos e períodos históricos – por meio do qual as divide da seguinte forma: sujeito do iluminismo, sujeito sociológico e por último o sujeito pós-moderno. O sujeito do iluminismo corresponde a um indivíduo centrado, voltado para a capacidade da razão, em que basicamente não havia alterações deste centro (de si mesmo) no decorrer da sua existência. Percebe-se, neste caso, uma concepção voltada para uma perspectiva individualista. O sujeito sociológico é um sujeito que já demonstrava certo descentramento, mostrando-se menos autossuficiente, e ao mesmo tempo mais dependente da relação com outros sujeitos.

Nota-se a importância das influências exteriores – que envolve elementos como o ambiente social, classe social, cultura – sobre este sujeito. Por sua vez, a identidade é formada por meio da interação entre este “eu” e a “sociedade”. Tal sujeito apropria-se dos elementos históricos e interioriza os elementos da cultura na qual está inserido. Por fim, a concepção do sujeito pós-moderno apresenta uma identidade que não se fixa, é fragmentada e se transforma continuamente. Assim, os sujeitos podem assumir várias identidades em diferentes momentos. Hall (2006, p.12) sustenta ainda que nesta variedade, tais identidades podem ser “contraditórias ou não resolvidas”.

Sob outro aspecto, o autor considera que os processos de mudanças influenciaram no fenômeno conhecido como globalização, ou seja, a aceleração dessas mudanças culturais e sociais culminou para impulsionar o processo de globalização e, ao mesmo tempo, esse fenômeno teve como efeito o deslocamento das identidades centradas que, por conseguinte diversificou identidades. Isto significa que tanto houve a desintegração de algumas identidades culturais nacionais, como novas identidades híbridas foram adquirindo espaços (HALL, 2006).

Nesta perspectiva, o autor infere que a globalização produz novas identidades. Hall questiona, portanto, como as identidades culturais estão sendo afetadas ou deslocadas pelos processos de globalização. Processo este que se caracteriza por incitar, de modo concomitante, homogeneizações e diferenciações, integrações e fragmentações. Para entender esse processo de fragmentação e deslocamento envolto nesse fenômeno da globalização, o autor explica que:

[...] quanto mais a vida se torna mediada pelo mercado global, de estilos, lugares e imagens, pelas viagens internacionais, pelas imagens da mídia e pelos sistemas de comunicação globalmente interligados, mais as identidades se tornam desvinculadas – deslojadas – de tempos, lugares, histórias e tradições específicos e parecem ‘flutuar livremente’. Somos confrontados por uma gama de diferentes identidades (cada qual nos fazendo apelos, ou melhor, apelos a diferentes partes de nós), dentre as quais parece possível fazer uma escolha (HALL, 2006, p.75).

Ele discute ainda uma questão muito presente nas análises referentes à globalização que trata da homogeneização das identidades nacionais e defende, portanto, que considerar estas identidades como homogêneas é algo muito simplista. A identidade cultural e nacional, por exemplo, não conseguem permanecer intactas, uma vez que são frágeis, sobretudo, ante o processo de globalização.

Hall (2006, p. 69) examina as consequências dos aspectos da globalização sobre as identidades nacionais, e destaca as seguintes proposições: as identidades nacionais estão se desintegrando, como resultado do crescimento da homogeneização cultural e do “pós-moderno

global”. As identidades nacionais e outras identidades “locais” ou particularistas estão sendo reforçadas pela resistência à globalização. As identidades nacionais estão em declínio, mas novas identidades – híbridas – estão tomando seu lugar.

Noutro ponto, avalia-se o fortalecimento das identidades locais e a produção das novas identidades. O autor se detém em meditar sobre a tendente tensão colocada entre o global e o local na transformação das identidades. No entanto, Hall não se coloca em defesa da prevalência do aspecto global ou do local, no sentido de que um não está sobrepondo-se ao outro, ou substituindo o outro, mas na verdade o autor sustenta que ambos os aspectos articulam-se. Assim, tanto surgem novas identidades globais como novas identidades locais.

Por fim, as ideias defendidas por Anderson (2008) e Hall (2006) sobre o processo de construção de identidade são fundamentais para a compreensão das discussões posteriores que irão tratar dos papéis discursivos das notícias e as implicações destas nas constituições das identidades.

1.3 Abordagem Construtivista sobre identidade

Sob o foco analítico das Relações Internacionais, a perspectiva teórica construtivista – desenvolvida no final da década de 1989 e início da de 1990 – trouxe uma análise mais sociológica para a área, sendo importante por destacar o componente da socialização. Neste sentido, tal perspectiva também foi responsável por aprimorar discussões desafiadoras, que envolvem, por exemplo, os estudos sobre a temática das identidades.

Inserida no Terceiro Debate das Teorias das Relações Internacionais, entre racionalistas e construtivistas, esta última perspectiva teórica – com caráter reflexivo e voltado para o campo das ideias – buscou preencher algumas lacunas existentes entre as perspectivas de cunho racionalista (liberal ou realista) dominantes das Relações Internacionais que apresentavam certos determinismos e não cediam espaço para aprofundar temas como: cultura, identidade, legitimidade, linguagem e discursos (NOGUEIRA; MESSARI, 2005).

No que diz respeito às identidades, tais teorias dominantes, por vezes negam ou, então, limitam a importância das identidades nas relações internacionais. Neste sentido, no geral, o aporte teórico construtivista tende a distanciar-se das correntes científicas orientadas pelo positivismo, investindo em análises não observáveis. Significa dizer, que pelo fato do mundo social não se tratar de uma realidade dada, e nem mesmo externa, ou seja, tal mundo faz parte

da consciência humana, tem-se, então, que ciências como: a História e a Sociologia não podem partir de análises objetivas.

Neste sentido, levando em consideração que a realidade deste mundo social está em construção, e que as ações humanas são influenciadas pelas circunstâncias históricas, as pesquisas possuem caráter mais interpretativo, do que explicativo, e é daí que decorre a descrença em relação à neutralidade.

O marco inicial do construtivismo nas Relações Internacionais deu-se a partir da publicação da obra de Nicholas Onuf, denominada *World of making: Rules and Rules in Social Theory and International Relations*, publicada no ano de 1989 e da obra *Anarchy is what States make of it*, de Alexander Wendt, publicada em 1992. É a partir da obra de Wendt que o referencial teórico construtivista se consolida.

Em termos metodológicos, dentre os autores construtivistas, Wendt é um dos que fazem maiores concessões à perspectiva racionalista. O diálogo mais próximo com as percepções racionalistas dá-se também, pelo o fato dele entender o Estado como tendo papel prevalecte no sistema internacional. Assim, o autor compreende que o Estado se constitui como unidade precípua e, desta forma ele ocupa o centro da análise do sistema internacional.

De acordo com Nogueira e Messari (2005) Wendt apresenta uma versão intermediária –, ou mais moderada, definida como “idealismo estrutural” – estabelece conexões com os racionalistas e reflexivistas e destaca questões referentes às identidades. A análise feita pelo o autor volta-se, sobretudo, para o comportamento dos Estados, e ao mesmo tempo distancia-se das abordagens sobre o contexto linguístico. Já outros como Nicholas Onuf e Friedrich Kratochwil, por exemplo, apresentam versões consideradas como mais críticas e destacam as normas, os discursos e a linguagem. Isto faz com que essa perspectiva teórica construtivista, no geral, não possua um caráter homogêneo, isto porque suas inspirações teóricas são diversas.

Isto posto, ante a diversidade de matrizes incorporadas, a abordagem construtivista tem a premissa básica e comum de que o mundo é socialmente construído, reconstruído e desconstruído. Isto é, está em constante transformação e não há, portanto, uma predeterminação. Em razão disso, a realidade construída não pode ser apreendida de modo restrito a partir dos constrangimentos de ordem material, e por isso volta-se para o campo das ideias.

Por sua vez, outra questão central entre os principais debates dessa abordagem, gira em torno da discussão referente às noções de agente e estrutura. Considera-se, portanto, a ocorrência de uma influência mútua entre agente e estrutura – em que estes são interdependentes. Neste sentido, de acordo com Wendt (1999) os agentes formam a estrutura e,

ao mesmo tempo, esta estrutura também é formada pelos agentes, e ambos conferem sentido um para o outro. O autor caracteriza as estruturas como sendo distribuidoras de ideias ou de conhecimentos e estes agem no sentido de organizar as ações dos agentes.

Wendt (1999) e Onuf (1998) destacam que a estrutura pode ser definida por meio das práticas dos atores, e que nesta influência mútua entre agente e estrutura ocorre um processo de coconstituição. Todavia, nega-se a antecedência ontológica seja em relação ao agente quanto à estrutura. Para Wendt (1999), os Estados são constituídos pelas relações entre seus membros – que se repetem e são perpassadas no tempo. São os propósitos coletivos entre os seus membros que garantem as suas existências. Depreende-se com isso, que o Estado nada mais é que um discurso, uma narrativa e uma produção social, no entanto, mesmo sendo uma construção histórica, discursiva e social, o Estado não consegue se eximir dos impactos de sua realidade.

No caso das Relações Internacionais, as características concernentes aos elementos (agente e estrutura) podem corroborar para a compreensão acerca do comportamento do Estado. Na versão construtivista, o termo agente pode remeter-se ao Estado –, Estado este que não é tido nem como um ator unitário e nem como um ator racional – já o termo estrutura pode fazer referência ao sistema internacional.

A linha construtivista, em geral, tem a compreensão de que estes dois elementos interagem entre si, sem haver a primazia de um sobre o outro. Em sua análise sistêmica sobre o comportamento do Estado, Wendt (1999) preceitua que o Estado pode se empenhar para a transformação estrutural e desconsidera que os Estados sejam pré-determinados a ter um comportamento egoísta.

De acordo com o argumento de que a realidade é socialmente construída por meio da interação, depreende-se, então que os interesses, as práticas e as preferências dos Estados também são socialmente construídos. Os interesses dos atores são endógenos aos processos sociais. Partindo desse suposto referente à “construção”, tem-se, então, que a anarquia internacional – significando a ausência de uma autoridade centralizada – também é socialmente construída, e precisa ser interpretada para daí poder adquirir significado e, assim, assumir formas diversas de acordo com a socialização dos Estados.

Para Wendt (1999) a anarquia é uma instituição sustentada pelo relacionamento entre Estados. Assim, Wendt (1999) defende que devido à anarquia ser uma estrutura social, ela pode então afetar as identidades e os interesses dos Estados. De acordo com Wendt (1992, p. 395) “a anarquia é o que os Estados fazem dela”, por isso as ameaças não são naturais e o conflito ou a

cooperação depende de como o Estado os utiliza. Neste sentido, é a partir desse processo de socialização (entre os Estados) que a cooperação entre estes pode eventualmente surgir.

Outro aspecto relevante do aporte construtivista é que – sem desconsiderar o papel do Estado –, é dada grande importância ao papel dos indivíduos e da sociedade para a política nacional e para a política externa.

Noutra esfera, tem-se que construtivismo, que dá bastante destaque as mudanças, no sentido de possibilidades de mudanças no sistema internacional –, e rejeita, portanto a imutabilidade e a inércia do sistema internacional – compreende as relações internacionais como essencialmente sociais no qual a realidade é composta por fatores instáveis.

A vida social, bem como, o sistema internacional é percebida a partir dos elementos ideacionais, bem como pelos significados intersubjetivos, havendo destaque para as estruturas cognitivas, tais como as ideias e as normas. Assim, as relações internacionais são analisadas tal como se ocorressem na vida social, de modo que as normas e os agentes influenciam-se mutuamente.

Para Wendt (1999) as ideias têm efeitos profundos na vida social e possuem um papel fundamental na construção do poder e dos interesses. Sem as ideias, os interesses não podem ser compreendidos, pois são constituídos pelas ideias. Desta forma, as ideias, pensamentos e valores revelam-se mais fortes que as estruturas materiais. Significa dizer, portanto, que as ideias constituem as bases materiais do sistema. São as ideias compartilhadas que imprimem sentido e significados às forças materiais.

No caso, mesmo considerando a prevalência do idealismo (não se tratando das teorias de RI), no geral, a linha construtivista reconhece e não descarta a importância das estruturas materiais. De acordo com Wendt (1999) a estrutura é material e ao mesmo tempo ideacional, entretanto destaca-se o aspecto social. A abordagem é considerada idealista pelo fato do destaque dado às ideias compartilhadas. Wendt (1999) aponta, então, que diante da amplitude de ideias, as consideradas verdadeiras são as que exercem maiores influências nas condutas das ações.

Sob outro aspecto, tem-se que as estruturas são capazes de moldar os interesses dos agentes, além de também moldar as identidades – formadas pelo processo contínuo de interação (WENDT, 1999; ONUF, 1998). Assim, as estruturas agem no sentido de dar forma às identidades e aos interesses. Em virtude destes serem firmados por meio do processo de interação social, estão, portanto, passíveis a constantes alterações. Para Wendt (1999) as estruturas são resultantes dos processos relacionais.

No que tange às identidades, elemento central desta análise, a abordagem construtivista sugere que a formação destas, depende da articulação entre os atores. Dessa forma, elas acabam sendo o resultado da composição de diversos fatores, de modo que sintetizam múltiplas referências de identidades. Para tanto, é fundamental o modo como os atores se relacionam com as diversas referências.

Para Wendt, a noção de identidade tem a ver com a questão acerca do que os atores são, enquanto que os interesses estão relacionados àquilo que os atores querem. Diante disso, as identidades são as bases dos interesses, pois segundo Wendt (1999), o ator não pode saber o que ele quer (interesse) antes que saiba quem ele é (sua identidade).

De acordo com a percepção construtivista, as identidades e tradições –, que também são socialmente construídas e formadas por meio de ideias compartilhadas –, são passíveis de mudanças. E, ao centrar sua análise sobre o caráter dinâmico das identidades, Wendt, se desprende da atemporalidade e da imobilidade do sistema internacional.

As identidades não são materialmente encontradas, assim, é por meio dos símbolos e da linguagem que as identidades passam a fazer sentido. As identidades sociais correspondem à compreensão que os atores possuem de si mesmos em face do plano dos significados coletivos.

Em razão de serem construções sociais, as identidades são reproduzidas por hábitos e práticas. No geral, é por via da reprodução das práticas que se institucionalizam certos padrões culturais. A identidade coletiva, por sua vez, tem a ver com a sensação que os atores têm de pertencer ao grupo, de internalizar as suas práticas culturais e de preservá-las.

Para Adler (1999), as identidades, os interesses e o comportamento dos agentes políticos são construídos através dos significados, interpretações e pressupostos coletivos sobre o mundo. Assim como as identidades, tais interesses ligam-se aos processos sociológicos dinâmicos de interação.

A análise feita por Wendt (1999) sobre identidades credita pouca importância às questões políticas nos processos de construções das identidades. Neste ponto, o autor acaba por não dar tanta relevância sobre a quem interessa a tomada de uma determinada identidade como realidade.

No que tange aos Estados, suas identidades são construídas sob um referencial histórico-cultural, tanto através dos processos sociais presentes, como também, pelos processos políticos em que tais Estados lidam com os “outros”. E isto ocorre de um modo muito dinâmico onde os Estados interagem com os outros Estados, envolvendo-se assim, com outras ideologias e realidades. Nesta interação, os Estados podem assumir diversas identidades simultaneamente.

Todavia importa destacar que ainda que os Estados assumam algumas identidades, estas precisam ser reconhecidas e compartilhadas, pois do contrário será apenas algo ilusório (WENDT, 1999).

Neste sentido, o autor aponta que as identidades são construídas por dois tipos de estruturas, a interna (ou do *Self*) e a externa (ou do *Other*). De acordo com Wendt (1999), os Estados possuem a identidade corporativa e a identidade social. A primeira, fruto do nível interno, corresponde à individualidade do ator, e está relacionada à constituição do Estado como organização política. Já a segunda remete-se diretamente ao contexto de interação em que são inseridos.

Levando em consideração o fato de que os Estados são moldados pelas identidades, crenças, e normas sociais, as identidades, então, acabam por ser um dos elementos que contribuem como ferramentas de análise para compreender as ações dos Estados em meio ao sistema internacional. Isto porque a identidade, conforme antes apontado, é capaz de mostrar para o ator o que ele é, e de mostrar para si, o que os outros são.

Feita esta análise, passa-se a partir de então a debater outros pontos referentes à abordagem construtivista sob a vertente linguística que é inspirada nas concepções filosóficas de Wittgenstein – que prima por análises sobre a linguagem e o discurso. Para desenvolver tal debate é necessário recorrer aos autores, tal como Onuf, que entendem o discurso como ferramenta de análise para as Relações Internacionais e contribuem com ideias acerca desse tema.

De modo geral, os autores mais voltados para essa vertente têm a compreensão simplificada de que o mundo ou a realidade é resultado do modo de referência a ele, por meio das falas e dos discursos. Ou seja, a linguagem adotada acaba por construir a realidade na medida em que a visão que se tem sobre algo decorre da referência discursiva. Assim, a linguagem acaba sendo o elemento fundamental para o discurso, por conseguinte, ele tem o poder de construir a realidade social e estabelecer regras de comportamento centradas em relações de domínio.

Onuf (1989) argumenta que as escolhas dos agentes podem modificar a realidade social. Por sua vez, quando os agentes agem em acordo com as regras, eles revigoram tais regras. Entretanto, do contrário quando os agentes agem em desacordo, eles a enfraquecem.

Segundo Onuf (1989) os discursos produzem regras e são regulados por elas, sendo então, valorados como ação. E é neste sentido que as palavras são capazes de transformar o mundo social. De acordo com Onuf (1989) as palavras são usadas para representar as ações.

Deste modo, para as ações serem realizadas, elas precisam ter a sua base na linguagem. Assim, a linguagem exerce um papel importante para a compreensão do relacionamento entre a palavra e o mundo, pois ela estrutura o mundo e as relações.

Outro papel atribuído à linguagem está relacionado à sua capacidade de ser o meio que constitui os significados intersubjetivos. É por meio da linguagem que a realidade socialmente construída é representada. A linguagem, por sua vez, tem a valência de constituir a realidade e de influenciá-la, e uma vez que tal realidade não é fixa, pode-se, assim, assumir formas diversas. Tanto Friedrich Kratochwill (1989) quanto Onuf (1989;1998) asseveram que compreender a realidade social é basicamente descobrir os processos em que os fatos sociais são constituídos pela linguagem.

Onuf (1998) aponta ainda um aspecto muito importante no que diz respeito ao discurso: na criação das normas e das regras há discursos que detêm maior poder e, desta forma uns se sobressaem mais que outros, podendo também ocasionar maior influência que outros, e tal característica denota o caráter assimétrico do poder.

Esse capítulo apresentou teoricamente alguns conceitos fundamentais como: nação, nacionalismo e identidades sob o apoio de autores que entendem que as identidades estão em processo de construção e são relacionais. As reflexões desse capítulo são fundamentais para a compreensão sobre o modo como a região é imaginada, e os discursos voltados para reforçar laços imaginários que ligam os sujeitos, bem como sobre as tentativas de fortalecimento dessas identidades empreendidas no projeto político de integração da região.

CAPÍTULO 2. O CONTEXTO LATINO-AMERICANO E O GOVERNO HUGO CHÁVEZ: TENSÕES E CAMINHOS PARA A FORMAÇÃO DA TELESUR

Este capítulo discute o contexto político da América Latina com a emergência de novas lideranças políticas contrárias às políticas engessadas por governos neoliberais. Destaca-se o cenário político venezuelano e a chegada de Hugo Chávez ao poder. Analisa os embates do seu governo com os grupos de comunicação hegemônicos foram fundamentais para alguns direcionamentos políticos do governo Hugo Chávez, tal como a iniciativa de criar um meio de comunicação contra hegemônico voltado para a proposta de integração regional.

2.1 América Latina e contexto político da Venezuela

No âmbito externo, o contexto político apresentado nas últimas décadas mostra que as nações estão inseridas em uma ordem internacional multipolar. Em face disso, muitos países tomaram a direção de se associarem de modo a formar blocos regionais, investindo nos processos de integração regional. Tal iniciativa foi uma das maneiras dos países não se sentirem isolados – logo após o fim da Guerra Fria, marcada pela lógica política bipolar – e, ao mesmo tempo, demonstrou enfrentamento aos efeitos provenientes do processo de globalização.

Como já visto, a opção pelo caminho da integração regional ultrapassa, portanto, as questões limitadas ao interesse econômico e abrange elementos diversificados, tendo em vista que a integração não se restringe ao aspecto econômico, mas pode expandir-se de modo a atingir outros setores. Por esta razão, tem-se que, ainda que os projetos de integração muitas vezes privilegiem o aspecto econômico, outros fatores como as questões de ordem social e cultural, aos poucos vem adquirindo maior espaço em torno de alguns desses projetos, tal como vem ocorrendo na região da América Latina. Com isso, percebe-se que para que o processo de integração regional perpassasse por caminhos exitosos, torna-se fundamental o esforço do compartilhamento dos aspectos simbólicos e dos elementos identitários, capazes de causar na população o sentimento de pertencimento à região.

Os desafios que envolvem o processo de integração de uma região são inúmeros, tais como as disparidades entre os países. Os desafios costumam ser complexos e variam de uma dimensão para outra, ou seja, a integração que se desenvolve de modo positivo em um setor, pode não ocorrer da mesma maneira nos demais. Tomando como exemplo o plano político, as ações e os investimentos conjuntos corroboram para que o processo de integração da região se

concretize, podendo ser materializado, ou bem sucedido, pelo menos em alguns aspectos, enquanto que em outras dimensões o mesmo pode não ocorrer.

Em variados contextos e experiências, os fatores político-econômicos têm-se constituído como elementos propulsores para desenvolver os projetos de integração regional. No caso da América Latina, região que tem passado por profundas transformações durante o século XXI, pode-se perceber que o fator político é um dos mais significativos, já que acaba sendo o motor que impulsiona outras áreas, tais como a integração física, social e cultural. O elemento político tem sido um aspecto relevante para o processo de integração da região, tendo em vista que nas duas últimas décadas, com a ascensão de governos de esquerda – em uma parcela significativa de países da região –, o interesse pela integração regional demonstrou ser mais significativo.

Cabe mencionar um fator importante que corresponde a alguns aspectos gerais que contribuíram para que tais governos chegassem ao poder, como: o desgastado cenário político das décadas anteriores, marcado por governos ditatoriais e, em seguida, por governos democráticos que seguiram o regime político neoliberal, que redundou em crises econômicas e agravamento dos problemas em torno das questões sociais.

Para compreender o cenário das mudanças políticas ocorridas na região, é preciso esclarecer alguns pontos que envolvem as decisões e rumos tomados pela maioria dos países da América Latina em que tais direções repercutiram para o projeto de integração da região. Um dos principais pontos refere-se ao seguimento ao neoliberalismo que ocorreu no período de transição da década de 1980 para a década de 1990, em que quase todos os países do continente aderiram ao modelo estabelecido pelo Consenso de Washington que preconizava o livre-comércio, privatização, livre circulação de capital, desregulação, disciplina fiscal rígida e encolhimento radical do Estado. Com isso, houve o fim do nacional-desenvolvimentismo, caracterizado pelo processo de substituição de importações, protecionismo e autoritarismo (ARRAES, 2011). Analisando esse contexto Maya (2009, p. 12) aponta que:

A América Latina esteve imersa nestas transformações, afetada profundamente pela "crise da dívida" (e suas consequências imediatas) dos anos de 1980 — a que a Cepal chamou de a década perdida. Foi nesse penoso decênio, quando todos os indicadores socioeconômicos de nossas sociedades retrocederam, que teve início o calvário das políticas de ajuste e reestruturação econômica, impostas às economias da região pelas agências multilaterais de crédito, dominadas pelos interesses das forças econômicas e políticas dos países centrais.

Com a crise, a saída encontrada por alguns países da América Latina, foi seguir os parâmetros econômicos estipulados pelos países do centro, havendo, assim, o aumento das taxas de juros, perda do valor dos salários e restrição monetária.

Discorrendo de modo específico sobre a Venezuela, tem-se que em decorrência desse cenário, durante as décadas de 1980 e 1990, esse país experimentou uma significativa queda do Produto Interno Bruto – PIB e enfrentou um alto índice de inflação e uma sobrelevada taxa de desemprego. Segundo Maya (2009, p.16):

A recessão econômica iria provocar retrocessos em importantes conquistas sociais alcançadas durante o desenvolvimento do modelo de substituição de importações, gerando as condições para o mal-estar de diversos atores sociais e políticos que protagonizariam as intensas mobilizações de confronto no fim do século.

Assim, desencadeou-se uma série de protestos protagonizados pela população venezuelana, que posteriormente culminou no golpe de 1992⁷. A Venezuela, provavelmente, foi o país da região que mais sofreu os impactos das crises econômicas e isso repercutiu nos direcionamentos políticos do país. Esses impactos foram sentidos porque em décadas anteriores a Venezuela vivenciou um momento de elevada prosperidade econômica, diferentemente dos demais países da região (MARINGONI, 2004).

A Venezuela é um exemplo concreto de uma nação que seguiu a receita da política neoliberal. Isto resultou no colhimento de alguns resultados negativos que agravaram os problemas sociais do país. Nesta direção, Maya (2009) aponta o caso venezuelano como ilustração de uma sociedade com “fadiga de ajuste” na economia, e que em virtude dos reiterados ensaios fracassados, perdeu forças para superar a crise.

Com isso, é possível perceber que a política neoliberal não conseguiu proporcionar o crescimento e o desenvolvimento econômico esperado, conforme havia sido prometido. Por tais razões, houve crises nos países que aderiram a esse modelo, gerando insatisfações por parte da população. A América Latina que nos anos 1980 e 1990 serviu de laboratório para os experimentos das propostas neoliberais, pôde, assim, comprovar as falhas deste modelo (MAYA, 2009). A crise que acometeu a América Latina teve amplas dimensões, e a sua profundidade variou de um país para outro. Segundo Soares (2008, p. 44):

⁷ Trata-se da tentativa de derrubada do governo Perez organizado por partes das Forças Armadas.

[...] no atual cenário latino-americano, as condições engendradas pela crise estrutural do sistema do capital fazem retroceder os direitos democráticos e o grau de independência econômica dos países da região. No entanto, ao mesmo tempo, potencializam a tendência contrária de busca de soluções contrárias à ordem capitalista e neoliberal.

Em face disso, é no contexto do final da década de 1990, com intensas transformações na região que surge a figura de Hugo Rafael Chávez Frías. Após a primeira eleição de Hugo Chávez na Venezuela, no ano de 1998, outros governos de esquerda, centro-esquerda ou progressistas (de variadas tendências) chegaram ao poder, como Luís Inácio Lula da Silva, no Brasil, Evo Morales, na Bolívia, Rafael Correa no Equador, e Daniel Ortega na Nicarágua. Inspirados em Fidel Castro, o líder cubano, os governos de Hugo Chávez, Evo Morales e Rafael Correa foram os governos mais dispostos a desafiar a política externa americana e o consenso neoliberal, porém dentre estes nomes, Chávez foi quem apresentou uma retórica mais radical e crítico ao ideário neoliberal defendido pelos Estados Unidos.

Esse contexto político da região também sinalizou uma maior emergência de movimentos sociais em busca de justiça social e se mostraram resistentes ao neoliberalismo, principalmente no Equador e na Bolívia. Tais movimentos atuaram de forma ativa nas eleições presidenciais como foi, por exemplo, o caso da Bolívia, que no ano de 2005 conseguiu eleger com 42 % dos votos válidos, de modo inédito na história do país, o primeiro presidente indígena, Evo Morales. Neste mesmo ano, o Uruguai conseguiu eleger com 46 % dos votos, o socialista Tabaré Vázquez com o auxílio da coalizão de esquerda Frente Ampla. Em 2006, no Chile, a socialdemocrata Michelle Bachelet, passou a ser a primeira mulher presidenta na região da América do Sul, porém sem se mostrar tão disposta a romper com Washington.

Neste contexto, tais países – temendo o intervencionismo dos Estados Unidos – passavam por momentos de expectativas e interrogações quanto aos rumos e direcionamentos políticos. Davam-se indícios da construção de projetos políticos com tendências alternativas às políticas neoliberais, pois havia uma espécie de ondas de rechaço aos programas com tal orientação política. Em alguns casos as propostas indicavam para direção da construção de políticas em torno de um projeto socialista. Nesse cenário, cada país apresentava realidades distintas, no entanto grande parte dos países da região buscava, acima de tudo, a estabilidade dos seus regimes democráticos.

Destaca-se, portanto, o cenário da Venezuela, país que apresenta diversas particularidades no que tange ao cenário político explicitado. A Venezuela, diferente das demais nações da região estava vivendo desde 1958 um período político marcado pelo regime democrático (NEVES, 2010). Esse modelo democrático que parecia sólido entrou em crise

entre os anos de 1980 e 1990, no mesmo período em que houve a queda dos preços internacionais do petróleo e ocorreu a crise que acometeu a América Latina (BEZERRA, 2011).

Em relação ao aspecto econômico, no contexto venezuelano, a década de 1970 vivenciou períodos de bonança econômica em virtude da exportação do petróleo, e nas duas décadas seguintes ocorreu exatamente o inverso, ou seja, houve os momentos de crise. Mas mesmo assim, o Estado e as empresas petrolíferas ainda conseguiam se beneficiar com os recursos advindos do petróleo. A crise econômica que acometeu a Venezuela teve impactos na política do país, e era em torno da promessa de retomar o êxito econômico das décadas anteriores que os grupos políticos venezuelanos se orientavam. Sendo assim, a “abertura do petróleo”, e por sua vez, a desregulação do setor petrolífero e a desvinculação do Estado na administração deste petróleo, significava o maior passo para seguir as diretrizes do modelo neoliberal. Segundo Soares (2008, p.139): “A década de 80 foi a década da grande virada e da transição entre a situação da alta propriedade econômica e o intervencionismo estatal dos anos 70 e a entrada de cena, da década de 90, do chamado neoliberalismo à venezuelana”.

Nesta esfera, é preciso destacar que, do ponto de vista econômico, a Venezuela é um país que apresentou e ainda apresenta uma marcante dependência do petróleo. Segundo Maringoni (2004), o petróleo é o “motor que move a economia nacional”. Por conseguinte, a concentração neste setor causou dependências e isto fez com que a Venezuela não investisse na ampliação e diversificação da sua indústria e dos outros setores, e se restringisse a basicamente viver das benesses do petróleo, descoberto no país desde a década de 1920.

Analisando outro aspecto dessa questão, focando-se mais no plano externo, Soares (2008, p.140) afirma que “a prosperidade econômica oriunda das rendas petrolíferas não impediu ou não foi capaz por si só de superar a existência de fenômenos corriqueiros da América Latina como a intervenção estrangeira, especialmente a dos Estados Unidos”.

Somado a isso, ainda sob esse plano, na percepção de Oliveira (2011, p.16) “o fator petróleo tem se mostrado fundamental para um maior ativismo venezuelano no cenário internacional e, aliado ao regime democrático, tem se tornado, desde 1958 até hoje, um elemento estrutural da política externa venezuelana”. O petróleo venezuelano descoberto na década de 1920 contribuiu para que – a partir de então –, o país se tornasse uma peça fundamental das relações internacionais. Em relação ao contexto regional Oliveira (2011, p. 74) faz as seguintes considerações no que diz respeito ao governo de Hugo Chávez:

Seja para fomentar processos de integração regional ou programas sociais, o petróleo venezuelano se tornou, para o regime de Chávez, como para os governos da era anterior, o grande propulsor de suas estratégias e objetivos políticos. Deve-se levar em conta que a atual estratégia de inserção

internacional venezuelana encontra no petróleo, não apenas uma importante arma geopolítica, mas a mola propulsora para as estratégias de cooperação social e para a integração política regional.

Neste aspecto, o petróleo foi o produto capaz de gerar renda como também proporcionou uma maior desenvoltura do país em sua atuação internacional. Além disso, a Venezuela é um país ativo em termos de participação nas organizações que cuidam do setor petrolífero, tal como a Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP). Em face desses fatores, a Venezuela foi um país de pouco destaque no mundo, isto porque vivenciou certo isolacionismo internacional. Assim, o país geralmente era lembrado pela quantidade dos seus recursos naturais⁸, obviamente, bem mais pelo petróleo.

Comparado a uma considerável parte dos países latino-americanos, a Venezuela não teve um período de ditadura tão marcante, de modo a chamar a atenção dos países do centro. Nem mesmo a população venezuelana apresentava-se tão disposta a participar, de modo mais atuante nos processos políticos do país, tal como ocorre em tempos atuais. No entanto, a conjuntura política venezuelana, que tomou uma dinâmica mais ativa com o governo Hugo Chávez (um dos governos mais populares da Venezuela), fez com que os fatos da política doméstica do país adquirissem maior visibilidade no mundo. Por conseguinte, os direcionamentos da política venezuelana passaram a ser cada vez mais observados e, por outro lado, passou-se também a questionar o tipo de modelo político democrático adotado pelo governo chavista (MARINGONI, 2004).

Tendo isso em vista, hoje não é mais possível analisar os contornos políticos da América Latina (na emergência dos governos progressistas) e, sobretudo, a política venezuelana, sem antes tratar do governo Chávez e dos processos de transformações que ocorreram no país e que atingiram direta ou indiretamente a população da venezuelana. Também não há como discutir a integração da região da América Latina, sem tratar das investidas de Chávez para estimular tal projeto. Além disso, é procedimento incontornável não tratar desse governo sem também associá-lo à guerra travada com o campo midiático (no entorno interno e externo) e com o próprio investimento deste governo no setor de comunicações. Assim, tal jogo político se consubstancia aos empreendimentos em torno dos arranjos integracionistas.

Considerando esses aspectos, julga-se então pertinente pontuar e analisar alguns fatos que envolvem os elementos que levaram à ascensão de Chávez, sua trajetória política na

⁸ A Venezuela é um país que possui quantidades relevantes de ferro, cobre, alumínio, urânio, bauxita, além de ouro, prata, diamante.

Venezuela e no contexto político da América Latina e dos grupos de comunicação opositores ao chavismo.

2.2 A política venezuelana com o governo de Hugo Chávez

Para compreender as características do governo Chávez, sua influência para a região e processo de integração, bem como a sua relação com a mídia, considera-se pertinente comentar alguns fatos históricos da Venezuela capazes de ajudar a compreender as características da cultura política do país. Muitos desses fatos envolvem o processo democrático e a crise econômica que acometeu o país. De um modo interligado, a crise econômica da Venezuela provocou uma crise política que, em certo sentido, repercutiu nos rumos do projeto de integração da região da América Latina.

Em relação ao processo de democratização da Venezuela, destaca-se, portanto, o Pacto de *Punto Fijo* (1958), um acordo entre líderes partidários cujo objetivo era instaurar e consolidar um regime democrático convergente. Os partidos decidiram amenizar suas divergências para conseguir viabilizar uma estabilidade democrática no país, que tanto sofreu com os longos anos em que vigorou o regime ditatorial. Todavia, tal pacto partidário acabou sufocando os pequenos partidos e ainda por cima gerou uma espécie de revezamento de poder no sistema político do país. De acordo com Maya (2009, p. 15):

O Pacto de Puntofijo (ou Punto Fijo), assinado em 1958, ao fim da ditadura de Marcos Pérez Jiménez (1952-1958), resultou de um acordo entre os partidos Ação Democrática (AD), Comitê de Organização Política Eleitoral Independente (Copei) e União Republicana Democrática (URD), e pretendeu instaurar no país uma condição estável de constitucionalidade e de equilíbrio político entre as diferentes forças políticas participantes do movimento cívico-militar que derruba o ditador.

No período que antecedeu o governo Chávez, tinha-se a impressão que a democracia era sólida. Isto porque o partido da Ação Democrática (AD) e o partido democrata cristão Comitê de Organização Política Eleitoral Independente (Copei) concordavam nas regras de convivência e na alternância no poder (BEZERRA, 2011).

Através desse pacto, a Venezuela conseguiu manter certa estrutura democrática, mas o que de fato ocorria, era que os partidos se alternavam no poder, e apenas mantinham as propostas políticas de modo bem similares, ou seja, havia poucas diferenças ideológicas entre os próprios partidos. Analisando as sutis diferenças entre os dois partidos, Oliveira (2011, p.53)

afirma que “a AD era um partido policlassista, nacionalista, socialdemocrata e reformista enquanto o Copei seguia a democracia cristã europeia associada ao ideário socialista”.

Na análise de Maringoni (2004), este pacto tinha o objetivo de reduzir as diferenças ideológicas, buscar a convergência de interesses e manter o domínio do aparelho do Estado. O autor ainda assevera que o acordo significava, sobretudo, a tradução político-institucional da economia venezuelana, firmada na exportação do petróleo. Por fim, para Villa (2005, p.154) “a base material do Pacto de Punto Fijo foi dada pela distribuição clientelista da renda petrolífera. A existência do petróleo condicionou a forma de intervenção do Estado na economia, e também a relação deste com o restante dos atores políticos”.

Outro fato marcante na história da Venezuela que demonstra o cenário de crise no país, o descontentamento e o esgotamento da população venezuelana foi o *Caracazo*, uma manifestação popular caracterizada por confrontos violentos e por não apresentar lideranças específicas à frente. Este fato ocorreu contra o governo de Carlos Andrés Pérez, no ano de 1989, entre os dias 27 de fevereiro a 04 de março. O aumento das tarifas do transporte deu início aos levantes que ocorreram com maior êxito na cidade de Caracas e aos poucos conseguiu atingir outras cidades importantes do país. Mesmo com pouco tempo de duração, essa manifestação teve grande repercussão para a política venezuelana, não só devido aos elevados números de mortos e intensa participação da população, mas por transmitir a sensação de que o sistema político do país (de revezamento de partidos) já não se sustentava (MARINGONI, 2004). Outro aspecto relevante em termos de repercussão trata-se do fato de ter ocorrido uma motivação para rearticulação e até criação de alguns movimentos sociais. Analisando esse fato, Soares (2008, p.140) faz a seguinte avaliação;

Depois do *Caracazo* a Venezuela não seria mais a mesma. Se do ponto de vista econômico e social, a crise tinha se iniciado em 1983, até o *Caracazo* o sistema político do ‘*puntofijismo*’ apresentava sinais de crise, agonizava mais ainda não havia desmoronado. A partir do *Caracazo*, porém, a política venezuelana sofreria uma transformação radical. A política tradicional, com seu sistema de instituições e partidos e passou a ser extremamente desvalorizada e a chamada política de *callejera* – uma forma de mobilização popular caracterizada por protestos e manifestações de rua diretos e cada vez mais violentos – tomou seu lugar.

A partir do *Caracazo*, a população venezuelana passou a ensaiar, a cada eleição, as alternativas para transformar a política do país (MAYA, 2009). A insustentabilidade do *Pacto de Punto Fijo* deixou uma espécie de vazio de poder na medida em que faltou a presença de uma figura política forte, capaz de amenizar as dificuldades enfrentadas no país e de recuperar

o êxito econômico. Desta forma, ao viver uma onda de desencanto em relação aos partidos políticos do país, a população demonstrou anseios por mudanças de fato expressivas. Neste cenário de insatisfações, arrastado por muitos anos na Venezuela e, de articulações dos movimentos sociais foi que Hugo Chávez se mostrou disposto a se opor ao bipartidarismo presente no país. E, com isso demonstrou ser, naquele momento, a melhor opção, tanto para preencher o vazio político presente no cenário político, como para suprir os anseios dos venezuelanos descontentes principalmente com a corrupção e com o descaso ante as questões sociais.

Na visão de Maringoni (2004) sobre a referida cena política, Chávez surgiu como um personagem atípico, em um momento atípico. Hugo Chávez nasceu em 24 de julho de 1954, na cidade de Sabaneta, estado de Barinas e que era oriundo de uma família economicamente sem condições financeiras. Ele conseguiu chegar ao posto de comandante do exército e dentro das forças armadas articulou planos para a execução de um golpe. Esta articulação se deu com a organização do Movimento Bolivariano Revolucionário 200 (MBR200), cujo nome homenageava o bicentenário de nascimento de Simon Bolívar. Posteriormente, o MBR 200 passou a ser chamado de Movimento V República (MVR). A mudança de nome ocorreu porque a legislação eleitoral venezuelana passou a proibir que grupos políticos se utilizassem dos símbolos nacionais – como é o caso do nome de Simon Bolívar. Em seguida, este movimento tornou-se o Partido Socialista Unido de Venezuela (PSUV). O MRB-200 começou a atuar a partir do segundo mandato de Rafael Caldera, e depois, entre 1992 passou a atuar como organização política. Somente no ano de 1997 que decidiu constituir uma estrutura eleitoral – já como MVB – para lançar Hugo Chávez na campanha eleitoral para a presidência da Venezuela (OLIVEIRA, 2011). Tais movimentos identificavam-se com as ideias de Simón Bolívar e intentavam implementar novos modelos político-econômicos, capazes de melhorar a péssima condição social em que se encontrava a população venezuelana.

Chávez foi líder na tentativa de golpe que ocorreu no ano de 1992 contra o governo de Carlos Andrés Pérez, um líder que investia nas medidas neoliberais estipuladas pelo Fundo Monetário Internacional (FMI) para driblar as crises do petróleo. Além de tentar deter o presidente Carlos Andrés, esse golpe pleiteou convocar uma Assembleia Constituinte, porém depois se percebeu que a melhor maneira de instituir essa Assembleia seria por meio da via legal. Mas o fato é que, posteriormente, esse golpe desencadeou uma crise política no país.

O golpe fracassou em virtude da falta de um bom planejamento e o Hugo Chávez – que assumiu a responsabilidade pelo golpe – acabou sendo preso e duramente criticado por diversos

setores políticos. Porém, ante a tudo isso, em meio às explicações dadas à imprensa, ele, – assim como tantos outros políticos venezuelanos – utilizou do capital simbólico da figura heroica de Simon Bolívar, adotou a estratégia de fazer ressurgir as palavras de Bolívar e entoar um discurso em que destacava os ideais bolivarianos.

Na verdade, durante o longo processo político em que Chávez atuou, ele sempre se colocou como um cumpridor dos princípios do libertador Bolívar. Além disso, também enfatizou em seus discursos a preocupação com os problemas sociais enfrentados pela população venezuelana. Discursando de modo informal, Chávez mostrava-se um homem diretamente identificado com o povo e por meio do seu poder de persuasão conseguiu convencer e mobilizar a grande parte da população.

Neste contexto, Chávez passou a invocar a figura de Bolívar e, quando presidente, usava a figura dele como uma forma de justificar as suas próprias ações. Ou seja, como se pudesse dividir com Bolívar a responsabilidade das suas decisões. Para tanto, em outras circunstâncias, Chávez buscava equiparar-se ao grande líder do século XIX, colocando-se como o libertador do século XXI. Aliás, é importante destacar essa estratégia de colocar-se como um herdeiro de Bolívar.

Nas diversas ocasiões em que Chávez discursou a referência a Bolívar era quase uma regra. Nestes discursos, costumava moldar a figura de Bolívar aos seus próprios interesses, tal como afirma Reis (2010, p.82), “Bolívar na representação chavista virou até socialista”. Aprofundando as questões que envolvem o discurso de Chávez, o autor (2010, p.75) observa que:

O fato de Chávez utilizar em seus discursos Bolívar exacerbadamente em ocasiões completamente díspares, como por exemplo: fazendo um discurso de posse, em uma análise de governo, em uma inauguração de uma escola ou hospital ou mesmo na Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU), não significa que ele tenha um grande repertório de citações sobre Bolívar. O Bolívar de Chávez não é tão largo quanto parece, pois suas palavras são repetitivas. O que permite Chávez ter a capacidade de reformatar seu discurso aos meios que fala, é a amplitude de sua retórica. Bolívar na apropriação de Chávez é o humanitário, o guerreiro, o general, o justiceiro, o revolucionário, o professor, o sábio, o cristão, o marido, o pai, o político, o juiz, o filósofo e o profeta, sendo o título de Libertador o resumo de todas essas propriedades, e podendo pelas palavras de Chávez visualizar todas essas faces de Bolívar em poucos exemplos.

Na análise feita por Reis (2010, p.80), acerca dos discursos de Chávez, acrescenta ainda;

Chávez por vezes em seus discursos repassa para Bolívar atribuições e ideias que não condizem diretamente à realidade que Bolívar estava incluso no início do século XIX, em um exercício de anacronismo conceitual ele “diz o que diria Bolívar”, adjetivando-lhe conceitos que nunca estiveram presentes no seu tempo histórico.

Para o autor, a construção da imagem de Chávez, associada a Simon Bolívar, teve a contribuição dos intelectuais venezuelanos que exerciam cargos no governo chavista. Estes intelectuais tinham consciência da força mobilizadora contida na manipulação dos símbolos e mitos no imaginário popular e da força política constituída por essa imagem. Assim, esses intelectuais maximizaram a importância de Chávez para a revolução bolivariana por meio da apropriação de um ícone do país, para conquistar maior apoio da sociedade. Reis (2010, p. 58) sustenta que:

Assim mesmo com o fracasso do golpe Chávez não estava perdido, ele teria que convencer a nação que empunhava a espada de Bolívar, ou seja, era o representante no presente do verdadeiro projeto histórico bolivariano, pois associar-se a um mito diretamente, é fazer parte deste mito. Estar ao lado de Bolívar, representar seu projeto, honrá-lo, é ao mesmo tempo ser Bolívar, desde que haja uma aceitação dos que vivem o mito.

Neste sentido, de acordo com Villa (2005, p. 160), do ponto de vista político:

[...] o uso estratégico dos símbolos da nacionalidade, com destaque para o uso do discurso e do legado bolivariano, adquire no projeto de Chávez certa singularidade. A figura de Bolívar permite que tal símbolo da nacionalidade venezuelana se transforme em uma espécie de fonte de legitimidade e de autoridade do ator político individual – Hugo Chávez. Tal estratégia, dessa forma, transcende o simples apelo, atingindo o *ancestralismo*. A recuperação do discurso bolivariano, em um país onde a figura e o exemplo de Bolívar continuam moldando muito a nacionalidade venezuelana, tem uma eficácia política importante, na medida em que oferece a um discurso abstrato um sentido concreto. Chávez tem feito do discurso bolivariano um instrumento concreto de ação política. Assim sendo, o discurso bolivariano deixa de ser só um elemento supra-histórico aglutinador da nacionalidade venezuelana, transformando-se em um instrumento concreto de política.

Dito isto, foi por meio das tentativas frustradas de golpe, e no investimento de associar a sua imagem política e seus projetos políticos com os de Simon Bolívar, que Chávez começou a adquirir maior popularidade dentro do país e a conquistar o apoio da população, principalmente, da mais desfavorecida. Ou seja, foi a partir desse momento (da tentativa de golpe) que nasceu o “Chávez político” (OLIVEIRA, 2011). Além disso, também foi a partir daí que ele passou a chamar a atenção em termos internacionais, sobretudo para os Estados Unidos.

No ano de 1998, quando ocorreu o processo eleitoral, a Venezuela passava por um momento de mudanças relevantes no âmbito do cenário político, havendo tanto o declínio de partidos tidos como tradicionais, como o surgimento de novos partidos. Segundo Maya (2009), durante a disputa da eleição de 1998⁹, Hugo Chávez foi o único candidato a lançar, ainda em campanha, um discurso que se opunha às políticas petroleiras instauradas no país e a lançar críticas à subordinação do país aos Estados Unidos.

É importante mencionar que neste processo eleitoral, Chávez praticamente não contou com os recursos dos meios de comunicação. Isto porque na Venezuela o horário político tinha, na época, a característica de ser, tanto pago, quanto gratuito. Isto quer dizer que na Venezuela as TVs abertas tinham a liberdade de escolher os candidatos e estipular o tempo usado para a sua propaganda eleitoral (ROVAI, 2007). De acordo com essa lógica, não há como os políticos não se sentirem pressionados para estarem alinhados com os interesses da grande mídia.

Com a proposta de resolver muitos dos problemas sociais do povo, a vitória de Chávez – que contou com a ampla participação da população na eleição – sinalizou, sobretudo, a derrota da oligarquia venezuelana e a decadência do sistema bipartidário da Venezuela. Este triunfo eleitoral de Chávez dava indícios de mudanças nas relações de poder e nas forças políticas do país. Cabe destacar que os elementos responsáveis pela sua vitória foram, exatamente, o distanciamento mantido com a política tradicional e a sua crítica incisiva ao regime neoliberal. No caso, este último aspecto passou a ser o fio condutor ou a pauta essencial do seu governo.

Ao assumir o poder, logo de início ele teve que lidar com diversas dificuldades, dentre elas, as dívidas e a instabilidade econômica deixada pelos governos anteriores, mas, sobretudo teve que enfrentar fortes grupos opositores. No que tange à política doméstica, o momento de crise encarado pela população era muito grande e para sair dessa situação, houve o aumento do investimento em programas sociais. Tal iniciativa, conhecida como missões, teve o objetivo de atuar em diversas áreas como educação, saúde, cultura e meio ambiente. Logo quando se deu o início da realização dessas missões, por volta de meados de 2002, a Venezuela contou com amplo apoio do governo cubano e em contrapartida a Venezuela vendeu petróleo por um preço abaixo do mercado internacional. A cada ano o governo venezuelano buscava aumentar os gastos em torno das questões sociais, e esse investimento repercutiu, posteriormente, em indicadores sociais que chegaram a mostrar números positivos. Com esses resultados, as

⁹ Chávez disputou as eleições tendo Irene Sáez, ex-miss universo e ex-prefeita de Chacao como um dos principais nomes à concorrência.

missões garantiram o caráter assertivo das políticas públicas do governo chavista (HARNECHER, 2004).

Isto ocorreu também em virtude de uma mudança de perspectiva em relação ao gasto dos recursos advindos do petróleo, ou seja, o governo chavista buscou fazer com que o petróleo venezuelano deixasse de ser garantidor de privilégios e por essa razão investiu na estratégia da nacionalização (MARINGONI, 2004). Em relação às missões, há autores como Maya (2009) que defendem que essas missões tinham propósitos eleitorais implícitos, não só no que diz respeito à reeleição, como também intencionavam vencer os referendos.

No que se refere às dificuldades enfrentadas no âmbito internacional, logo de início, o governo sofreu certo isolamento e, por isso buscou-se de forma incisiva impulsionar politicamente o processo de integração regional. Almejava-se que tal integração ultrapassasse propostas meramente econômicas. Sendo assim, a integração latino-americana correspondia a uma das estratégias diplomáticas para firmar a Venezuela no cenário internacional.

Na visão de Valente (2007), Chávez não tinha anseios de fazer com que a Venezuela se tornasse o país líder na região, até porque as condições para isso acontecer eram bastante difíceis, porém tinha o objetivo de somar as forças políticas e fazer com que os países da região tivessem mais autonomia. A busca por uma melhor inserção regional e diversificação das relações internacionais, fez com que a Venezuela incrementasse o comércio com os países da região (OLIVEIRA, 2011).

Para enfrentar as dificuldades referentes às questões do âmbito externo, Chávez investiu no fortalecimento do Ministério das Relações Exteriores e tendeu a centralizar a política externa nas mãos do executivo (OLIVEIRA, 2011). Neste ponto, a política externa norteava-se em defesa da soberania nacional e da promoção de um mundo multipolar (OLIVEIRA, 2012a). Neste sentido, tem-se ainda que:

[...] é possível destacar, na agenda externa do governo Chávez os elementos concernentes à defesa de uma ordem internacional multipolar e solidária, especialmente, com os países subdesenvolvidos e com as nações latino-americanas a promoção de uma identidade comum entre os países da região, com uma nítida fundamentação ideológica de esquerda e resgate da doutrina das múltiplas identidades na definição das prioridades regionais (OLIVEIRA, 2012a, p.73).

Ainda no que se refere às principais dificuldades enfrentadas pelo governo, pode-se destacar a forte perseguição midiática dos Estados Unidos, que se sentiam bastante

incomodados com os rumos tomados pelo governo chavista, como, por exemplo, a crescente aproximação da Venezuela com o governo cubano.

Nas questões domésticas, mais do que a preocupação com as dívidas deixadas pelo governo anterior, havia uma necessidade premente de realizar uma reforma política, que investisse em mudanças de ordem constitucional. Na concepção do governo chavista, para conseguir proporcionar mudanças estruturais em torno dos problemas sociais, seria necessário, antes, uma reforma constitucional. Por isso, Chávez tratou logo no início do seu governo de convocar uma Assembleia Constituinte, em substituição a de 1961. A proposta de convocação de uma nova constituição significou um ato simbólico cujo sentido expressava a refundação da pátria (LANDER, 2005).

A nova Constituição, promulgada em dezembro de 1999, contou com o apoio da população – com a aprovação de 71, 78% dos votos de um referendo – e trouxe inovações que atingiram o plano político ao estimular e fixar referendos e por reforçar o papel do Estado. Cabe destacar algumas mudanças, tais como: do nome do país de República da Venezuela para República Bolivariana da Venezuela, aumento do tempo do mandato presidencial para seis anos, dissolveu-se o Congresso e a Corte Suprema e acrescentou dois novos poderes públicos (Cidadão e Eleitoral), e por fim, ampliou-se a participação popular nos processos políticos (OLIVEIRA, 2011).

Em relação a este último aspecto, pode-se dizer que a Nova Constituição criou mecanismos para tentar viabilizar a democracia participativa, capaz de ser vivenciada no cotidiano da população. Isto significou o elemento fundamental para a construção de um regime político norteado por uma democracia com anseios de ultrapassar as liberdades civis. Isto é, tendo o objetivo de proporcionar igualdades sociais e colocar a população como protagonista, dando-lhe, portanto a sensação de empoderamento no processo político. Isto expressa que a atual constituição venezuelana não primou pela defesa da democracia representativa, mas procurou avançar trazendo outra concepção de democracia (OLIVEIRA, 2011).

Bezerra (2011) avalia que o caráter democrático do sistema jurídico do país não foi capaz de impedir a personalização do poder. Sob uma análise mais crítica, Rafael Villa (2005) sustenta que essa constituição se destacou pela excessiva concentração do poder nas mãos do presidente.

Tratando-se de pontos específicos, tal como o que concerne aos meios de comunicação, Bezerra (2011, p. 101) analisa que:

A Constituição de 1999 erigiu a liberdade de expressão como direito imprescindível à democracia. Assim, da mesma forma em que sancionou a ampla liberdade de expor pontos de vista, impôs responsabilização posterior por abusos, da mesma maneira que vedou a censura, estipulou aos proprietários centrados meios de comunicação o dever de veracidade; da mesma forma que a garantiu a propriedade privada midiática proibiu o monopólio e a concentração. Por esta sistemática, em suma, a liberdade foi regrada e como direito pertencente à coletividade dos cidadãos a quem cabe a transmissão e a recepção de informações oriundas de múltiplas fontes – sem restrição de grupos políticos – cuja efetividade cabe ao Estado assegurar.

Outro ponto relevante para esta discussão trata da integração regional. Neste sentido, Oliveira (2011, p. 89) assevera que:

No que se refere ao processo de integração regional, se compararmos os artigos 108 da Constituição e o artigo 153 da Constituição 1999, percebemos mudanças significativas, pois a nova carta visa promover um processo de integração que vai além da mera integração econômica. Por outro lado, a constituição bolivariana, além de ser mais específica e detalhista quanto à integração latino-americana, ainda estabelece que as normas adotadas no marco dos acordos de integração devem prevalecer sobre o ordenamento legal interno.

A Constituição venezuelana de 1999 acabou se tornando o símbolo de uma nova pátria. Isto chamou a atenção do mundo, e ante o olhar atento dos observadores internacionais, bem como da imprensa internacional, tal constituição foi muito debatida. A CNN em espanhol, por exemplo, foi uma das emissoras que dedicou tempo nos seus noticiários para analisá-la e também prognosticar os possíveis fracassos da política venezuelana advindos da nova constituição.

Importa destacar, o papel da CNN como uma emissora disposta a criticar as medidas do governo chavista, entretanto, este papel crítico também coube a grande parte da mídia internacional, que se colocava em defesa dos interesses capitalistas neoliberais. Por outro lado, a mídia venezuelana – diretamente ligada aos interesses da oligarquia do país – também sentia dificuldade de aceitar, a retórica revolucionária de Hugo Chávez e os apelos nacionalistas da reforma bolivariana proposta pelo governo. Porém, em certos momentos aceitava facilmente as diretrizes impostas pelos Estados Unidos à Venezuela, comungando inclusive dos mesmos discursos apregoados contra o líder venezuelano. O antiamericanismo foi um importante ponto de ruptura do governo Chávez em relação aos outros governos do seu país e, obviamente isso trouxe muitas insatisfações para a elite do país, diretamente aliada aos Estados Unidos.

2.3 A oposição chavista e o golpe de 2002

A elite venezuelana sempre exerceu enorme controle do poder econômico ao lucrar com a indústria petrolífera. Por sua vez, esta elite também detinha poder político com atuações no governo por meio do controle dos poderes Judiciário e Legislativo. Sua atuação dava-se ainda através de influências no campo midiático. Este grupo se viu prejudicado com a entrada de Hugo Chávez na presidência do país e com as decisões tomadas pelo seu governo, e então partiu para arrazoar tal governo.

Além dessa elite, outros grupos se destacaram no mote dos opositores que açodaram o governo chavista, dentre eles, os banqueiros, uma parte da igreja, os grupos internacionais, e alguns segmentos das Forças Armadas. A oposição acusava Hugo Chávez de praticar uma política personalista, em virtude do excesso de publicidade oficial, em que havia fotografias do presidente espalhadas por toda parte da capital e de várias cidades do país (NEVES, 2010). Este ponto, em particular, que trata dos grupos de oposição, merece atenção especial, uma vez que consegue explicar as razões pelas quais, Hugo Chávez e a oposição assumiram determinadas posições políticas.

Desta forma, Neves (2010, p.66) aponta os grupos de oposição que se uniram com a finalidade de tentar derrubar o governo:

Uniram-se em torno do grupo de oposição denominado *Coordinadora Democrática de Acción Cívica* (CD) e Federação de Câmaras e Associações de Comércio e Indústria (Fedemares), a Confederação dos Trabalhadores da Venezuela (CTV), a mídia privada e a Frente Institucional Militar, formada por militares descontentes com as transformações que Chávez impôs às Forças Armadas.

A crise dos partidos tradicionais fez com que a mídia venezuelana preenchesse um grande espaço dentro do grupo de oposição do país. E assim, esta se tornou um dos principais agentes que investiram em deslegitimar o projeto bolivariano, fazendo isso em defesa da democracia, ou seja, alegando que este modelo não estava sendo praticado no governo Chávez. A oposição saiu do campo político-partidário para se assumir nos meios de informação comercial (ROVAI, 2007).

A Venezuela, não apresentou uma base política partidária com influência suficiente para agir como oposição ao governo Chávez, e quem passou a exercer essa influência oposicionista foram os detentores do poder econômico e os donos dos meios de comunicação que se integraram a essa elite econômica. Os grupos de comunicação da Venezuela, os canais privados, *Venevisión*, *Rádio Caracas Televisión* (RCTV), *Globovisión* e os jornais *El Universal*, *El*

Nacional, Tal Cual, El Impulso, El Mundo e El País foram os principais meios que fizeram oposição ao governo (ROVAI, 2007).

Ao se tratar desses opositores, em especial dos grupos de comunicação, não há como não se referir a Gustavo Cisneros, que foi uma peça fundamental na execução do golpe de 2002, tendo em vista que, inclusive, o seu avião particular foi utilizado para transportar o Hugo Chávez. Aliás, Rovai (2007) afirma que a história dos meios de comunicação venezuelanos perpassa a saga da influente família Cisneros.

Desde 1940 que este grupo investe na criação de empresas nos mais variados setores e a partir da década de 1960 foi que a organização passou a investir no ramo das comunicações, com a compra da emissora estatal Televisa, que passou a chamar-se *Venevisión* (BRAZ, 2010).

Dentre as maiores organizações midiáticas da América Latina, como a Rede Globo de Televisão, no Brasil pertencente à família Marinho, o grupo Clarín na Argentina fundado por Roberto Noble, o grupo da família Cisneros é o mais afortunado, pois dentre estes, é o que mais detém maiores negócios empresariais. Segundo o autor, Gustavo Cisneros possui uma das maiores fortunas da América Latina, como também do mundo, estando durante o ano de 2006, na lista dos 500 homens mais ricos do mundo. Por sua vez, tem-se que grande parte dessa riqueza advém de investimentos no setor de comunicação. De posse de tantos bens, a família Cisneros sempre opinou incisivamente nas questões políticas do país.

Por tal razão, em desacordo com as medidas, por vezes anticapitalistas de Chávez – com o projeto chavista de implantar o socialismo do século XXI – este grupo de comunicação empenhou-se por se opor ao governo. De acordo com as informações de Rovai (2007, p.26):

A organização Cisneros é acionista majoritária da *Univisión* uma rede de televisão em língua espanhola que possui 18 estações nos Estados Unidos e tem a maior audiência entre a comunidade latina do país. Em 1998, aliou-se a *América On Line* com o objetivo de dominar os serviços da internet da América Latina. Essa ambiciosa combinação de internet e televisão em nível continental e regional garante ao grupo uma extraordinária influência na vida cotidiana de, aproximadamente 500 milhões de latino-americanos. Além da *Univisión*, *Venevisión*, *Radiovisión*, e *Direct TV Latin America* (144 canais que são vistos em 100 milhões de residências) o grupo tinha, quando do golpe de abril de 2002, participação acionária *Chilevisión* e na rádio *Ibero American Radio Chile* (ambas do Chile), no *Canal Televisión* (da Colômbia) e na *Caribbean Communication Networks*.

Esses grupos empresariais, como um todo, são considerados atores políticos importantes, em virtude do grau elevado de coesão. No caso dos meios de comunicação, a força deste grupo estava no monopólio das informações, e isto era o que lhes assegurava poder. Em

face disso, é que a elite se transforma em um verdadeiro partido de oposição (HARNECKER, 2002; MARINGONI, 2004; ROVAI, 2007). Sendo assim, uma das formas de atuação desse grupo era formar uma opinião pública negativa do governo por meio da informação uniformizada. Importante destacar que esse processo de uniformização dá-se basicamente da seguinte forma:

O discurso dos meios é unificado por um instrumento de padronização da cobertura, conhecido pelos venezuelanos como “una sola voz”. Trata-se de um processo de concentração de conteúdo, principalmente nas emissoras de TV, mas também em emissoras de rádio e jornais impressos. Um repórter faz o trabalho para todos os veículos e o tom é editorial é formatado verticalmente. A reportagem é divulgada para as emissoras com o mesmo enfoque, o que impede que haja contradições, principalmente na cobertura política (ROVAI, 2007, p. 29-30).

Feito essas considerações, tem-se então que o governo chavista, que investiu em uma política com caráter personalista, não conseguiu institucionalizar um novo sistema de partidos políticos na Venezuela. E, por outro lado, a oposição atuante no país era fragmentada politicamente e se mostrava incapaz de se legitimar eleitoralmente. Desta forma, a oposição acabava por reduzir-se à proclamação de um discurso em prol de um antichavismo (VILLA, 2005). O confronto entre a oposição e o governo acabou restringido, e os ataques foram se voltando para o campo midiático.

Os meios de comunicação da Venezuela sempre foram um grupo politicamente forte e atuante no país. Antes do governo Chávez, tais meios conseguiam junto com outros grupos empresariais traçar os rumos políticos do país. Este mesmo grupo hegemônico deu total apoio ao Pacto de *Punto Fijo* e se serviu de instrumento de propaganda para este sistema estatal. Logo, tais grupos se sentiram muito incomodados com o estilo altivo de Chávez. A força oposicionista se mostrou ainda mais presente quando este grupo se sentiu prejudicado pelas novas orientações políticas dadas pela nova constituição, pela retórica anticapitalista, e em geral, por não conseguir deter as reformas políticas implantadas no país. Na verdade, o golpe de 2002 representou o ápice da perseguição dos grupos midiáticos ao governo chavista. Mas antes disso, desde o período eleitoral, esta perseguição era perpetrada de uma maneira menos evidente, mas talvez não menos ofensiva (ROVAI, 2007).

Em um clima de constante animosidade, e com uma postura por vezes radical, as emissoras venezuelanas privadas e considerável parte da mídia internacional costumavam se referir ao Hugo Chávez usando termos como; ditador, populista, autoritário, golpista, inepto e falastrão. Porém, também era corriqueira a troca de insultos vindos da parte do presidente aos

seus oponentes. Havia a divulgação de notícias e matérias jornalísticas destacando as dificuldades enfrentadas pelo país, e isso era feito com o intuito de demonstrar que o modelo político chavista era incoerente.

É importante mencionar que a mídia estatal e a mídia privada retratavam de modo muito distinto um mesmo fato, havendo, portanto, distorções dos acontecimentos de acordo com a percepção e interesse de cada um desses meios. Com efeito, cabe observar ainda o formato do jornalismo apresentado por grande parte das redes privadas de televisão da Venezuela, principalmente, *Venevisión* e *Globovisión*. Segundo Simioni (2007, p.123) “a mesma linguagem dramática e romancista típica da estética das novelas é usada também nos telejornais”.

Neste mergulho sobre a forma como os meios midiáticos conseguem agir de maneira peculiar para passar a sensação de caos político para a população, tem-se a perspicaz avaliação de Simioni (2007, p.123-124):

A estética da maioria dos programas televisivos ditos jornalísticos na mídia privada é constituída pela fórmula: apresentadores (homens e mulheres), brancos e atraentes, transparecendo tensão e preocupação (como se um *Caracazo* pudesse acontecer a qualquer momento) cuja pauta é voltada a narrar e avaliar acontecimentos do noticiário nacional – com destaque para o que se diz e faz o presidente Hugo Chávez, e, ao fundo, uma curta trilha musical que lembram filmes de suspense ou mesmo de terror que se repete continuamente enquanto os locutores falam.

Dado esse enfoque, no ano de 2001, os grupos opositores do governo começaram a se unir com o objetivo de derrubar o governo e retomar os seus antigos privilégios. Durante os anos de 2001 e 2002, esses grupos estimularam paralizações e organizaram sucessivas manifestações contra o governo, o que desencadeou em greves gerais. Sendo assim, tais eventos também serviram de pretexto para que a oposição articulasse um golpe para destituir o presidente do poder. Isto se deu na medida em que as emissoras de televisão organizaram marchas contra o governo.

Além disso, existiu a suspeita – da parte dos chavistas –, de que os Estados Unidos e também a Espanha estivessem envolvidos na articulação deste golpe, embora não tivessem provas totalmente concretas acerca dessas acusações. Mas o fato é que estes dois países – que intencionavam isolar o governo de Hugo Chávez internacionalmente e com interesses nas questões referentes ao petróleo – foram os primeiros a aceitar o governo de Pedro Carmona.

O clima de insatisfação da direita chegou ao limite quando o presidente anunciou nos meios de comunicação, e em rede nacional, a demissão de alguns executivos da PDVSA. O motivo apresentado para as demissões teve relação direta com o fato dos altos funcionários terem apoiado as greves gerais (ROVAI, 2007).

Neste contexto, o poder da elite venezuelana – controladora dos meios de comunicação – pôde ser diretamente percebido quando esta investiu em um golpe midiático para tirar Hugo Chávez do poder e substituí-lo por um dos seus representantes. No caso, o nome escolhido para substituí-lo foi o de Pedro Carmona Estanga, um influente empresário que na época presidia a Fedecámaras, uma das principais associações empresariais do país.

A articulação da direita culminou no golpe que ocorreu no dia 11 de abril e perdurou até o dia 14 deste mesmo mês, tendo a característica de ter sido um conflito bastante sangrento. Diante disso, Valente (2007) considera que este foi um dos momentos políticos mais tensos e importantes da história recente da Venezuela.

O golpe se concretizou quando o Palácio presidencial de Miraflores foi cercado e os opositores do governo conseguiram tomá-lo e depois prender Hugo Chávez e posteriormente levá-lo para uma base na Amazônia venezuelana. No momento em que o golpe estava acontecendo, Chávez tentou fazer um discurso e enquanto falava a tela foi dividida, mostrando de um lado somente a sua imagem (sem o áudio da sua fala) e do outro, exibiam as imagens da marcha insurrecional dando destaque ao som dos gritos dos manifestantes que protestavam contra o governo. Para completar, cortaram o sinal da TV estatal, VTV (BRAZ, 2010). Durante o golpe, a TV estatal foi invadida por algumas tropas militares e com isso foi impedida de fazer transmissões. Deste modo, as informações sobre o golpe eram transmitidas exclusivamente pelos meios privados.

Os meios de comunicação empresariais insistiam em divulgar o não ocorrido, ou seja, eles afirmavam que havia acontecido uma renúncia voluntária do presidente (BEZERRA, 2011). De acordo com Valente (2007, p.140):

O silêncio dos meios de comunicação venezuelanos também foi marcante. Para os venezuelanos que não puseram os pés na rua, a realidade era bem diferente, tanto dos reformistas quanto de quem só acompanhava as notícias pelas agências internacionais. Segundo informações divulgadas pelos próprios meios de comunicação do país, os veículos adotaram uma atitude de autocensura absoluta. Em vez de mostrar os saques e distúrbios que aconteceram nos bairros da região oeste de Caracas onde vive grande parte da população mais humilde, canais de TV como a *Globovisión*, por exemplo, transmitiram as imagens do dia anterior. Isto em meio a rumores de choques entre grupos de chavistas e policiais e rebeliões militares.

Neste sentido, o autor também aponta que a palavra golpe não era usada nos textos das notícias divulgadas pelas agências internacionais. No geral, o intuito dos opositores era colocar o Pedro Carmona no poder sem que o povo entendesse que o que de fato estava acontecendo era um golpe de Estado. Assim que Chávez foi preso e Carmona assumiu o poder, a imprensa local – na manhã do dia 12 de abril – logo tratou de comemorar a saída de Hugo Chávez do comando da presidência e fez isso de uma forma bem explícita nos seus noticiários. Depois disso, passaram a divulgar a figura de Carmona como o novo presidente do país, havendo da parte da imprensa, grande empenho em produzir reportagens que qualificassem Carmona. Nesta dissensão, Carmona passou então a representar o próprio símbolo de oposição ao chavismo.

Neste contexto, cabe destacar ainda a reação – de uma importante parcela – dos meios de comunicação do Brasil, em especial a revista *Veja* e a Rede Globo de Televisão, que assim como a imprensa venezuelana e as agências internacionais, também chegou a celebrar a derrocada de Chávez. No entanto, essa mesma imprensa ignorou nos seus noticiários os fatos que estavam ocorrendo no país, ou seja, não havia a divulgação de que a população manifestava-se em favor do retorno do presidente Hugo Chávez (MARINGONI, 2004).

A imprensa também se mostrou indiferente ao fato de que países como Argentina, Brasil, México e França condenavam o golpe (ROVAI, 2007). Segundo Bezerra (2011, p. 109) “As emissoras de rádio e televisão ignoraram a mobilização sucedida. Ao invés de promoverem a intensa cobertura jornalística, ocorrida nos dias anteriores, veicularam programação amena”.

Ademais, a mídia televisiva do país chegou a usar de vários artifícios, como, por exemplo, a montagem de imagens de arquivo em matérias de reportagens ao vivo sobre o golpe, como forma de passar a impressão de que uma grande multidão havia se manifestado contra o governo Chávez, fazendo isto com o intuito de instigar mais opositores ao governo (ROVAI, 2007).

Segundo Valente (2007, p.136):

A expressão golpe até então era quase uma heresia. Sua propagação poderia incitar os vizinhos a usarem a OEA contra o novo regime, e isso não era interessante. Reportagens sobre essa possibilidade nem sequer existiam. Nem sobre o fato de um presidente eleito democraticamente ter sido derrubado e, em seu lugar, não ter assumido nem o vice nem o presidente do Congresso. A mensagem repassada por todos os grandes veículos era de otimismo: barril do petróleo caindo e oposição comemorando em Caracas.

O autor complementa essa discussão analisando aspectos específicos da mídia internacional e afirma que as notícias divulgadas pelas agências internacionais são veiculadas para diversos meios e para vários lugares espalhados pelo mundo, sendo muitas vezes a única fonte de informação acerca dos temas internacionais. Porém, a questão é que esta informação acaba sendo veiculada na íntegra, ou seja, sem haver, portanto, uma avaliação profunda dos fatos divulgados por essas agências, pelos demais jornalistas locais. Por tal razão, por vezes torna-se difícil confiar nas informações divulgadas pelas agências internacionais de notícia. As informações sobre o golpe de 2002 são exatamente uma prova disso, uma vez que as informações das agências internacionais sobre a realidade da Venezuela foram simplesmente distorcidas.

Feito essas considerações, Valente (2007, p. 130) analisa o golpe sob a seguinte perspectiva;

Um fato interno venezuelano, não fosse a forma como a crise foi repercutida na mídia internacional, na maneira como os Estados Unidos encararam os acontecimentos e, principalmente, na formatação que a mídia (venezuelana e estrangeira) deu ao episódio. Os dois lados que disputavam o poder em Caracas travaram uma verdadeira guerra de comunicação, com o objetivo de ganhar a adesão dos venezuelanos, mas também da comunidade internacional. Uma diplomacia midiática silenciosa e ativa vigorou como um ator a mais nas negociações entre os poderes internos e as forças externas que observavam e interferiam na crise.

Ainda em relação aos fatos concernentes ao golpe, Pedro Carmona em tão pouco tempo no poder – rapidamente formado e desfeito –, já se mostrou disposto a fechar o congresso, a por o fim na Constituição de 1999, aprovada por meio de referendo. Tal medida demonstrou uma atitude de total desrespeito a população que aprovou essa constituição, e isto trouxe insatisfações inclusive para alguns que estavam apoiando o golpe. Além dessa atitude, Carmona também decidiu destituir os prefeitos e governadores do poder, o que fez com que este perdesse ainda mais apoios.

No que tange aos meios de comunicação, Rovai (2007, p.50) sublinha que “o governo de Pedro Carmona nem estava instalado e as rádios comunitárias do país já sentiam a força democrática de suas ações. Os veículos de comunicação alternativa haviam sido invadidos e tirados do ar ainda durante a madrugada do dia 12”. Em meio a essas atitudes, por sua vez quem era tido como ditador era Chávez e não Carmona.

Neste sentido, Valente (2007, p.131) constata que:

Chávez, independente da forma como conduzia seu governo, não podia ser chamado de ditador. Exercia mandato regular, eleito pelo voto popular direto. Não fechou as instituições democráticas e, nem até aquele momento, havia restringido poderes civis e políticos de cidadãos venezuelanos. No entanto, a palavra ditador foi a mais usada nos fax das agências internacionais que relatavam os casos do dia 11.

Em relação ao andamento do golpe, houve uma espécie de contragolpe, ou seja, os partidários de Chávez e a população – depois que perceberam que este não havia renunciado – moveram-se reivindicando nas ruas, a volta do presidente ao poder. A população se organizou e montou barricadas para enfrentar a polícia, e fez isso por meio de painéis e tiroteios. Importante salientar a iniciativa que tiveram de cercar as redes de televisão, exigindo que estes meios divulgassem a verdade dos fatos em relação ao golpe (ROVAI, 2007).

De acordo com o relato a seguir, em síntese, esse fato ocorreu da seguinte forma:

Uma ampla mobilização popular derrubou o golpe e possibilitou o retorno de Chávez no poder após dois dias, mas não acalmou os ânimos dos contentores: em dezembro de 2002 uma nova tentativa de ruptura institucional foi promovida, não mais seguindo a tradição latino-americana do golpe militar, mas por uma greve patronal nacional – conhecida como *petrolero* ou *segundo paro cívico nacional* – a partir da PDVSA e que atingiu quase todas as empresas transnacionais venezuelanas. (BEZERRA, 2011, p.103-104).

As forças armadas estavam divididas em relação aos apoios. Carmona, por exemplo, contou com o suporte dos militares das mais altas patentes, enquanto Chávez se dispôs do apoio dos militares das camadas intermediárias, que contava com um número maior. Neste contexto de grande mobilização popular em favor da figura do presidente deposto, Carmona abandonou o palácio presidencial. Tais apoios foram primordiais para o retorno do antigo presidente, no entanto, isto não conseguiu impedir que uma nova tentativa de golpe fosse tomada em dezembro de 2002.

No que concerne ao retorno de Hugo Chávez à presidência, os meios de comunicação venezuelanos (rádio e emissoras de televisão) – que tanto se exultaram com o dito fim desse governo, – foram capazes de tirar o sinal do ar, provocando assim o maior apagão informativo já visto na história da América Latina. Ocorreu que os meios de comunicação comerciais (inclusive os jornais impressos do dia seguinte e revistas) da Venezuela acabaram não cobrindo o retorno do presidente ao comando do país (ROVAI, 2007).

Valente (2007, p.134) aponta um fato curioso em relação a real preocupação das mídias internacionais diante do golpe:

Nas primeiras horas do dia seguinte à queda de Chávez, quando o paradeiro do então presidente deposto ainda era desconhecido, as atenções da mídia internacional não estavam voltadas para o golpe e, nem mais para a crise política e institucional no país. Como numa vontade de transparecer a todo custo a volta à normalidade, enfocavam suas atenções no assunto venezuelano que mais interessa à comunidade internacional, em especial aos Estados Unidos: o petróleo. Até mesmo a posse do presidente interino, Pedro Carmona, teve destaque indireto diante das notícias sobre a queda do preço internacional do barril.

Nesta investida de um novo golpe, em dezembro de 2002 ocorreram novas paralizações em âmbito nacional que ficaram conhecidas como *Segundo Paro Cívico*. O propósito continuava sendo o de fazer com que Chávez decidisse renunciar. Mas dessa vez a oposição investiu de modo mais pesado, ou seja, por meio da desestabilização da estrutura produtiva com o desabastecimento de alguns bens essenciais para o consumo da população, como produtos alimentícios.

A iniciativa da greve acabou sendo seguida por diversos setores econômicos que decidiram retomar o trabalho somente quando houvesse a renúncia de Chávez. Em outra estratégia, a alta burocracia da PDVSA acatou a greve nacional, destinando-se a paralisar as refinarias e a cortar o abastecimento de gasolina no país – que inclusive chegou a faltar no país. No entanto, alguns trabalhadores decidiram continuar trabalhando dando funcionamento a alguns setores. Conforme Villa (2005), só o setor informal foi o que não parou as suas atividades econômicas.

Mesmo assim, o impacto da greve pode ser gravemente sentido na economia do país. Segundo Neves (2010, p.68) “a greve durou até o início de fevereiro de 2003 e derrubou o PIB do país em 27 % no primeiro trimestre de 2003, e 7,7 % no acumulado ano, a produção da PDVSA caiu 90% no período, e a Venezuela teve de importar petróleo”.

No caso dos meios de comunicação, logo após o golpe de abril, este grupo passou a investir de modo ainda mais árduo na perseguição do governo de Hugo Chávez, acusando-o – dentre tantas coisas – de colocar o país em uma situação de caos econômico, político e social crescente. Neste sentido, Bezerra (2011) relata que a mídia não recuou e continuou dando continuidade à divulgação do seu antigo discurso, dedicando espaço significativo das suas programações diárias para transmitir os discursos – persuasivos e inflamados – dos opositores ao governo.

Segundo Braz (2010), alguns jornais, (com exceção dos jornais *Últimas horas* e *Panorama*) se dedicaram exclusivamente a propaganda política e a cobertura da paralização. Tais jornais chegaram ao nível de ficar até 63 dias sem propaganda comercial para poder se

dedicar a cobertura das paralizações. No caso, mesmo não conseguindo a renúncia de Chávez, a missão dos meios de comunicação da Venezuela de deslegitimar e derrubar o chavismo continuou evidente após o golpe de abril de 2002 e das paralizações que ocorreram em dezembro daquele mesmo ano. Por fim, tem-se que o insucesso das ações oposicionistas acabou fortalecendo o governo chavista.

A participação da população foi um fator fundamental tanto para Chávez reassumir o seu mandato quanto para tomar direções em seu governo com maior confiança, uma vez que contava com o apoio de grande parte do povo venezuelano. Na verdade, o fato é que o apoio de uma camada dos militares e de uma considerável parcela da população corroborou para o triunfo eleitoral de Hugo Chávez durante anos seguidos. Mas a questão é que a oposição não desistiu de tirá-lo do poder, e por isso, amparados pela Constituição, insistiram para que houvesse um referendo convocatório. Com a presença de 70% dos eleitores participando do processo, Chávez venceu com 59% dos votos, um índice alto que demonstrou, sobretudo, a força do apoio da população. Para aumentar ainda mais esse apoio e conseguir manter-se no poder, Chávez criou estratégias para construir redes de apoio, ancorando-se no setor das comunicações. Para isso, ele investiu no aumento do poder estatal nos meios comunicativos (OLIVEIRA, 2011).

2.4 Investimento em um governo midiático

O cenário explicitado no item anterior demonstrou um pouco acerca do grau do conflito existente entre o governo chavista e a oposição, em que os grupos de comunicação venezuelanos estavam inseridos como os principais articuladores do golpe de 2002. Sendo assim, as ações cometidas por esses grupos opositores geraram reações da parte do governo, que decidiu então direcionar maiores recursos para investir em um tipo de gestão que se utilizasse ainda mais dos meios midiáticos.

Com isso, tinha-se o objetivo de tornar o Estado mais atuante no que diz respeito ao desenvolvimento de políticas para o setor de comunicações. Neste aspecto, nota-se de forma mais evidente o contexto de uma “guerra” com nuances ainda mais acirradas. Depois do golpe, o governo vivenciou uma fase mais ativa no que diz respeito ao campo das comunicações, creditando maior importância ao tipo comunicação alternativa.

Segundo Braz (2010, p.176), “o período representa uma ampliação da intervenção e da regulação estatal no setor com maiores investimentos em meios públicos e comunitários, além da elaboração de leis que regulamentem as atividades do setor”. Diante da vivência do golpe de

2002, Chávez – mais consciente da importância dos recursos midiáticos – decidiu aumentar as propagandas (interna e externa) do governo. Além disso, decidiu incrementar a diplomacia midiática e contra-atacar (direta e indiretamente) os grupos de comunicação – do próprio país e de certo modo também os externos – que perseguiram o seu governo. Através dessas ações, o presidente tentou diminuir o poder de influência e de persuasão desses meios diante da população venezuelana.

Neste sentido, para compreender melhor esse cenário, faz-se necessário esclarecer o conceito de diplomacia midiática. Para isso, recorre-se a Eytan Gilboa (2001, p.65):

Trata-se do estudo do sistema de comunicação atualmente usados na diplomacia pelos Estados para expressar e defender os seus interesses, estimular a realização de acordos, e até mesmo legitimar ultimatums. Um novo canal de contatos para esclarecer posições e convencer outros Estados e diversos atores globais sobre essas posições.

Nesta perspectiva, Valente (2007) afirma que isto pode ser feito de modo não explícito e acrescenta que a diplomacia midiática também leva em consideração a disseminação de conteúdos culturais e valores ideológicos. Isto foi exatamente o que os Estados centrais, principalmente, os Estados Unidos sempre fizeram e ainda fazem com os demais países do mundo, detendo de vultoso poder de influência, sobretudo, na região latino-americana.

A versão chavista de diplomacia midiática almejava meios capazes de sustentar os seus projetos políticos em torno da integração latino-americana, bem como fazer com que as informações transmitidas aos venezuelanos e aos latino-americanos não passassem pelas mãos intermediárias dos grandes meios de comunicação opositores ao governo. Além da estratégia de defesa contra golpes perpetrados pela mídia, a diplomacia midiática esboçada por Chávez contra-atacava no sentido de criar mecanismos de proteção à diplomacia midiática norte-americana.

Observa-se, no entanto, que mesmo antes do golpe, o governo chavista já se utilizava dos recursos midiáticos, porém depois do golpe passou a aumentar também a sua presença nos espaços de comunicação. Além disso, também aumentou severamente o discurso crítico em relação aos grupos midiáticos do país, considerando-os como os grandes inimigos não só do governo, mas também do povo venezuelano.

Chávez se inseriu nos espaços midiáticos de um modo menos tradicional, ou seja, sem investir tanto em um tipo de exposição indireta, tal como ocorre, em geral, nas coletivas de imprensa intermediadas pelos jornalistas. Chávez preferiu algo mais direto, decidindo falar sem rodeios com a própria população.

Conforme Rovai (2007, p. 31) “Hugo Chávez faz uso dos meios midiáticos para disputar poder político”. Prova disso foi o programa *Alô Presidente*, que teve início no primeiro semestre do ano de 1999 com transmissão via rádio¹⁰, adquirindo no ano 2000 a versão televisiva, depois sendo disponibilizado pelo sítio eletrônico¹¹ e, por fim acessado por meio das redes sociais, como o *twitter*. Neste aspecto, em breves considerações, tem-se que Chávez foi um dos presidentes que se mostrou disposto a dar ênfase à utilização desse recurso para interagir com a população, tanto que dentre os presidentes latinos, ele foi um dos que obteve números significativos de seguidores nessa rede. Nesta esteira, Chávez conseguiu tirar proveito desse recurso para disseminar, sobretudo, o seu discurso em torno da proposta da revolução bolivariana.

Dito isto, através do programa dominical *Alô Presidente*, realizado ao vivo – e às vezes feito em estúdio, outras vezes em eventos, dependendo da agenda presidencial – o chefe de Estado buscava estabelecer contato mais próximo com a população, informando-a sobre os planos e estratégias do governo. Desta forma, Chávez mostrava os resultados alcançados pelo seu governo, tirava as dúvidas da população, respondia as críticas feitas à sua gestão, aconselhava e até mesmo cantava. O próprio presidente era quem conduzia o programa de uma maneira bastante informal, no sentido de agir como um próprio apresentador de programas de auditório, atendendo as ligações telefônicas, anotando os problemas expostos pela população e bebendo café (ROVAI, 2007).

Sem fugir dos propósitos políticos em torno do projeto bolivariano, destaca-se que diversas vezes a pauta do programa abordou os temas estratégicos para a Revolução Bolivariana, tal como as ações governamentais que envolviam o tema da integração latino-americana, bem como também destacou os símbolos históricos do país. Além disso, esse era o principal espaço pelo qual o presidente conseguia endossar o discurso bolivariano, investindo na representação simbólica da figura de Bolívar. Ademais, em inúmeras ocasiões Hugo Chávez se utilizou desse espaço midiático para criticar os adversários do chavismo, ressaltando, como sempre, o discurso em torno da luta anti-imperialista. É importante mencionar que foi neste mesmo programa que ele despediu os altos executivos da PDVSA, citando o nome de cada um dos dispensados.

Segundo o chefe de Estado, um dos objetivos do programa era fazer com que o povo venezuelano tivesse voz e vez, ou seja, era a oportunidade dada à população para expor suas

¹⁰ No início foi transmitido pela Radio Nacional de Venezuela.

¹¹ <<http://www.alopresidente.gov.ve>>

reivindicações. O programa chegou a contar com convidados especiais como cantores, atores e esportistas, como também, voltando-se para o projeto integrativo da região, chegou a convidar embaixadores e presidentes, como no caso, o presidente Evo Morales, da Bolívia e o presidente da Nicarágua, Daniel Ortega. Em algumas ocasiões Chávez conversou ao telefone com os irmãos Castro, de Cuba. Além do formato televisivo, o Alô presidente também possuía a versão impressa de jornal, em que em poucas páginas conseguia resumir o que havia sido abordado no programa dominical (BRAZ, 2010; ROVAI, 2007).

Dando seguimento às dissensões, porém se utilizando de novos artifícios para confrontar o governo e criticar as suas medidas políticas, a emissora de televisão *Globovisión* e a rádio CBN 102.3 (dessa mesma emissora), fizeram um programa humorístico chamado Alô Cidadão, com o objetivo de satirizar o programa apresentado pelo chefe de Estado do país. Neste sentido, o conteúdo apresentado no programa Alô Presidente era posteriormente abordado no programa de humor, que se incumbia de ridicularizar a figura do presidente (ROVAI, 2007).

Chávez não se contentou em ter apenas esse programa. Conforme já dito, depois do golpe sofrido, o mandatário incrementou as ações políticas para o setor de comunicação e também aumentou o seu espaço de aparição na mídia venezuelana. Consequentemente, essa resposta de Chávez às hostilidades dos meios de comunicação acirrou ainda mais a guerra midiática travada com os grandes grupos de comunicação do país.

Neste ensejo, Chávez tratou de fazer mudanças estruturais que até então ainda não havia conseguido fazer, sobretudo, no sentido de estatizar os meios de comunicação venezuelanos privados e de desativar alguns meios de comunicação da oposição. Quando Chávez assumiu o poder, os meios midiáticos do Estado estavam totalmente deteriorados, e para mudar essa condição foi preciso empreender grandes esforços financeiros. Nesta direção, o governo utilizou-se da infraestrutura estatal existente para tentar diversificar o uso dos meios de comunicações públicos, tentar direcionar uma programação politizada, além de investir na estatização de algumas emissoras privadas.

Diante dessas ações, o apoio financeiro aos meios comunitários, provavelmente foi uma das ações de maior destaque no âmbito dos meios comunicativos, tendo em vista a meta alcançada pelo o governo de ter obtido o aumento significativo da quantidade de meios alternativos presentes no país.

Segundo Braz (2010), Chávez inaugurou no ano 2000 em Caracas, a primeira emissora comunitária do país, *Catía TV* (em banda UHF) e com recursos advindos do Estado. O objetivo

da emissora era reunir as produções de todas as redes comunitárias e incentivar a geração de conteúdos próprios.

Uma medida importante tomada pelo governo chavista ainda antes do golpe, em meados dos anos 2000, foi a recriação do Ministério do Poder Popular para a Comunicação e Informação (Minci) com a incumbência de planejar e executar as políticas de comunicação do Estado¹². De acordo com Braz (2010), o Minci tinha vários objetivos, dentre eles, o de fortalecer os meios de comunicação do Estado através da modernização tecnológica e melhoramento da qualidade do conteúdo da programação, acrescentando ainda o incentivo a pluralidade dos meios e da participação popular através dos meios alternativos e comunitários. Neste sentido, Braz (2010, p.177) aponta ainda ações acerca dos repasses governamentais e das definições do perfil editorial de cada um dos meios pertencentes ao governo. Sendo assim:

O governo investiu na reestruturação da VTV assim como no Circuito Radio Nacional de Venezuela (RNV). Atualmente, a programação da RNV é retransmitida em todo o território nacional e possui quatro canais: *Canal Informativo*, dedicado exclusivamente a notícias e opiniões; *Canal clásico*, destinado à difusão da música clássica nacional e internacional; *Canal Activa*, com perfil voltado para jovens e adolescentes; o *Canal Musical* e o *Canal Onda Corta Internacional*, voltado para difusão de notícias internacionais.

No dia 11 de novembro de 2003 foi inaugurada a *Visión Venezoelana – Vive*, - já estreando com ampla cobertura dentro do país –, a emissora teve a proposta de ser um canal informativo e livre de propaganda comercial. Assim, o canal investia nas produções nacionais e independentes. Na página eletrônica da emissora¹³, tem-se a afirmação de que este é um “canal do poder popular”. Desta forma, o intuito dessa emissora é estimular a democracia participativa. Por isso, a própria comunidade é que define a pauta dos programas por meio de reuniões, bem como apresenta as matérias jornalísticas. Além disso, muitas vezes o canal acaba exercendo o papel de mediador entre a população e o governo, uma vez que a população faz reclamações aos órgãos públicos através do canal e os responsáveis pelos órgãos dão as devidas satisfações à população. Como um canal governista, não faltou o viés ideologizado, no sentido de se propor a impulsionar o projeto político bolivariano, tal como costumeiramente observou-se ao longo do governo chavista.

No ano de 2004, o governo incrementou as suas ações ao conseguir aprovar na Assembleia Nacional (AN) a Lei de Responsabilidade Social de Rádio e TV. Esta lei teve o

¹² O Minc também é responsável pela distribuição gratuita de livros

¹³ <[http:// www.vive.gob.ve](http://www.vive.gob.ve)>

objetivo de regulamentar os meios de comunicação da Venezuela no sentido de estabelecer a responsabilidade social no que tange a liberdade de expressão e a participação democrática da informação. A lei determinou que os programas tivessem elementos de classificação indicativa, limitou o tipo e também o tempo das publicidades, estipulou obrigatoriedade em relação à transmissão dos pronunciamentos do executivo, bem como determinou a obrigação da execução do Hino Nacional em meio às programações (BEZERRA, 2010).

Um marco significativo na trajetória de Hugo Chávez e certamente um dos mais polêmicos entre as suas dissensões com a mídia, ocorreu quando o governo decidiu não renovar a concessão da Radio Caracas de Televisión (RCTV) um dos maiores grupos de comunicação do país. O governo venezuelano concedia um prazo de 20 anos para as emissoras e ao término deste prazo, o governo poderia ou não renovar essa concessão. O fato é que no ano de 2007 este tempo findou para algumas emissoras, dentre elas a RCTV. Lembrando-se da atuação da RCTV durante o golpe midiático de 2002, Chávez – com uma atitude revanchista – decidiu pela não renovação, todavia colocou no lugar desta a Televisora Venezolana Social (TEVES).

O governo justificou tal atitude informando que a renovação da concessão para emissora era algo incoerente com a política comunicacional implementada pelo governo bolivariano (BEZERRA, 2010). Obviamente, essa atitude trouxe insatisfações para alguns profissionais ligados ao ramo da comunicação social, que, de algum modo, se sentiram prejudicados no que diz respeito à liberdade de expressão para criticar o governo.

Bezerra (2010) chega a questionar se a não renovação trouxe efeitos para o jornalismo, ou seja, se a partir disso houve ou não uma intimidação dos jornalistas e dos profissionais da comunicação que destinavam a avaliar as medidas do governo. Assim, conforme a avaliação de Bezerra (2010, p. 118-119):

Se do ponto de vista normativo a decisão de renovar a concessão da RCTV, em meio a outras políticas públicas que objetivavam a democratização da mídia e a efetividade da liberdade de expressão, não encontrou irregularidade, resta saber os seus efeitos nas dinâmicas políticas e sociais venezuelanas. É que a prática de medida extrema como essa não deixa de potencialmente intimidar empresas de comunicação e profissionais de jornalismo, que nesta condição, poderiam abandonar sua atividade de fiscalização crítica sobre o governo no temor de sofrer medida semelhante à RCTV. Neste caso, a esfera pública poderia ser submetida ao discurso único oficial impedindo a formação de um saber alternativo ao do Estado. Transcorrido, contudo, mais de quatro anos do término da concessão da RCTV é possível verificar que esse temor, apesar de fundado, não se concretizou.

Neste contexto, Bezerra (2010) avalia que o governo agiu de modo legítimo em relação a não renovação da RCTV, uma vez que esta emissora de concessão pública de fato cometeu ações ilegais durante o golpe. Mas por outro lado, o autor também aponta os deslizes cometidos pelo governo chavista quanto à instrumentalização dos meios de comunicação. O autor chama a atenção pelo fato das programações das emissoras estatais restringirem-se a apresentar as versões oficiais do governo.

Dando seguimento às ações voltadas para o campo das comunicações e ampliando os horizontes no sentido de investir não apenas na Venezuela, foi que Hugo Chávez decidiu criar a Telesur no ano 2005. Contando com o apoio significativo dos seus aliados na região da América Latina a emissora é considerada uma propriedade multiestatal.

Conforme será visto adiante (em um capítulo específico para análise do portal da Telesur) um dos principais objetivos dessa emissora é ser um canal alternativo às grandes mídias internacionais. Ou seja, fazer com que a opinião pública latino-americana não tenha acesso somente às informações repassadas a partir do ponto de vista dos Estados centrais.

Por fim, dentro dessa proposta com conotações mais amplas, no sentido de envolver mais países para os seus projetos midiáticos, Chávez também sugeriu a criação da Alba TV¹⁴, que é uma emissora de televisão alternativa que reúne matérias das TVs comunitárias dos países que integram o projeto da Alianza Bolivariana para los Pueblos de Nuestra América (ALBA)¹⁵. Segundo Oliveira (2011), a Alba buscava promover a integração econômica regional e desenvolver programas e projetos sociais em conjunto.

No que concerne a Alba TV tem-se que os objetivos dessa emissora são muito parecidos com os da TeleSUR, entretanto, acrescenta-se o forte intuito de ser uma ferramenta para a organização popular como um espaço para a articulação dos movimentos sociais, e as temáticas sobre os direitos humanos são o norte principal do seu conteúdo. O fator de destaque é, portanto, buscar ser um elemento impulsionador do socialismo.

Neste escopo, não só Hugo Chávez atentou-se para a importância dos dispositivos comunicacionais, mas configurou-se uma tendência entre os países da região – inerentes aos governos progressistas. Assim, o intento de investir nas instâncias midiáticas, deu-se não só

¹⁴ Pode-se assistir ao conteúdo do canal em: <<http://www.albatv.org>>

¹⁵ A ALBA foi fundada em 2004, na cidade de Havana pelos presidentes Hugo Chávez Frias (Venezuela) e Fidel Castro Ruiz (Cuba). Por meio da assinatura da Declaração Conjunta, Bolívia, Cuba, Dominica, Equador, Nicarágua, Antígua e Barbuda e São Vicente e Granadinas são os países integrantes.

para servir aos processamentos em torno das políticas internas, mas para corroborar com os projetos políticos tangentes à integração regional¹⁶.

Em face de relações imbricadas entre os governos e grupos midiáticos, não só na Venezuela –, em que as polaridades são mais evidentes –, mas, ainda em outros países da América Latina, tais como o Brasil e a Argentina, que têm em seus contextos históricos exemplos de governos que travaram dissensos com a mídia. Levando isso em consideração, o investimento no setor de comunicação em termos regionais, não só corrobora com os projetos comuns da região, no que concerne ao projeto integrativo mais completo, mas também, tal investimento tangencia-se para tentar amenizar a influência dos grandes grupos midiáticos sob os contextos políticos internos e externos. Nesta esteira, a criação da TeleSUR é reflexo desses anseios.

¹⁶ O Brasil e a Argentina são países exemplo em termos de iniciativas inovadoras no campo da comunicação.

CAPÍTULO 3: PORTAL TELESUR, INTEGRAÇÃO E GOVERNO MADURO

Este capítulo tem o objetivo de analisar e discutir sobre a TeleSUR e o seu portal, sobre o modo como as informações referentes à integração da região da América Latina são abordadas no sítio. Intenta-se perceber os traços marcantes da linha editorial do portal no que concerne à temática da integração durante o governo de Nicolás Maduro, por meio de análise de conteúdo. Ainda, expõe o cenário político venezuelano e a chegada de Maduro ao poder, a relação deste presidente com os seus opositores, em especial, os grupos de comunicação privados e a relação do portal com esse governo.

3.1 Mídia e narrativas

O conceito de mídia, (*media*) abarca muitas definições. É comumente utilizado com o sentido de imprensa, grande imprensa, jornalismo, veículos e meios de comunicação (GUAZINA, 2007). De acordo com Camargo (2011), o termo mídia corresponde ao léxico que o designa como um conjunto de diversos meios, veículos e canais de comunicação, tais como jornal, revista, rádio, televisão e internet.

Para Castells (1999), a mídia é expressão da nossa cultura, e por outro lado, nossa cultura funciona através dos materiais propiciados pela mídia. Significa dizer que a mídia atua na sociedade, e consegue imprimir suas expressões por meio dos seus discursos propagados e repletos de sentido e de sua busca por dar inteligibilidade à realidade. No livro denominado a Sociedade em Rede, Castells (1999) avalia que nesta sociedade cujas relações políticas, sociais e culturais são interdependentes e cada vez mais conectadas, as tecnologias informacionais reformulam a sociedade ao passo que também são reformuladas por ela. A informação torna-se recurso indispensável para o funcionamento das relações sociais.

Assim, embasado nas ideias de Castells (1999), Leonardo Valente (2007, p.19) empreende uma análise em que examina as características que envolvem a Era da Informação e ainda relembra que “informação é poder”. Assim, o autor detalha que:

A Era da Informação modificou profundamente transformações sociais e psicológicas, comportamentos coletivos e individuais. As novas tecnologias da comunicação do rádio à internet e aos computadores de última geração, e a disseminação de um jornalismo e de produtos culturais globalizados fizeram com que as estruturas sociais globalizadas passassem, e ainda passem, por rapidez e profundidade, nunca antes vistas na História. As distâncias se tornaram menores, a presença física é cada vez menos importante, a propagação de uma notícia ocorre cada vez mais rapidamente e é capaz de provocar reações em multidões de uma só vez.

No estudo que Rafael Oliveira (2012b) faz sobre mídia, ele explica que a mídia deve ser entendida não somente como um conjunto de diversos meios, mas como um processo, um ator e uma arena em discussão. Miguel (2002, p. 163) sublinha que nas sociedades contemporâneas, a mídia “é o local em que estão expostas as diversas representações do mundo social, associada aos diversos grupos e interesses presentes na sociedade”. O autor complementa que a mídia modificou todo o ambiente político, como por exemplo, o contato entre os líderes políticos e sua base, a relação dos cidadãos com as questões públicas, e até mesmo os processos de governo sentiram o impacto da evolução tecnológica da mídia.

Nota-se um panorama de transformações da mídia em virtude da evolução tecnológica e, sobretudo, em suas dimensões e proporções. Isto faz com que ela ganhe mais espaço e adquira um poder maior de atuação em diversas esferas envolvendo os setores político, econômico e cultural. É possível perceber a dificuldade de dissociá-la dessas esferas, uma vez que muitos desses setores são interconectados e resultam diversas interferências. Assim, vê-se que ocorrem relações entrecruzadas entre elas.

Com a explanação de Valente (2007) é possível perceber como isso ocorre no plano prático. O autor afirma que essa configuração da mídia atual que consegue tanto expor os fatos em tempo real, bem como transmiti-los sob uma perspectiva global, torna os discursos midiáticos ainda mais influentes e poderosos, tendo em vista que consegue, por exemplo, atingir de modo imediato e em questão de segundos os mercados financeiros virtuais. Desta forma, ao lançar notícias no âmbito econômico com algum impacto para o mercado financeiro mundial, a mídia pode influenciar na quebra da relação econômica entre diversas nações.

A sociedade em rede na Era da Informação tornou-se bem dotada de aparatos midiáticos e de informações que não mais se prenderam aos espaços locais, mas sim locais e globais. As informações não mais estão cingidas ao aspecto local, elas ultrapassam as fronteiras estatais, dos limites geográficos dos Estados. As distâncias territoriais tornaram-se algo secundário, onde simbolicamente apagam-se as fronteiras. No aspecto econômico, tal sociedade passou-se a disponibilizar de uma economia global. Com isso, pode-se dizer que a Era da Informação teve uma influência no aparato dinâmico do processo capitalista, na medida em que intensificou as transações financeiras e comerciais nas esferas globais. No aspecto cultural, os fluxos de comunicação desencadearam maiores trocas, viabilizando desta forma maiores interações e contato entre culturas distintas.

A análise esboçada por Coutinho e Quartiero (2009, p.54) aponta para os reflexos advindos da Era da Informação e das atuações da mídia nas relações sociais:

Na contemporaneidade, comunicar-se significa também ‘participar’ do que acontece para além de nossas limitações físicas e domínios materiais e imateriais. Significa fazer parte de uma cultura de massa de um campo de extrema sofisticação técnica e simbólica, cujos produtos são formados de referências e linguagens múltiplas e representam mais do que mero entretenimento e/ou informação: são produtores de sentidos, exemplificadores de comportamentos, produtores e reprodutores de valores sociais e morais, modos de ver e de ser no mundo. As mídias atuais afetam maneiras tradicionais de comunicação modificam códigos e conteúdos semânticos influenciam e são influenciadas pela sociedade e geram mudanças no pensamento e na ação. Nossas linguagens são profundamente tocadas por elas, assim como nossos sistemas de crenças e de códigos historicamente produzidos.

Considerando tal elucidação, depreende-se que a mídia mobiliza vários aspectos da vida social na medida em que participa e interage nos processos sociais ela corrobora para difundir visões de mundo. Trata-se de um espaço onde ocorre o entrelaçamento de muitos discursos. Assim, ela tem participação relevante na construção simbólica dos fenômenos e pode contribuir na disseminação de valores culturais no imaginário dos sujeitos.

Desta forma, é possível concordar com Hall (2003) que a mídia codifica a realidade ao construir as narrativas a partir de mapas culturais. As narrativas enredadas pela mídia e os seus elementos discursivos podem abrir caminhos para transformar ou alterar referências fixas. Como afirma Steinberger (2005) a mídia atua como instrumento de práticas político-ideológicas, desempenhando o papel de agente social que pressiona, por meio da formação da opinião pública, no sentido de fazer com que fatos gerem os efeitos desejados.

3.2 Televisão e América Latina

A televisão é um dos tradicionais meios de comunicação dotada de significativa carga simbólica. O seu alcance é crescente e ainda não foi ultrapassado por outros meios, sua popularidade ainda está em alta mesmo diante de tantas novidades apresentadas para as novas mídias. A aquisição de um aparelho televisor durante muito tempo foi restrita a poucos. No caso, a América Latina só teve acesso a este meio a partir da década de 1950, sendo o México o primeiro país agraciado com a transmissão. Antes disso, o rádio era o aparelho mais acessível sendo, deste modo, o grande protagonista da informação e entretenimento (XAVIER, 2000).

Durante a referida década, alguns países da região estavam vivenciando as ditaduras militares, cada qual com suas específicas proporções e com características peculiares. E, foi justamente, durante este regime, que a televisão ganhou maior popularidade e enveredou-se para imponente indústria cultural, mas em contrapartida este regime passou a controlá-la. Neste

ensejo, tanto o rádio como a televisão foram utilizados para fins políticos neste regime¹⁷. Sabe-se que muitas vezes é bastante premente a associação desses meios de comunicação com as relações políticas de poder. Não cabe aqui analisar de modo detalhado tais questões –, sobretudo no que tange ao regime militar experimentado na região, posto a abrangência e complexidade desse tema –, porém salienta-se que este entrecruzamento das redes de televisão com o referido regime é relevante para compreender os percursos destes meios nos subsequentes contextos políticos da região.

Parte das redes televisivas dos países que compõe a região surgiram por meio de iniciativas governamentais. Sendo um caso à parte dessa realidade, no que diz respeito ao seu surgimento, o Brasil ilustra uma realidade distinta uma vez que foram as forças empresariais, na figura de Assis Chateaubriand que instaurou a televisão no Brasil, no caso a TV Tupi. No caso específico do Brasil, a construção de tais meios de comunicação tem uma associação direta com as oligarquias locais.

No decorrer do tempo, alguns desses meios da região – contando com a ajuda dos Estados que não estipulavam uma regulação rígida –, atingiram um crescimento relevante corroborado pelo mercado publicitário, mas foram poucos os grupos que conseguiram se firmar neste disputado meio. Assim, a região da América Latina desenvolveu um campo midiático pouco diverso e plural, mais voltado para produções rentáveis.

Com esse crescimento gerado –, no lugar de somente importar produções que detêm de menor custo –, algumas dessas televisões conseguiram realizar suas próprias produções artísticas. De certa forma, em termos de produção, isso fez minorar o índice de dependência das produções realizadas pelos Estados Unidos.

Da parte dos países latino-americanos, o aumento dessa produção nacional amenizou a sujeição aos conteúdos culturais da mídia americana. Entretanto, a influência da cultura norte-americana ainda é proeminente nos conteúdos programáticos da grande mídia da América Latina. É inegável o poder norte-americano sobre a região através da cultura, por meio de sua indústria cultural atraente. Tal poder brando, ou melhor, *soft power* (que atua não de modo coercitivo mas cooptativo) ultrapassa as barreiras territoriais desta e de outras regiões, disseminando a visão de mundo e os modos de vida dos norte-americanos.

¹⁷ Martín-Barbero é um dos estudiosos mais importantes na reflexão sobre os processos midiáticos contemporâneos. Este autor colombiano trabalha com a temática, Comunicação e Cultura na América Latina. Ele debate de modo profundo o contexto mencionado. Destaca-se a seguinte obra: MARTIN-BARBERO, Jesus. **Dos Meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.

As questões relacionadas ao poder e ao discurso fazem lembrar Foucault (1996) quando este autor destaca que na sociedade deve-se entender o poder para além das instituições e dos Estados, das bases institucionais e normativas, uma vez que o poder opera sob diversas sujeições. Ele é uma prática social, por isso se faz presente nas relações, nos cotidianos. Trata-se de um processo de micropoderes que circulam em rede e operam por meio da produção dos discursos. Para o autor, os discursos também são entendidos como objetos de desejo e disputas. Assim, as relações de poder são intrínsecas nos discursos. Resende (2009, p.139-140) discute o modo como os discursos competem para se hegemonizar e assevera que: “é na esfera da sociedade civil que discursos concorrentes competem para ter hegemonia”.

Isso faz remeter ao poder exercido pela mídia, que, juntamente com os outros poderes que operam na sociedade consegue então atuar nas formações discursivas – quando dissemina naturalizações de “verdade” e faz publicização de ideias.

Retomando ao cerne da discussão, tem-se que os maiores grupos da região, Clarín na Argentina, Organizações Globo no Brasil, Televisa no México e o grupo Cisneros na Venezuela, produzem programas, como novelas, por exemplo, e exportam para os países mais pobres da América Latina e países diversos. Além da venda de suas produções, os grupos mais influentes também instalaram empresas nesses países. Como a quantidade de grupos é limitada, no sentido quantitativo, a produção e circulação de notícias bem como de produções culturais, consequentemente fica concentrada e assim não assoma a diversidade da região.

Não obstante, conforme já apontado, a produção artística desses grupos volta-se muito mais para retratar o estilo de vida estadunidense e europeu e, no geral, pouco adentra e pouco revela os elementos que envolvem as referências culturais latino-americanas. A riqueza multicultural e os contextos históricos da região são por vezes renegados. Assim, é mínima a contribuição para a construção do imaginário coletivo sobre a região. Em uma avaliação mais ampla, Maldonato (2005, p. 5) avalia que:

A estrutura das mídias na América Latina corresponde em muito à concepção mercadológica estadunidense; os sistemas de comunicação são reduzidos a empresas produtoras de lucro, as mensagens e mercadorias, e a sua legislação ao direito privado (das elites). O caráter de serviço público, educativo, cultural, social e artístico fica restrito a pequenos espaços na programação ou a emissoras públicas em estado de calamidade financeira.

Sob outro aspecto, no que diz respeito ao caráter informativo dos meios de comunicação em geral, sejam eles televisivo, impresso ou digital, existe um processo dinâmico na circulação das informações, e estas estão cada vez mais instantâneas. Além disso, tem-se toda uma

estratégia e articulação para que algumas notícias sejam noticiadas ou excluídas de suas pautas, que temas sejam filtrados ou realçados. E, é claro que nesse processo seletivo estão intrínsecos os interesses políticos e econômicos desses meios, e no caso, vale reafirmar o papel das agências de notícias que coletam as informações e as vendem exercendo domínio sobre os fluxos globais de informações. Comum à região, os grupos de comunicação, até mesmo os maiores, não possuem grandes recursos para a manutenção de correspondentes internacionais, já que mantê-los requer altos custos. Por isso, grande parte das notícias em âmbito internacional são assinadas pelas agências internacionais, o que traz implicações quanto aos conteúdos e enfoques das matérias veiculadas.

Em face disso, considera-se válido recorrer brevemente a alguns preceitos das Teorias da Comunicação e abre-se este parêntese para perceber essa dinâmica e relacioná-la, adiante, aos círculos noticiosos da América Latina.

Sob a perspectiva da teoria da agenda *setting*, teoria do agendamento, desenvolvida, sobretudo por Maxwell McCombs, tem-se de acordo com Miguel (2002, p. 170-171) que “a pauta de questões relevantes postas para deliberação pública, é em grande parte condicionada pela visibilidade de cada questão nos meios de comunicação”. Sendo assim, o autor aprimora essa discussão acrescentando que:

O impacto da definição da agenda pelos meios é perceptível não apenas pelos cidadãos comuns, que tendem a entender como mais importantes as questões destacadas pelos meios de comunicação, mas também no comportamento de líderes políticos e de funcionários que se veem na obrigação de dar uma resposta àquelas questões (p.71).

Em síntese, de acordo com a teoria do agendamento quando a mídia seleciona e dispõe uma notícia conseguindo deste modo lançar os assuntos noticiados, ela acaba por selecionar e determinar aquilo que o seu público irá falar e discutir (McCOMBS, 2009). Desta forma, ao destacar a capacidade e a destreza da mídia em determinar os temas relevantes para o público consumidor, esta teoria acaba por sobrelevar o papel da mídia na dinâmica dos contextos sociais.

Cumprido sublinhar que o que mais caracteriza essa teoria é justamente o fato de que ela enfatiza que o agendamento contribui sobre o que os indivíduos vão falar e não sobre o que eles vão pensar. Oliveira (2012b, p.122) aponta que “os temas destacados nas notícias são vistos, com o tempo, como importantes para o público. Ou seja, a agenda midiática estabelece a agenda do público”.

Segundo McCombs (2009), os jornais têm suas estratégias para colocar temas em evidência de forma a direcionar o leitor sobre determinada notícia. E uma das principais maneiras, por exemplo, é colocar temas nas primeiras páginas de um jornal de um modo bastante visível e utilizando-se de técnicas como posicionamento e elementos gráficos, dentre outras formas. Com isso, há uma chance maior desses temas serem mais vistos. Enfim, ao noticiar sobre um tema, e desta forma enfatizá-lo, a mídia acaba por estabelecer a agenda pública. Nesta perspectiva, Oliveira (2012b, p.123) aponta que:

[...] os indivíduos são influenciados pelas mensagens da mídia, segundo a compatibilidade que eles tenham com as atitudes e opiniões que lhes são próprias e, desta forma, esse ponto de vista pessoal minimiza a exposição à informação de que não apoia e se expõe ao máximo àquelas informações que lhe são agradáveis.

Neste sentido, associa-se que os assuntos mais irradiados na sociedade podem ser decorrentes do nível de cobertura jornalística feita pela mídia e assim esta conduz a opinião pública de modo a apontá-la para alguma perspectiva. Nisto repousa a ideia de que variavelmente a mídia não age de modo desinteressado, posto que ela se direciona para algum lado. Por tal razão, o jargão de imparcialidade amplamente entoado pela mídia pode por vezes ser questionado.

No que tange ao modo como a teoria do agendamento opera, em termos práticos e direcionados ao âmbito político, Miguel (2002, p.171) coloca que: “(...) o controle sobre a agenda e sobre a visibilidade dos diversos enquadramentos alicerça a centralidade dos meios de comunicação no processo político contemporâneo. Tal fato não passa despercebido dos agentes políticos, que hoje, em grande medida, orientam ações para o impacto presumível da mídia”.

Torna-se pertinente abordar outro aspecto relevante que trata do não agendamento dos temas. Isso ocorre quando a mídia não noticia ou não oferece condições para a divulgação de certos fatos (McCOMBS, 2009). Assim, a mídia acaba por tolher a formação da opinião pública. No plano concreto das ações, isso ocorre numa relação entre a mídia e os governos, tal como no caso do governo Chávez (e será discutido sobre Maduro) ante a grande mídia privada da Venezuela. Nesta direção, os meios midiáticos podem defender um governo e fazem isto agindo de modo a não atacá-lo com críticas, não expor os seus erros. Por outro lado, quando a postura é contrária ao governo, age-se evocando críticas, difundindo todos os equívocos da gestão, sugestionando que outro governo não cometeria os mesmos erros e pode chegar ao extremo de sobrelevar os fatos.

Steinberger (2005, p.213) destaca o papel da mídia no plano internacional e afirma que esta tem o poder de construir a imagem de determinados governos e organizações junto à opinião pública. Assim, a mídia pode fabricar amigos e inimigos. A autora também aponta a mídia como sendo o palco onde se organizam as imagens dos países do mundo e, nesta geopolítica da imagem internacional, a relação dos países com os Estados Unidos é um fator a ser considerado na construção dessas imagens. Desta forma, a mídia pode enquadrá-los entre os que são do “bem” e os que são do “mal”.

Feitas tais colocações acerca do caráter informativo das notícias, retoma-se a discussão sobre os meios de comunicação latino-americanos. Salienta-se que os referidos meios de comunicação destinam um espaço reduzido sobre notícias referentes aos demais países da região, a não ser que realmente aconteça algum fato que chame a atenção de um ponto de vista global. As notícias que retratam os fatos relacionados à América Latina, muitas vezes possuem um teor negativo que marginaliza a região. Assim, a realidade de um país vizinho acaba tornando-se desconhecida, indiferente, ou mesmo distorcida, e isso incita, em termos simbólicos, a construção de muros entre as fronteiras, o que agrava ainda mais as distâncias que se delimitaram ao longo da história.

Cabe reportar às considerações do estudo realizado por Roberto Moll (2014) que avaliou o modo como os jornais norte-americanos faziam referência ao México. O autor constatou que as peças jornalísticas caracterizam o México sempre com palavras e expressões que denotam caos, medo, feudal, estado mafioso, estado fragmentado e outros tipos e que pouquíssimas vezes o México foi reconhecido por sua importância econômica ou por índices positivos que este país tenha alcançado. Na verdade, em geral, tentavam passar a ideia de uma democracia frágil e de um Estado falido. Ou seja, nos jornais norte-americanos pesquisados pelo autor foi possível perceber a evidência de fatores negativos.

Neste ensaio, o autor destaca que as narrativas sobre o exterior costumam suscitar o medo em relação ao outro e considera que a mídia, sobretudo a imprensa, é um vetor de construção de hegemonia, uma vez que consegue ressoar as percepções de mundo e projetos políticos. E também destaca que as narrativas que compõem as identidades são meios fundamentais nas mãos de intelectuais orgânicos que constroem projetos políticos hegemônicos. Por fim, Moll (2014, p.98) aponta que: “Nesse processo de construção da hegemonia, por meio dos meios de comunicação, a repetição é um meio didático para alcançar a mentalidade popular e criar novos intelectuais que replicam as visões de mundo, alcançando, inclusive, aqueles que não leem as publicações periódicas”.

Assim, ante uma postura quase generalizada da parte da mídia privada latino-americana de não revelar os fatos sobre a América Latina sob a ótica da própria região, de não reforçar os traços e os laços vigentes da identidade latino-americana em suas narrativas, de se retrair a um discurso midiático hegemônico e homogêneo, além de muitas vezes agir com perseguições políticas, é que nascem – dentro da proposta de integração da região – os meios de comunicação alternativos. Entre eles, a TeleSUR com o propósito de impulsionar a integração, de um ponto de vista simbólico, por meio do reforço das identidades culturais.

3.3 O fim da era Chávez e o governo de Nicolás Maduro

Durante meados de 2011, Hugo Chávez foi diagnosticado com câncer, e a partir daí uma luta foi sendo travada contra tal doença. No período de tratamento, houve, por um lado grandes especulações em torno do quadro da saúde do presidente, por outro, com a imprensa oficial do governo, houve tentativas de resguardar as informações relacionadas à gravidade da situação. As notícias divulgadas eram superficiais e não apresentavam a exatidão do quadro. De uma parte, ou de outra, havia sempre informações desencontradas. Segundo Strassburguer (2012a), o portal da TeleSUR buscava tranquilizar a população venezuelana trazendo discursos preocupados com o presidente, e ao mesmo tempo tentava transmitir mensagens esperançosas e otimistas com o intuito de continuar enaltecendo a figura de Chávez.

A TeleSUR destacou o apoio que os líderes políticos estavam oferecendo ao líder da Venezuela naquele momento de dificuldade e divulgou imagens de Chávez com Fidel Castro, exprimindo desta forma a importância da amizade estabelecida entre os dois líderes. Neste sentido, a imagem de Chávez que a TeleSUR desejava transmitir, não era de fragilidade, mas sim a imagem de um homem corajoso e disposto a vencer a guerra contra a enfermidade. Segundo Strassburger (2012a, p.13): “Acredita-se que o portal TeleSUR, de certa forma, participou da manutenção de certos interesses da Venezuela, mantendo a discrição sobre determinadas questões da enfermidade do presidente e, especialmente, evitando informações sem respaldo, pela mera especulação, como foi visualizado em alguns espaços midiáticos”.

É importante mencionar que na época, o chanceler Nicolás Maduro – o nome já cotado para suceder Chávez – era o porta-voz das notícias sobre os procedimentos que estavam sendo tomados. Depois Maduro foi nomeado por Chávez como vice-presidente, logo após Elias Jaua, o antigo vice, deixar o cargo para concorrer às eleições para governador de Miranda. Assumindo

o posto de vice, foi Maduro quem anunciou o falecimento de Hugo Chávez no dia 05 de março de 2013.

Diante desse fato, Maduro como presidente interino, teve que se preparar para enfrentar as eleições presidenciais. Ele era o nome indicado por Chávez para dar continuidade ao projeto bolivariano, uma vez que estava atuante no cenário político ao ser um dos fundadores do Movimento Quinta República (MVR) e um dos líderes do Movimento Bolivariano Revolucionário 200 (MBR-200). Foi deputado e constituinte durante o ano de 1999, posteriormente foi deputado do Distrito Federal e por fim, exerceu o importante cargo de chanceler no governo Chávez (MIRANDA, 2013). Antes de exercer tais funções, Maduro trabalhou como condutor na Companhia de Transporte Metrô de Caracas e atuou como líder no Sindicato da categoria.

Durante o processo eleitoral Maduro teve que enfrentar o governador de Miranda, Henrique Capriles Radonsky, nome que havia disputado à eleição de 2012, em que Chávez novamente saiu vencedor. A família de Capriles é uma das mais influentes – política e economicamente – da Venezuela, tendo em vista que possui e administra vários conglomerados, inclusive, no campo das comunicações, sendo proprietária do jornal diário *Últimas Noticias* e de outras empresas no ramo do entretenimento. Como um forte opositor do chavismo, Capriles foi uma das figuras que atuou a favor do golpe midiático de 2002 contra Hugo Chávez.

Utilizando basicamente do mesmo programa de governo apresentado na eleição de 2012, o programa de Capriles era direcionado para implementação de projeto político-econômico de cunho neoliberal. Durante o período de campanha eleitoral contra Maduro, Capriles apresentou uma campanha mais ofensiva que a anterior (a qual disputou com Chávez). Capriles esteve então mais focado em elencar os fracassos do governo chavista e do projeto bolivariano do que apresentar propostas mais concretas capazes de convencer a população venezuelana.

De acordo com as informações do *Consejo Nacional Electoral*,¹⁸ responsável pela organização das eleições na Venezuela, Maduro conseguiu vencer as eleições do dia 14 de abril de 2013 com uma diferença mínima de votos, 50, 66% de Maduro contra 49, 07% de Capriles¹⁹. Tais dados mostram uma população marcadamente dividida.

Insatisfeito com a derrota sobre Maduro, Capriles colocou dúvidas quanto à legitimidade do processo eleitoral, apontou fraudes e decidiu pedir a recontagem dos votos, o

¹⁸ Disponível em: <[http:// www.cne.gob.ve](http://www.cne.gob.ve) >

¹⁹ De acordo com o Conselho Nacional Eleitoral, Maduro obteve 7.587.579 votos, e Henrique Capriles recebeu 7.363. 980 votos.

que foi aceito por Nicolás Maduro. Todavia, não houve, portanto, provas de irregularidades sobre esta eleição, tanto que vários países do mundo, e principalmente os países da América Latina logo reconheceram a vitória de Nicolás Maduro e a eleição não pôde ser impugnada. Isto demonstrou que o país conseguiu seguir os parâmetros idôneos de um regime democrático no que tange ao processo eleitoral. Apesar disso, ainda pairava um clima de incerteza quanto aos rumos políticos da Venezuela. Diante de tal clima, iniciou-se o governo Maduro com temores de que pudesse ocorrer um golpe.

Destaca-se que desde a morte de Chávez, grandes dúvidas surgiram em torno da questão se o chavismo seria capaz de sobreviver sem o seu líder, uma vez que baseava-se na figura de Chávez, que não chegou a preparar de modo antecipado e bem articulado um possível sucessor. Não sem propósito, portanto, Maduro para vencer as eleições e para tentar sustentar o seu mandato, utilizou-se veementemente da figura de Hugo Chávez, e dos discursos deste, que se remontavam a Simon Bolívar, colocando estes dois como os grandes heróis da pátria venezuelana.

Variados analistas e observadores internacionais – sob amplas perspectivas – prognosticavam que mesmo diante de algumas eventuais diferenças entre Nicolás Maduro e Hugo Chávez, o atual presidente não se distanciaria dos mandamentos e princípios básicos do seu líder. E, assim também apostavam que Maduro não encetaria projetos políticos muito distintos dos já adotados.

Nesta perspectiva, Miranda (2013, p. 29) ao analisar tal contexto, fez a seguinte avaliação:

O bolivarianismo, se conseguir se sustentar fará do presidente morto um mito político. A complexidade do fenômeno Chávez na sociedade venezuelana não é fácil de ser medida, mas a concentração de poder adquirida pelo Chefe de Estado ao longo do processo da revolução bolivariana não permitiu preparar sucessores. A sustentabilidade da revolução bolivariana dependerá da capacidade do novo presidente em manter o discurso carismático assim como em não alterar os gastos sociais nas chamadas *Misiones* (Missões), atividade essa possível muito em função da alta manutenção dos preços do petróleo, mas que tem dado sustentação ao regime, principalmente perante as classes mais desfavorecidas.

Diante de um cenário eleitoral conturbado, Maduro foi empossado no dia 19 de abril em face de perspectivas incertas. Destituído de uma personalidade tão carismática como a de Hugo Chávez, e sem agir de modo performático, tal como o seu líder, Maduro assumiu o poder tendo que lidar com os fortes opositores do governo chavista que conseqüentemente passaram a

persegui-lo. O início do seu mandato já foi conturbado tendo em vista que teve que enfrentar o agravamento dos problemas sociais, como o aumento da violência e dificuldades de manutenção dos programas sociais. Por consequência disso, as insatisfações e manifestações da população foram gradativamente ganhando fôlego. Ressalva-se que esses problemas foram gerados durante o governo Chávez.

Neste ensejo, os meios de comunicação que exaltavam o clima de imprecisão do processo eleitoral –, lançavam dúvidas quanto à continuidade de Maduro no governo e quanto ao êxito de sua gestão e tentavam disseminar a ideia de que o chavismo não iria sobreviver sem o respaldo da figura de Hugo Chávez. Destacavam-se então os problemas econômicos do país como o grande gargalo e como o maior desafio a ser enfrentado pelo governo Maduro, o que de fato se concretizou ao longo do tempo.

Nessa crise de legitimidade do processo eleitoral, assim que assumiu o mandato o presidente tratou logo de estabelecer aproximações diretas com os países da região²⁰ como uma forma de buscar aceitação e acionar apoios para o seu governo. Essa articulação para a convergência regional – que buscou fortalecer os laços com os países vizinhos – visava contar com a ajuda destes para enfrentar os opositores do seu governo e evitar o isolamento da Venezuela.

De início, Maduro obteve êxito em sua estratégia de aproximação com os países da região – pelo menos entre as fronteiras sul-americanas –, pois a União das Nações Sul-Americanas (UNASUL) logo tratou de se colocar em defesa do governo e essa aproximação foi importante para evitar maiores desequilíbrios econômicos.

No decorrer do governo, em meados de 2015 a Venezuela se envolveu em uma crise diplomática com dissensões fronteiriças com a Colômbia (antigo rival e aliado dos Estados Unidos) no qual chegou a fechar a fronteira com o país sob a justificativa de evitar contrabandos. Para tanto, Maduro mobilizou operações militares para expulsar paramilitares colombianos que, segundo o presidente, estes estavam desestabilizando o seu governo.

Além disso, também ocorreram relações de hostilidade com a Guiana, país limítrofe, em virtude da disputa pelo extenso e rico território de Essequibo, área que engloba reservas de petróleo. De acordo com a notícia contida na página oficial do Ministério das Relações Exteriores da Venezuela no dia 19 de novembro de 2015: “*Venezuela mantiene ante la ONU*

²⁰ Em maio de 2013, Maduro visitou o Uruguai, a Argentina e o Brasil firmando convênios de cooperação e de intercâmbios.

*legítimo reclamo de su territorio de Esequibo*²¹. Mesmo ante tais tensões –, em que Maduro mostrou-se incisivo, mas, também, neste caso, disposto a dialogar – as negociações demonstraram direcionamentos para a manutenção da paz. Criticado por causar desconfortos políticos que poderiam desencadear em desgastes em torno do projeto político de integração regional, Maduro, também foi acusado –, sobretudo pelo setor midiático opositor da Venezuela – de usar tais dissensões para desviar os olhares sobre a grave crise que acomete a Venezuela e de buscar por meio desses conflitos externos, aumentar sua popularidade.

Nessas dissensões entre os dois países, o Brasil optou pela não ingerência nos assuntos internos e, por isso foi acusado – por diversas alas políticas e por jornalistas partidários da direita – de possuir excesso de paciência com a Venezuela e de não ter esboçado uma postura política firme na mediação dessas questões. Na verdade o governo brasileiro preferiu agir sob os contornos de uma política de bastidores, de discrição, e ter a postura que preza por respeitar a soberania de cada um dos países envolvidos.

Ainda no que diz respeito às relações Venezuela-Brasil, o governo Maduro, assim como os demais governos do entorno sul-americano, mostrou-se solidário ao governo Dilma no enfrentamento da crise política e crítico às tentativas de restauração das alas conservadoras na região. Para tanto, uma das formas de demonstração desse apoio deu-se da seguinte forma:

Simultaneamente às manifestações realizadas por movimentos e partidos de esquerda em diversas cidades brasileiras, nesta quinta-feira (20/08), o grande Polo Patriótico, coalizão de partidos da esquerda venezuelana, organizou um tuitaço mundial em apoio à mandatária e também ao ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva. O Tuitaço, que foi convocado por diversos meios venezuelanos, inclusive a multistatal TeleSUR, colocou a hashtag #AmericaLatinaConBrasil entre os assuntos mais comentados do mundo no tuitar na tarde de hoje. Os latino-americanos também usaram a chamada LulaDilmaSomosTodos. O presidente Nicolás Maduro se somou à convocatória do ato virtual “Jornada Mundial de Solidariedade e Amor com o Brasil” e escreveu, em português, em sua página oficial: Junto-me à jornada mundial de solidariedade e amor ao Brasil
#LulaDilmaSomosTodos#AmericaLatinaComBrasilVenceremos.(OPERAM
UNDI, 20/08/2015)

No início da gestão, o governo Maduro já deu indícios de que a política externa venezuelana não sofreria muitas alterações (MIRANDA, 2013). Tanto que ao longo do ano de 2013 ele tratou de reforçar as relações com os países vizinhos e com os países nos quais a

²¹ Disponível em: http://www.mre.gov.ve/index.php?option=com_content&id=44334:maduro-onu&catid=2:actualidad&Itemid=325. Acesso: 21 de novembro de 2015.

Venezuela já matinha importantes aproximações, como: Rússia, Cuba, China e Irã. A intenção, tanto de Maduro como dos governantes da América Latina, era de fortalecer os laços de solidariedade, ampliar parcerias e continuar defendendo a multipolaridade do sistema internacional.

Na visão de Miranda (2013) a respeito dessa aproximação estratégica com esses países durante o governo Chávez, deu-se muito mais pelo componente ideológico do que mesmo pelo interesse nacional de longo prazo. Sendo assim, Miranda (2013, p.34) aprofunda esta questão afirmando que:

A política externa da Venezuela ampliou as alternativas de relações externas, mas não sob um viés institucional ou universalista, “sem escolhas de lados”. Ao contrário, a busca por alternativas se deu ao longo do governo Chávez muito pelo viés de simpatias de governos com a revolução bolivariana não permitindo, com isso, a fixação de uma política externa de Estado de longo prazo.

Nesse governo, a relação da Venezuela com os Estados Unidos ficou marcada pelo decreto publicado por Barak Obama que categorizou o país como ameaça para os norte-americanos e pelas sanções às autoridades venezuelanas acusadas de violar os direitos humanos.

Nesta direção, o contexto político apresentado no final de 2014 de aproximação entre os Estados Unidos, que engata uma recuperação econômica, e Cuba, um país com diversas convergências ideológicas e importante parceiro econômico da Venezuela –, indiretamente impacta no sentido de arrefecer o folêgo do discurso anti-hegemônico presente na retórica do governo Maduro.

No âmbito das questões domésticas, no decorrer do governo Maduro a situação econômica do país foi sendo agravada devido à queda do preço do barril de petróleo, o aumento deflagrado da inflação e por fatores de descontrole cambial. Houve ainda o agravante da escassez de variados produtos, inclusive de produtos básicos. O governo e os defensores deste, atribuem essa dificuldade econômica às ações engendradas pelos comerciantes integrantes da direita que – por meio de sabotagens como a estocagem de produtos, a prática de arrecadação de lucros excessivos e até contrabando – armam de modo artificial uma situação de desprovimento e prejudicam a economia do país e o governo.

Em face disso, as forças opositoras acusam o presidente de não possuir destreza para elaborar estratégias para sair do cenário de crise econômica e o culpabiliza pelo agravamento dos problemas na esfera social e pela repressão aos movimentos contra o governo

– que gerou o número de 43 mortos. Com essa situação, a oposição reforça a sensação de caos na economia e na política do país e a partir daí defende a mudança de governo.

Neste contexto, a prisão de Leopoldo López, ex - prefeito de Chachao e opositor mais radical que mobilizou diversos protestos, repercutiu de modo muito negativo no âmbito interno e externo. Nestes contornos, pairou a sensação de que um golpe pudesse fulminar o governo. No entanto, em geral o que esteve em curso foi que a oposição já preparava o território para vencer o processo eleitoral – do dia 06 de dezembro de 2015 –para eleger os legisladores da Assembleia Nacional, em que o governo atualmente conta com a maioria, mas o resultado dessa eleição foi favorável para a oposição. Essa eleição é importante para definir o futuro do chavismo, pois pode abrir caminhos para que ocorra um referendo para decidir a continuidade do governo Maduro.

O país experimenta o aumento dos índices de violência urbana²² e a crise econômica que o acomete tem mobilizado manifestações de uma parte da população contra o governo. A política de Maduro já não conta com o total apoio dos chavistas e assim as polarizações tornam-se evidentes. Devido à dificuldade econômica despontada pela crise dos preços do petróleo, o governo já não detém tantos recursos financeiros para arcar com os projetos sociais implantados na época de Chávez e os venezuelanos têm sentido perdas na qualidade de vida e, com isso o governo amarga baixos índices de popularidade²³. Alguns avanços alcançados durante o governo Chávez na área social tem decaído²⁴. Em razão desses fatores o governo tem perdido suas bases de apoio.

Tendo por justificativa a tentativa de enfrentar essa crise na economia e ainda lutar contra a corrupção, Maduro decidiu no dia 08 de outubro de 2013 – pedir poderes especiais ao Parlamento, assim como também fez Hugo Chávez diversas vezes. Esse fato passou a ser conhecido como Lei Habilitante, e no mês de novembro de 2013 essa Lei conseguiu a aprovação pela Assembleia Nacional. Com isso, Maduro conquistou o poder para legislar por decreto (durante o período de um ano), isto é, sem precisar contar com a aprovação dos legisladores, sendo assim uma maneira menos burocrática para a tomada de decisões. Além disso, através dessa lei o presidente passou a ter o poder de punir os que elevassem as margens de lucro.

Após as sanções dos Estados Unidos à Venezuela, Maduro pediu a renovação dessa Lei e o Parlamento novamente a aprovou. Assim, o presidente adquiriu poder para legislar sobre

²² Os índices podem ser conferidos no Observatório Venezuelano de Violência em: <http://www.observatoriodeviolencia.org.ve>. De acordo com este observatório, a Venezuela terminou o ano de 2014 como o segundo país com mais homicídios no mundo.

²³ De acordo com o *Datanálisis*, a popularidade do governo Maduro caiu para 20% no primeiro semestre de 2015.

²⁴ O Instituto Nacional de Estatística expõe esses dados. Em: <http://www.ine.gov.ve>.

assuntos concernentes à segurança nacional. Em ambos os contextos, a oposição mostrou-se insatisfeita e preocupada com o fato de Maduro acumular tais poderes, e assim não economizou críticas ao governo.

Em face desses contextos, vale destacar a avaliação de Miranda (2014, p. 55-56):

É difícil analisar a participação existente da sociedade civil venezuelana estando o país vivenciando uma polarização da sociedade. Evidencia-se que houve a possibilidade de participação de outros atores da sociedade civil mas também houve a exclusão de outros considerados opositores ao regime. As modificações instituídas da nova constituição bolivariana preveem a democracia participativa. Ainda assim, a forte concentração de poder do executivo dá pouca margem à sociedade venezuelana se manifestar ou quando faz, é taxada de golpista ou traidora pelo governo.

Seguindo o exemplo de Hugo Chávez, Maduro também investiu nos pronunciamentos oficiais do governo nos meios de comunicação. Assim o campo midiático tornou-se um lugar estratégico no auxílio à construção da imagem do presidente. Quando ainda era presidente interino e ao mesmo tempo em que se lançava na campanha eleitoral, Maduro decidiu dar continuidade ao conhecido programa *Alô Presidente*, apresentado por Hugo Chávez, todavia Maduro mudou o nome do programa para *Diálogo Bolivariano*.

A estreia ocorreu no dia 14 de março de 2013, e na abertura o presidente comentou que estava seguindo a ordem do comandante Chávez. Maduro destacou que o programa tinha o objetivo de ser um espaço para falar com todos os tipos de pessoas, do operário ao empresário, exprimindo desta forma, uma ideia análoga aos objetivos da TeleSUR de dar “voz e vez aos povos excluídos” da América Latina. O programa não vingou e em 2014 foi inaugurado o programa *En contacto con Maduro*. A programação é semanal e é transmitido diretamente do Palácio Miraflores, pelo rádio, página oficial do presidente e por meio do acesso às suas redes sociais. Os programas possuem um caráter interativo com tais redes e são devidamente numerados. Ao acompanhar o programa na página oficial, no caso o de número vinte e sete, foi possível assistir a uma extensa aula dada por Maduro em que este – de modo não surpreendente – com fervores patrióticos exalta a figura e os feitos de Simon Bolívar²⁵. De acordo com a revista *Veja*, em 24/04/2015, a esposa do presidente Cilia Flores também adquiriu um programa de televisão com caráter informativo chamado “*Con Cília en familia*” transmitido pela rede estatal *Venezolana de Televisión* (VTV). Destaca-se o modo como a revista abordou este tema: “Primeira-dama da Venezuela ganha do ‘maridão’ um programa de TV”.

²⁵ Disponível em: <<http://www.nicolasmaduro.org.ve>> Acesso: 20 de outubro de 2015.

Neste contexto, cabe aqui discorrer sobre o fenômeno contemporâneo de midiaticização das figuras dos líderes políticos (telepresidentes) em que estes formulam maneiras de ter visibilidade fora das mídias hegemônicas. Neste aspecto, Rafael Foletto (2015, p.83) avalia tal fenômeno como uma tentativa de “transpor mediação jornalística e articular outras instâncias mediadoras da opinião pública, construindo os seus próprios sentidos, ampliando suas condições de circulação”.

Ainda no início do governo Maduro, ocorreu algo significativo para o campo das comunicações que foi a venda da *Globovisión*, uma emissora aberta da Venezuela que se colocava como opositora do chavismo. A emissora teve que pagar vultosos valores de multas ao governo e não conseguiu sobreviver às crises financeiras e por fim foi vendida.

Conforme já visto, no contexto mais recente, Maduro obteve conquistas políticas em que conseguiu adquirir maiores poderes, diante desse fator, a oposição, sobretudo a que engloba os grupos de comunicação privados do país, sentiu o receio de perder a licença para atuar no ramo de comunicação do país. Isto decorre porque Maduro, tal como Hugo Chávez, parece estar disposto a continuar a guerra com os meios de comunicação hegemônicos. E assim como seu antecessor, Maduro posiciona-se de modo confrontador e por vezes com diálogos escassos ante a oposição. Por fim, os dois governos tiveram o entendimento de que o estabelecimento de uma nova ordem mundial também perpassa pela oposição ao modelo hegemônico em termos midiáticos.

O governo Maduro tem sofrido perseguições dos grandes grupos de comunicação da Venezuela e de outras partes do mundo que intetam estimular um golpe, estes mesmos grupos disseminam a ideia de que não existe liberdade de imprensa na Venezuela e às vezes publicam inverdades sobre fatos relacionados a esse governo. Neste sentido, expõe-se o seguinte relato:

[...] The New York Times, en su intento de mostrar que en Venezuela no hay democracia, escribió el pasado 24 de febrero que solo había en Venezuela un canal de televisión crítico con el gobierno presidido por Maduro, dato que inmediatamente se distribuyó a lo largo y ancho de los medios de comunicación del mundo. La falsedad de este escrito es evidente, pues la mayoría de televisiones en Venezuela son privadas (cuentan con casi el 75% de la audiencia) y su gran mayoría son contrarias al gobierno venezolano, tal como ya documentó el Carter Center en su informe sobre las elecciones presidenciales en abril de 2013 (NAVARRO, 2014)

3.4 A TeleSUR e o seu portal

Conforme anteriormente comentado, a TeleSUR foi concebida a partir da vontade política de Hugo Chávez e Fidel Castro junto aos presidentes da Argentina, Bolívia, Equador, Paraguai, Uruguai e Nicarágua, com a intenção de estimular a integração política, econômica e cultural-informativa da região e de contrastar com conglomerados da comunicação no continente.

Em geral, a ideia sempre presente nos discursos propalados pelos formuladores e profissionais da TeleSUR – expressos nas falas e textos que descrevem o portal – é que a emissora é o canal pelo qual a população latino-americana e caribenha podem ter voz e vez. Assim, reverbera que a população é protagonista no que diz respeito à produção dos conteúdos, pois, ainda, segundo o discurso dos idealizadores, e dos seus profissionais, busca-se transmitir a versão dos fatos sem que haja a ação de intermediários.

Em todo tempo tais idealizadores tentam destacar – em seus discursos (repletos, por vezes, de carga emocional), entrevistas e no próprio texto presente no portal sobre a missão da emissora – o caráter independente da emissora, ou seja, livre de interesses políticos diretos. Nessas narrativas apresentadas pelos idealizadores e colaboradores, estes geralmente expressam os objetivos básicos do sistema televisivo, como uma forma de legitimá-los.

É interessante ressaltar que diferente do jornalismo convencional, que muitas vezes difunde o discurso da imparcialidade, a TeleSUR não se volta para tal referencia e assume os seus posicionamentos ideológicos acerca do projeto bolivariano.

Como já mencionado, a rede também nasceu com o ímpeto de rever as condições de desigualdade presente na comunicação social da região para, assim, oferecer uma comunicação alternativa, capaz de democratizar os seus meios de comunicação e de disseminar valores e visões sob a ótica e perspectiva dos latino-americanos.

Assim, no geral, os discursos sempre se voltam para a defesa da divulgação de informações – não limitadas a uma visão unificada. O propósito do sistema que se identifica e se posiciona para o seu público como latino-americano, é de tentar valorizar as práticas e os estilos concernentes à região, rejeitando, portanto, o controle da indústria cultural (de fora) mostre quem (nós somos) e de incentivar a criação de uma indústria cultural latino-americana que produza conteúdos próprios. Nesses realces de identificações, é comum o uso de termos que repassem o sentido da região como “nossa”, isso é tônico em quase todas as narrativas.

O objetivo a que a emissora se propõe é de representar a diversidade da região e dar espaço para os excluídos dos grandes centros e é isto que norteia os discursos ideológicos propalados nas notícias. É daí de onde se extrai a ideia que permeia o *slogan* da emissora: “*nuestro norte es el sur*” e este *Sur*, mais do que geográfico é, portanto, ideológico. Com efeito, o *slogan* carrega em si vários sentidos nos discursos da TeleSUR, pois neste espectro simbólico este *Sur* remete àqueles –, sobretudo os países subdesenvolvidos – que são explorados. Neste sentido, para o sistema, substanciar este “*Sur*”, dos excluídos, significa ensejar a realização de uma espécie de descolonização midiática.

Logo no início, assim que a emissora foi implantada, houve algumas dificuldades no que diz respeito à captação do sinal, porém a TeleSUR conseguiu ter o sinal aberto e gratuito para a Venezuela e Equador. Ela consegue transmitir para toda a América Latina por meio de satélite. O sinal é transmitido 24 horas por dia. Esse fator é importante, pois evidencia o alcance da TeleSUR junto à população do continente²⁶.

Desde o início das suas atividades, o sistema multimidiático teve que enfrentar a competitividade dos grandes veículos de comunicação que são dotados de completa estrutura para transmissões cujo aparato tecnológico é bastante avançado. Assim, Moraes (1998) aborda que a posição privilegiada dos megaconglomerados da comunicação dificulta o equilíbrio entre os fluxos de comunicação e faz com que os pequenos meios se desequilibrem. Quando os pequenos meios deixam de existir, isso pode comprometer a pluralidade e a disseminação de visões plurais.

A despeito desses fatores técnicos, que se tornam possíveis gargalos, inclusive para uma transmissão mais abrangente, Valente e Santoro (2005) sublinham que ao menos na dinâmica e na estética, a emissora consegue se aproximar das redes internacionais de televisão. A rede lança esforços para, na medida do possível, acompanhar as tendências que envolvem os avanços no campo da comunicação. Devido ao fato da emissora não ser uma rede que depende – de modo direto – dos anúncios publicitários, uma vez que não tem fins comerciais, ela tem que lidar com o seu orçamento fixo e limitado. Este fator pode ser preocupante uma vez que isso pode colocar em risco a própria sobrevivência da emissora.

A TeleSUR conseguiu o feito de ter jornalistas colaboradores por toda a região da América Latina. Um elemento diferenciador da emissora ante as outras, é que ela prima por ter jornalistas que sejam latino-americanos. Este é um fator que deve fazer diferença nas produções

²⁶ O portal divulga que a TeleSUR tem um público potencial de 376 milhões de telespectadores na América Latina, Europa, Oriente Médio e Norte da África.

das matérias, uma vez que o objetivo da emissora volta para o olhar e a percepção dos povos latinos e caribenhos (STRASSBURGUER, 2012b).

Embora não exclua a utilização das agências de notícias, a emissora preza pelo envio de correspondentes aos referidos lugares, entretanto, ela evita que as informações sejam repassadas e transmitidas de modo restrito pelas agências internacionais de notícias. Em uma percepção geral extraída dos estudos realizados sobre a TeleSUR como em: Ávila (2008); Gentili (2009); Nogueira (2012), Strassburguer(2012b), é consenso que muito do que é exibido na emissora, de fato, contempla o repertório de temas referentes à região. Sendo assim, ela certamente também acaba imprimindo um caráter educativo quando proporciona informações sobre o continente.

Neste ensejo, cabe aqui expor que o canal pouco se dispõe a produzir, pois as produções geralmente fazem parte das TVs que a TeleSUR mantém parcerias, tais como: as TVs comunitárias e universitárias. É bastante comum a exibição de documentários, entrevistas, edições especiais e coberturas de homenagens, sobretudo, a Simón Bolívar e aos grandes personagens da região.

Em comemoração aos dez anos do canal, em 24 de julho de 2015, o portal elencou alguns dos programas Especiais Multimídias exibidos ao longo desses anos. Dentre tantos, encontram-se um programa especial sobre o aniversário de oitenta e oito anos de Fidel Castro, denominado: *Fidel, la vida que nos revolucionó*, já outros abordaram a trajetória política de Hugo Chávez, a vida e a obra do escritor colombiano Gabriel García Márquez, a visita do Papa Francisco pelos países da América Latina e alguns dedicados às questões de cunho social, tal como o que abordou sobre a homofobia²⁷.

Rafael Foletto (2015) pesquisou a série *Presidentes de Latinoamérica*, uma série de entrevistas com os presidentes da América Latina que a partir 1999 chegaram ao poder em seus países. A série foi produzida por uma produtora da Argentina, *Occidente Producciones*. Com diversos relatos e reflexões, o programa apresentou entrevistas com doze presidentes da América Latina, expondo suas trajetórias de vida, sonhos e pensamentos, abordando ainda o contexto político, expondo o panorama de mudanças no âmbito político e realçando os aspectos culturais da região. Destaca-se, portanto, o que o autor conferiu: “A relevância da TeleSUR para os processos de integração regional contemporâneos na América Latina também é refletida na fala dos chefes de Estado entrevistados” (FOLETTTO, 2015, p.128).

²⁷ Todos os programas citados estão disponíveis em: <http://www.telesurtv.net./pages/Especiales/Aniversario_TeleSUR/1/nacimiento.html. Acesso: 09 de setembro de 2015.

Nestas exposições alguns presidentes como Cristina Kirchner expressaram a importância da emissora para divulgar fatos políticos. Assim, analisando a fala da presidenta, o autor observou que: “a série de entrevistas com frequência recorre a imagens de arquivo da TeleSUR para construir suas narrativas” (p.128). Vale então ressaltar que, cumprindo o seu papel de fortalecer os laços entre a região, a TeleSUR – e não somente ela – também transmitiu a série.

Assim como muitas emissoras que delimitam um formato específico referente aos seus perfis, a TeleSUR revela que ela se fundamenta em proporcionar informação, formação e entretenimento. E é inserida nesses pilares que a sua programação expõe, discute e difunde os problemas sociais, fatos sociais, elementos conjunturais e elementos culturais da região e deste modo busca engendrar as matrizes culturais a partir dos dispositivos narrativos e discursivos. Destacam-se alguns dos programas da emissora, tais como:

- TeleSur Notícias:** telejornal diário que noticia as notícias da América Latina e do mundo;
- TeleSUR Notícias Lenguaje de Señas:** traduzido para a linguagem de sinais;
- Nuestra América Deportista:** faz a cobertura de notícias relacionadas ao esporte;
- Vidas:** espaço que conta a história de vida de personagens comuns (trabalho, crenças, paixões) e tais histórias destacam as idiosincrasias dos latino-americanos;
- Temas del día:** aprofunda os temas mais importantes dos noticiários;
- MP3 Gira Latina:** programa direcionado para a música latino-americana;
- Síntesis:** destaca os fatos que foram notícia durante a semana;
- Impacto Económico:** oferece um quadro completo das notícias mais relevantes no cenário econômico da América Latina e do mundo;
- Atomum:** enfoca as notícias científico-tecnológicas latino-americanas e do mundo e destaca os avanços alcançados;
- Entre fronteras:** analisa os fatos noticiosos no âmbito das migrações;

No mais, diferente de grande parte das emissoras dos países da região que pouco abordam as temáticas envolvendo as narrativas multiculturais da América Latina, a TeleSUR – a despeito de estar enviesada politicamente e ideologicamente aos interesses maiores do jogo político travado pelo governo Chávez e mantido pelo governo Maduro –, tem buscado cumprir com a incumbência de contribuir com a integração sociocultural da América Latina.

3.4.1 A Integração no portal Telesur: análise de conteúdo

Para entender o modo como os aspectos relacionados à integração regional da América Latina compõem o rol de notícias presentes no portal da TeleSUR – que embasam as referências das matrizes das dinâmicas identitárias –, sob esses pilares, julgou-se relevante realizar análise de conteúdo das notícias que envolvem a integração. Faz-se isso com o intento de fornecer elementos que subsidie o debate acerca do teor e das características marcantes fomentadas nas formas discursivas que expõem genericamente a identidade latino-americana e caribenha nos enredos dos conteúdos do portal. Ressalva-se que a pesquisa prima pela interpretação e discussão do contexto político em torno dos processos de integração regional no cerne das questões simbólicas, por isso o uso da análise de conteúdo torna-se um elemento agregador. O objetivo é que complemente e não que ratifique a interpretação empreendida. Busca-se perceber como o discurso da integração regional engendra-se no conteúdo do portal e de que modo a TeleSUR aborda o tema.

Para tanto, ancora-se na proposta de Laurence Bardin (1977), nome de referência que dedica-se a esse tipo de análise de dados de natureza qualitativa e/ou quantitativa, para quem a análise de conteúdo corresponde a um conjunto de técnicas de análise das comunicações que visa obter procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição dos conteúdos das mensagens. A autora estipula três fases para a consecução da análise. A primeira consiste na pré-análise, que ocorre inicialmente com a leitura flutuante, com a escolha dos documentos, com a escolha do material, e a elaboração de índices. A segunda fase, considerada a mais duradoura, corresponde à exploração do material e a terceira consiste no tratamento, inferência e interpretação dos dados e conteúdos elencados. De acordo com as proposições metodológicas de Bardin (1977) é fundamental criar categorias na operação de análises e fazer codificações.

Nesta direção, tomando o portal como o *corpus* da pesquisa, esta inicialmente desenvolveu-se por meio do acompanhamento geral e sistemático das notícias, com o intuito de observar as temáticas constantes no noticiário e identificar elementos do caráter discursivo. Depois de delimitado que a temática da pesquisa no portal, no caso, seria a integração regional na América Latina e Caribe, selecionou-se as matérias referentes a esse assunto e debruçou-se na leitura do conteúdo. Por fim, agrupou-se de forma quantitativa o material elencado para então inferir sobre os dados coletados.

Expondo em detalhe as etapas, as notícias foram coletadas a partir da busca avançada disponibilizada na própria página do portal TeleSUR. A busca no sítio dá-se nesta sequência:

Busca, Buscar por, Data da publicação, sessão. Neste primeiro espaço foram escritas as palavras: integração regional latino-americana, no segundo direccionou-se para América Latina, pois há várias outras categorias do portal como: jogos, volta ao mundo, galerias. No compartimento destinado às datas colocou-se: todas as datas. E por último, na parte da sessão delimitou-se às notícias. A figura a seguir ilustra as etapas do procedimento.

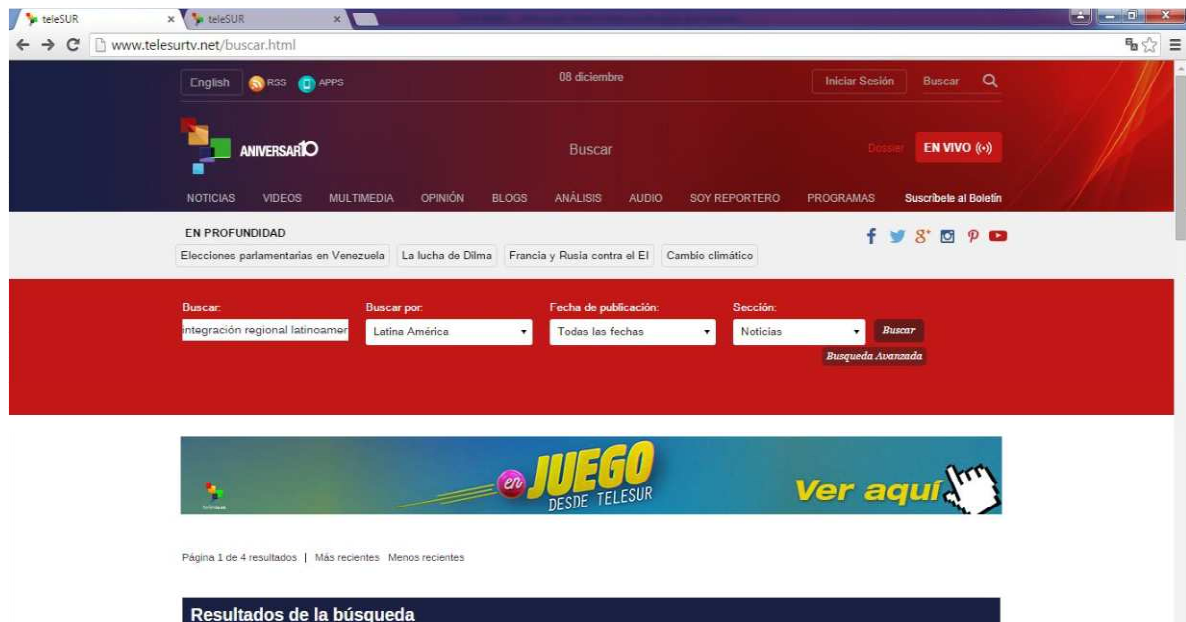


Figura 1. Página Inicial do Portal da TeleSUR

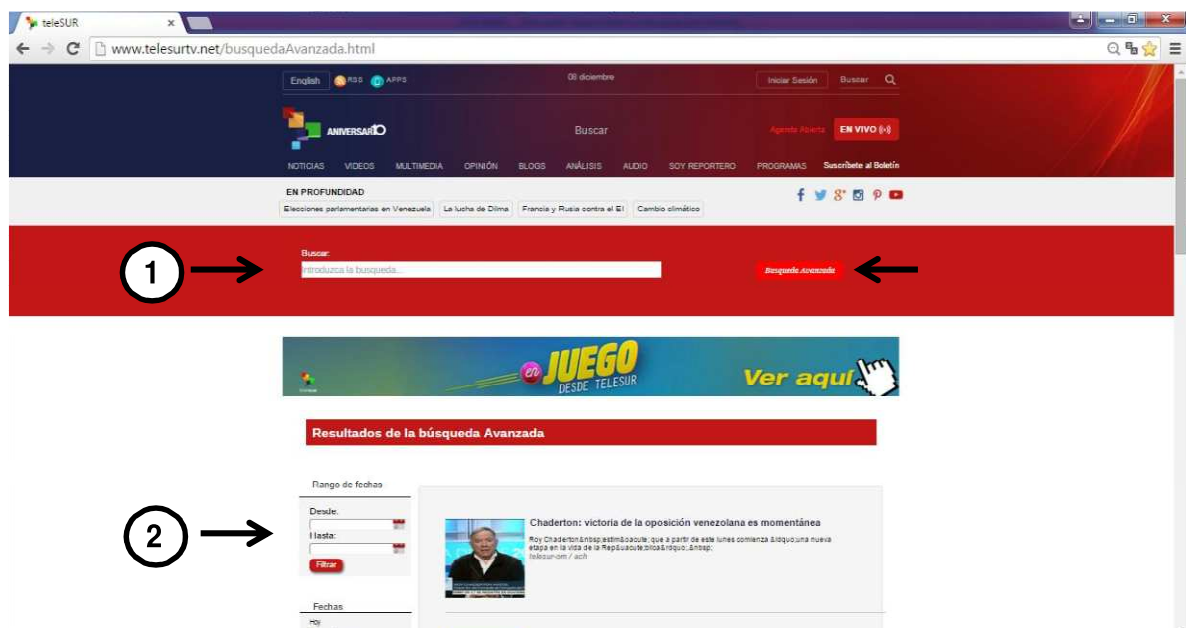


Figura 2. Passo a Passo da pesquisa no portal

É preciso fazer aqui algumas ressalvas quanto às limitações da busca do portal. Este não consegue carregar notícias a partir de um filtro que estipule um intervalo de tempo muito extenso, tal como o período de um ano, por exemplo. Assim, a busca torna-se possível quando filtrada por um tempo menor, com intervalos intercalados entre meses próximos, e assim foi feito, conforme consta na figura 2.

No que diz respeito ao marco temporal da pesquisa de conteúdo do portal, delimitou-se o tempo a partir do mês de julho de 2014 a dezembro de 2014 e do mês de janeiro de 2015 a julho de 2015. Nesta estipulação levou-se em consideração o fato de abranger um período suficiente para elencar quantitativamente as notícias e por contemplar um período expressivo do governo de Nicolás Maduro.

Na filtragem enquadrada nesse intervalo temporal, agruparam-se 147 notícias, todas relacionadas com a temática da integração regional latino-americana. Estas foram alocadas em categorias de acordo com o conteúdo, e assim, caracterizou-se os seguintes assuntos, dentro do grande tema integração regional: **comunicação, cultura, economia, educação, física (integração física), política, segurança e social**. Com a leitura das notícias foi possível então conduzi-las à categoria cuja temática fosse prevacente. Para cada categoria selecionou-se uma notícia para ser apresentada.

Para trabalhar com as matérias selecionadas utilizou-se o *software* de análise QRSNVIVO® 10 como ferramenta para apurar as minúcias do conteúdo na funcionalidade de contagem de palavras. A figura 3 a seguir ilustra a quantidade de notícias por temas.

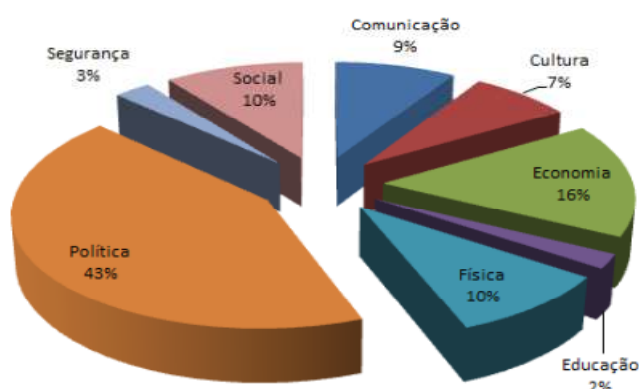


Figura 3. Temas da integração regional latino-americana no portal TeleSUR

O que a figura 3 sinaliza corrobora com o que é perceptível ao acompanhar de forma genérica o conteúdo informativo dos noticiários do portal, que prima em evidenciar as questões

envoltas no âmbito **político**, por isso consta de número tão significativo, 43%. Como já discutido, e sem incorrer em simplificações, a proposta de integração da região afina-se com os anseios de grande parte dos líderes da região. Assim, devido ao próprio caráter do processo de integração da região, expressamente político-institucional, isso acaba por refletir no rol de notícias do portal, posto que justamente retrata as tomadas de decisões em termos políticos, os passos e direcionamentos dados no sentido de deslanchar tal projeto, e também devido ao fato de o portal estar atento aos rumos e direcionamentos da política dos países da região. Ressalve-se que é nas notícias sobre política, onde mais se explicita os componentes ideológicos, e é também onde estão subjacentes os interesses gerais do processo de integração da região. Neste espaço os discursos integracionistas dos líderes políticos ganham destaque significativo –, justamente onde estes reiteram falas que versam sobre a união, cooperação e estreitamento de laços identitários. As instituições voltadas para integração também tem nesse espaço o local para difundir suas propostas e propalar discursos. Nesse sentido, dá-se destaque à seguinte notícia: “*Celac empreende lucha anticorrupción en la región*” (TELESUR, 2014). Esta notícia destaca os objetivos integracionistas da Celac e as decisões em torno do compromisso de impulsionar na região, gestões públicas transparentes.

As notícias relacionadas à **economia** também foram quantitativamente expressivas ao totalizar 16%, isso quando comparada às outras categorias –, mas não tanto quando se compara ao âmbito político. Neste caso, nota-se uma relativa discrepância, o que faz pensar que a integração não é visualizada – pelo portal – sob uma ótica marcadamente economicista. A conjuntura econômica da região como um todo, as relações econômicas entre tais países, de um modo geral, e incluindo os planos bilaterais, são substanciais para a economia de cada país, desta forma, como os acordos e negócios sempre são firmados, e também no que diz respeito à América Latina com outras regiões do mundo, isso acaba resultando em matérias jornalísticas. Ainda, a divulgação dos índices e dados econômicos envolvendo os países da região e da própria região de modo geral também tem destaque nos noticiários do portal. Dentre as notícias econômicas, destaca-se: “*Por una agencia latinoamericana de Calificación de riesgo*”. (SERRANO, 2015). Faz análise do atual processo de desaceleração econômica da região e aponta a necessidade da criação de uma Agência Latinoamericana de Qualificação de risco.

As notícias no âmbito da integração **física**, que somam 10%, em geral, tratam da conjuntura de disputas entre alguns países por áreas de interesse. Destacam-se as dissensões que ocorreram entre a Bolívia e Peru e entre Bolívia e Chile, em que nesta disputa de fronteira com o Chile, a Bolívia busca recuperar o acesso ao mar que foi perdido na Guerra do Pacífico

(1879-1884). Ademais, notou-se que as matérias relacionadas às questões físicas sinalizavam de modo expressivo na direção de disputas e conflitos. Noutra prisma, as notícias também abordam as ações conquistadas em termos de avanços nas medidas, porém ressalva-se que as ações de cooperação nessas questões tiveram menos destaque. Chamou atenção o modo como o portal colocou-se explicitamente a favor da Bolívia nessa questão. Assim consta: “*Mar para Bolívia un derecho histórico, una necesidad para la integración latino-americana*” (ARKONADA, 2014). A notícia explica de forma resumida a história desse conflito, expõe o discurso do presidente da Bolívia, Evo Morales, e no final desfecha com discursos em favor da Bolívia, e realça a importância da resolução dessa questão como benefício geral para a região.

Na área **social**, que obteve 10%, as matérias em geral apontam para questões ligadas à inclusão social, e nisso a temática relacionada à fome mostrou-se expressiva. O portal busca divulgar as iniciativas no campo social que obtiveram êxitos, e as iniciativas tomadas para melhorar a precariedade da região. Observou-se, ainda, que os movimentos sociais não foram tão referenciados, mas quando são, percebe-se que as notícias, em geral, apontam aspectos positivos, ou seja, coloca-se em favor das suas demandas. Todavia, inquieta o fato de que os movimentos sociais obtenham pouco espaço (pelo menos no que concerne ao que aqui foi delimitado) em um meio que preconiza em seus discursos a proposta de dar “voz e vez para todos”. Ademais, em geral, os movimentos mais atuantes na América Latina se posicionam a favor da integração da região, às vezes até são engajados, e talvez isso pudesse desencadear maiores espaços. Salienta-se a importância destes para o próprio processo integrativo, pois suas forças organizadas corroboram para pressionar a integração para além dos interesses econômicos. Vê-se assim que, neste aspecto o portal demonstra não cumprir totalmente com a incumbência de dar espaço aos diversos segmentos sociais. Destaca-se então a matéria encontrada; Costa Rica: “*Movimientos Populares apoyan integracion*” (TELESUR, 2015a). A notícia destaca o Encontro dos Movimentos Populares realizado na Costa Rica que debateu as demandas e propostas para diminuir os problemas sociais da região e estimular a integração.

No âmbito da **comunicação**, cujo percentual foi de 9%, observou-se a preponderância de referências à própria TeleSUR. Como a pesquisa abrange tanto o mês de julho de 2014, como o mês de julho de 2015, mês em que se comemora o aniversário da rede de comunicação, o número de matérias no âmbito da comunicação acabou tendo uma elevação. Neste sentido, importa discutir o papel da TeleSUR em falar de si mesma e da sua importância para o processo de integração. Por outro lado, notou-se que pouco foi reportado acerca de iniciativas concretas no âmbito da comunicação para a região como um todo, e até iniciativas pontuais não tiveram

tanta evidência. Posto isto, selecionou-se então: “*TeleSUR, trinchera de la geopolítica comunicacional contrahegemonica*” (ARKONADA, 2015). A matéria discorre sobre a importância da Telesur para a comunicação da região, sobre os processos de democratização dos meios de comunicação e, por fim realça a importância do setor de comunicação para o processo de integração.

No que concerne à categoria **cultura**, que agrupou 7%, observa-se um número baixo, considerando que o sistema multimidiático se propõe a evidenciar os elementos culturais da região que, diga-se de passagem, são muitos e compõem mosaicos diversos. Essa categoria é imprescindível para a divulgação e disseminação dos elementos identitários, pois realça os valores culturais, histórias e conhecimentos mútuos fundamentais para integração regional. Nesta categoria encontram-se os discursos de referência aos personagens comuns da região, sobretudo de Simón Bolívar que carrega os elementos da memória coletiva. Também é neste espaço onde se divulgam questões relacionadas às iniciativas no âmbito da arte – em suas variadas vertentes, dando ênfase aos elementos simbólicos comuns. Nesse palco, ganham evidência, os artistas e intelectuais, sobretudo os que se engajam nas lutas e reivindicações sociais, ou que de alguma forma retratam o universo cultural latino-americano e cunham a identidade da região. Nota-se ainda que as discussões envolvendo tal categoria são bastante diversas. Há um misto de tudo que envolve cultura e políticas em prol de democratização cultural e dos projetos culturais comuns da região. Destaca-se então: “*Galeano a Morales: Eres símbolo de la identidad latinoamericana*” (TELESUR, 2015b). A matéria relata o encontro do presidente Evo Morales com Eduardo Galeano no Uruguai, e ressalta o quanto os dois são importantes para a identidade cultural da América Latina.

Na área de **segurança** que obteve o percentual de 3%, notou-se algo distinto das categorias anteriores que chamou atenção. Assim, nas poucas matérias envolvendo tal questão, a integração latino-americana adquiriu contornos sul-americanos, pois destacou os discursos institucionais e às iniciativas da Unasul para a segurança. Neste sentido, predominou a temática sobre defesa da paz. Ainda, o tema do tráfico de drogas também se mostrou recorrente. A notícia escolhida foi: “*Unasur defiende el principio de preservación de la región como zona de paz*” (TELESUR, 2015c). A matéria trata do Encontro da Unasul realizado na capital do Equador, Quito, para debater a garantia da segurança na região.

Por fim, no âmbito da **educação**, o percentual foi o menor de todos, 2%. Chama atenção o fato de um aspecto tão importante para a disseminação dos valores culturais ter obtido um espaço tão ínfimo no portal. Sabe-se do impacto que a educação tem para difundir tradições

culturais e da sua importância como círculo temático para compreender a diversidade sócio-histórica da região. Por meio da educação, torna-se possível a convivência de culturas, além de corroborar para diminuir o desconhecimento da realidade sócio-cultural dos países vizinhos. Compreende-se então que o portal deveria dar mais foco às temáticas da educação. Algumas das notícias avaliadas não deram tanta ênfase aos elementos culturais, mas se mostraram mais atentas às agendas dos eventos sobre educação na região. Para ilustração selecionou-se: “*Expediciones Pedagógicas para una educación emancipadora nustramericana*” (IMEN, 2015). A matéria versa sobre a Expedição Simón Bolívar realizada na Argentina. Trataram-se de trocas de experiências sobre a educação adotada nos países da região. A reportagem destaca que a expedição teve a participação de docentes, estudantes, movimentos estudantis e lideranças comunitárias.

3.4.2 Categorias e frequência de palavras

Decidiu-se agrupar dentro de cada categoria as 15 palavras mais frequentes no total de suas notícias. Com o filtro feito com o auxílio do *software*, julgou-se pertinente delimitar palavras cuja extensão ultrapassasse quatro letras, pois assim já se excluiria palavras inúteis (tais como algumas preposições) para escopo da pesquisa. Na tabela, a Contagem tem a ver com a quantidade de vezes que uma palavra apareceu dentre todas as notícias agrupadas em cada categoria. No final de todas as tabelas far-se-ão algumas observações.

Tabela 1. Análise de Conteúdo do tema Política

Palavra	Extensão	Contagem	Percentual ponderado (%)
venezuela	9	201	0,31
américa	7	195	0,30
latina	6	201	0,31
integración	10	201	0,31
presidente	10	173	0,26
países	6	144	0,22
celac	5	143	0,22
estados	7	161	0,24
unasur	6	133	0,20
política	8	123	0,19
argentina	9	114	0,17
ecuador	7	114	0,17
morales	7	144	0,17
mundo	5	112	0,17
bolivia	7	109	0,17

Fonte: Elaboração própria

Tabela 2. Análise de Conteúdo do tema Economia

Palavra	Extensão	Contagem	Percentual ponderado (%)
Latina	6	98	0,46
Países	6	98	0,46
América	7	87	0,46
Banco	8	59	0,28
Venezuela	9	87	0,41
integración	10	84	0,40
petrocaribe	11	51	0,24
Ecuador	7	49	0,23
Región	6	49	0,23
China	5	45	0,21
Bloqueo	7	37	0,17
Caribe	6	35	0,17
Regional	8	35	0,17
Dólares	7	34	0,16
latinoamerica	15	34	0,16

Fonte: Elaboração própria

Tabela 3. Análise de Conteúdo do tema Integração Física

Palavra	Extensão	Contagem	Percentual ponderado (%)
Bolivia	7	255	1,01
Chile	5	214	0,84
morales	7	89	0,35
boliviano	5	76	0,30
gobierno	8	63	0,25
internacional	13	61	0,24
presidente	10	58	0,23
relaciones	10	52	0,21
salida	6	52	0,21
marítima	8	51	0,20
chileno	7	49	0,19
boliviana	9	46	0,18
venezuela	9	43	0,17
integración	11	41	0,16
territorio	10	41	0,16

Fonte: Elaboração própria

Tabela 4. Análise de Conteúdo do tema Social

Palavra	Extensão	Contagem	Percentual ponderado (%)
pueblos	7	60	0,48
integración	11	50	0,40
américa	7	47	0,37
social	6	41	0,33
venezuela	9	41	0,33
unasur	6	39	0,31
argentina	9	35	0,28
estados	7	41	0,33
región	6	27	0,21
chávez	6	24	0,19
ecuador	7	24	0,19
mundo	5	24	0,19
celac	5	23	0,18
lucha	5	22	0,17
naciones	8	22	0,17

Fonte: Elaboração própria

Tabela 5. Análise de Conteúdo do tema Comunicação

Palavra	Extensão	Contagem	Percentual ponderado (%)
telesur	7	266	1,58
comunicación	12	72	0,43
medios	6	66	0,39
américa	7	59	0,35
noticias	8	53	0,32
latina	6	49	0,29
integración	11	44	0,26
mundo	5	37	0,22
venezuela	9	35	0,21
aniversario	11	34	0,20
latinoamericana	15	30	0,18
democracia	11	37	0,17
guerra	6	26	0,15
batalla	7	24	0,14
defensa	7	24	0,14

Fonte: Elaboração própria

Tabela 6. Análise de Conteúdo do tema Cultura

Palavra	Extensão	Contagem	Percentual ponderado (%)
latinoamericana	15	73	0,78
chávez	6	71	0,76
venezuela	9	63	0,67
bolívar	7	50	0,53
integración	11	42	0,45
multimedia	10	42	0,45
américa	7	41	0,44
libertador	10	38	0,40
simón	5	27	0,29
caribeña	8	19	0,20
legado	6	26	0,28
comandante	10	25	0,27
festival	8	24	0,26
cultura	7	22	0,23
latina	6	22	0,23

Fonte: Elaboração própria

Tabela 7. Análise de Conteúdo do tema Segurança

Palavra	Extensão	Contagem	Percentual ponderado (%)
unasur	6	26	1,16
política	8	12	0,54
venezuela	9	13	0,54
organizaciones	14	10	0,45
región	6	10	0,45
drogas	6	9	0,40
haití	5	9	0,40
defiende	8	8	0,36
minustah	8	8	0,36
movimientos	11	8	0,36
ecuador	7	7	0,31
principio	9	7	0,31
samper	6	7	0,31
brigada	7	6	0,27
populares	9	6	0,27

Tabela 8. Análise de Conteúdo do tema Educação

Palavra	Extensão	Contagem	Percentual ponderado (%)
argentina	7	18	0,87
morales	9	17	0,82
educación	7	15	0,72
nuestroamericana	8	13	0,63
venezuela	11	11	0,53
honoris	9	10	0,48
maduro	16	10	0,48
doctorado	10	10	0,48
emancipadora	9	10	0,48
expediciones	5	9	0,43
universidad	7	9	0,43
integración	6	9	0,43
lucha	6	9	0,43
nacional	9	8	0,39
pedagógicas	12	8	0,39

Fonte: Elaboração própria

Compreende-se que as palavras sozinhas não possuem sentido por si só, antes são nos discursos que estes sentidos se formam. Assim, nota-se que em cada categoria as palavras estão bem encaixadas no repertório referente às suas temáticas, e as que estão no topo das aparições não necessariamente são as mais importantes, mas sim as mais recorrentes. Destacando alguns termos, no âmbito **político**: os países e as instituições ganham destaque (Venezuela, Celac); no **econômico**: os bancos, petrocaribe e o dólar; no **físico**: as palavras integração e território;

social: as palavras povos e lutas; na **comunicação**: TeleSUR, batalha, guerra, na **cultura**: os nomes de Chávez e Bolívar, legado; na **segurança**: os termos drogas, defesa, organizações; na educação: as palavras, emancipadora, luta, universidade. Atenta-se então que esta última categoria, a de **educação** foi a única que elencou o nome do presidente Maduro e na de cultura fez-se referência ao Hugo Chávez.

Nota-se que as palavras: **região, integração, América Latina**, estão presentes em quase todas as categorias, já a palavra **identidade** não esteve entre as quinze mais recorrentes nessas categorias. Neste caso, isto não quer dizer muita coisa, pois o termo identidade não significa em si a construção desta, pois esta identidade permeia-se no campo simbólico. Também chama atenção as três últimas palavras da categoria comunicação: termos cuja conotação remete à área de segurança. Tais referências ilustram o quanto as relações com a mídia opositora inserem-se no contexto informativo do portal.

Feitas estas constatações, observou-se ainda que a palavra **Venezuela** esteve presente em quase todas as categorias, com exceção da categoria cultura. Assim, em política a palavra Venezuela ficou como a primeira mais recorrente, em economia foi a quinta, em integração física foi a décima terceira, na categoria social foi a quinta, na de comunicação foi a nona, em segurança foi a terceira e na categoria educação foi a quinta. Isto denota o que já foi constatado em outras pesquisas, que o sistema multimidiático, mas aqui no caso específico do portal, embora aborde amplamente sobre a América Latina, seus elementos identitários e as iniciativas em torno do projeto integrativo, volta-se ainda muito marcadamente para o contexto da Venezuela.

Além da Venezuela, apenas a **Argentina, Bolívia e Chile** estiveram no rol das palavras mais recorrentes. Por fim, ressalva-se que o Chile não é um país alinhado politicamente com a Venezuela e, além disso, passa por momentos de tensões com a Bolívia que é um aliado direto da Venezuela. Nesse sentido, o portal dividiu “os que estão” e “os que não estão conosco” e assim coloca-se discursivamente a favor da Bolívia, e o Chile envolvido neste conflito insere-se no lado dos que “não estão conosco”.

3.5 Governos Chávez e Maduro e o Portal da TeleSUR

Conforme discutido anteriormente, a Era da Informação trouxe mudanças significativas no contexto global. Se a televisão causou grandes transformações para a comunicação e para a sociedade, pode-se inferir que não foi diferente no que se refere à internet. Através da rede é

possível estabelecer uma comunicação global e isto suscita intensas transformações. A interação em rede aproxima distâncias, e isso modifica as relações sociais. Com a internet essas relações se tornam descentralizadas.

O acesso à rede de computadores redefiniu o processo comunicativo – com trocas de informações mais intensas e instantâneas – possibilitando o imediatismo informativo o que, em certo sentido, possibilitou a democratização das informações, modificou a estrutura de divulgação das informações. Em face disso, nota-se que hoje é bem mais raro a veiculação de informações advindas sob uma única ótica. A relação dos indivíduos com as informações tornou-se mais complexa na medida em que estes, que antes eram apenas consumidores ou expectadores de conteúdos, hoje também são produtores de informações e interagem com os conteúdos.

As redes sociais também facilitam esse processo informativo e acaba sendo uma ferramenta de comunicação e mobilização (no sentido mais amplo da palavra). Por meio delas existe o compartilhamento de muitas ideias e informações que se articulam de um modo muito rápido gerando implicações sobre o monopólio das informações, em grande parte, muito restritas ainda aos grupos de comunicação.

Embora se reconheça que essas mudanças atingiram uma considerável parcela da sociedade, não se pode dizer que esta seja atingida por completo, pois nem todos se inserem neste processo. O acesso à internet na América Latina, por exemplo, cresce em ritmo acelerado, porém sabe-se que sua população – em grande parte carente até mesmo de serviços básicos – talvez ainda esteja longe de atingir níveis consideráveis de acessibilidade, o que se difere do acesso à televisão que é mais massivo.

Atentos às mudanças ocorridas na sociedade, tendo-se a percepção de que os meios de comunicação tomam cada vez mais relevância na vida cotidiana dos cidadãos, os governos e os grandes grupos de comunicação investem na utilização dessas novas mídias para alocar falas que promovam imagens, ou desenhos que perfaçam bons “retratos”. Conforme já analisado, tanto o governo Chávez como o governo Maduro entenderam a importância dos meios de comunicação e das ferramentas que a internet – por transcender as fronteiras geográficas – dispõe para articulações políticas, consubstanciados na forma de defesa ante a oposição, garantir visibilidade e encontrar espaços para difundir discursos. É, portanto, por meio desses dispositivos midiáticos que se tenta manejar de modo simbólico o processo de integração regional por meio da construção de uma identidade regional envolta no campo das ideias. Assim, a América Latina e o projeto de integração encontram-se muito presentes nas narrativas

discursivas desses presidentes, e o mesmo ocorre nos meios midiáticos respaldados por tais governos. Partindo do campo do discurso político e do discurso midiático, difundem-se as ideias integracionistas.

Nesta perspectiva, concorda-se com Nogueira (2012, p. 118) para quem “os meios de comunicação de massa podem ser entendidos como importantes agentes sociais envolvidos em processos de construções cognitivas coletivas, uma vez que veiculam em larga escala discursos interessados.” Isto pode ser visto na prática, na medida em que se faz um acompanhamento dos conteúdos e discursos disseminados pela TeleSUR e pelo o seu portal.

Deve-se enfatizar que os dirigentes da TeleSUR defendem reiteradamente que o sistema multimidiático não se destina a atender os fins políticos dos últimos governos da Venezuela, posto que é uma rede multiestatal (engloba vários Estados) e nem mesmo dos governos que mantêm a TeleSUR (STRASSBURGER, 2012)

Na prática, porém, mesmo em uma análise simplista e geral, que vise acompanhar apenas o conteúdo das informações noticiadas ou assistir aos programas exibidos, já é possível notar que o portal maneja-se consubstanciado por forças políticas centradas nestes governos. Isto ocorreu no governo Hugo Chávez e permanece no governo Maduro, pois assim como o seu antecessor, ele teve que enfrentar a impiedosa perseguição da mídia nacional e se utilizar de outro tipo de mídia, aquela investida pelo o Estado, para tentar se defender. Nestes termos, defender-se incorre em desconstruir a imagem que a oposição imprime ao tentar deslegitimar os projetos políticos do governo. Assim, Maduro agiu em conformidade com a ideia esboçada por Charaudeau (2006), que explica que a procura dos políticos pelo campo midiático ocorre principalmente para suprir as necessidades de visibilidade, construção de imagem e legibilidade de seu plano político.

Semelhante ao seu antecessor, Maduro permanece incisivo no investimento do projeto bolivariano internacional e também tem dado importância à TeleSUR no tabuleiro do jogo político. Tanto a emissora, como o sítio, não alvejam o atual governo, mas o evidenciam, seja por meio das notícias que veiculam ou através da reprodução dos discursos proferidos pelo próprio Maduro. Durante os períodos mais tensos das manifestações populares contra o governo, ocorridas com mais intensidade durante o ano de 2014, em que se mirava afastar Maduro do poder, a TeleSUR mostrou-se a favor do presidente.

Conforme visto, o atual governo tem enfrentado um momento deveras crítico ante uma inflação elevada e instabilidades políticas, entretanto a emissora e o portal não deixam de divulgar e informar os dados, mas por outro lado, não ousam tecer comentários mais arguidores

e os enunciados informativos presentes no universo jornalístico da TeleSUR buscam dar credibilidade às ações do governo.

Em meio às comemorações dos oito anos da TeleSUR, no ano de 2013, Maduro concedeu uma entrevista ao canal²⁸ e parabenizou o trabalho realizado pelos profissionais da emissora, destacando o nome de Patrícia Villegas, a então presidenta da rede de televisão. Mas, a fala do presidente Maduro foi marcada, sobretudo, por palavras que exaltavam a missão informativa da TeleSUR, tanto que ele chegou a afirmar que “a TeleSUR é defensora da verdade mundial” e que “sem a TeleSUR a verdade estaria morta no mundo”. E mais uma vez enalteceu o comprometimento do canal e o papel que este meio representa para a região da América Latina e Caribe, afirmando que a TeleSUR faz com que o mundo inteiro conheça a verdade da América Latina (NOGUEIRA; RIBEIRO, 2013).

Dentre algumas matérias comemorativas da Telesur pelos seus 10 anos, destaca-se a seguinte: “*Maduro y Morales en programa especial por 10 años de TeleSUR*” (TELESUR, 2015d)²⁹. Nesta reportagem a Telesur descreve o discurso³⁰ que o presidente proferiu sobre a rede de comunicação:

[...] Felicitaciones à TeleSUR, amanhã vamos participar junto a outro companheiro presidente de em um programa especial para comemorar esses 10 anos da TeleSUR. Refletirá que há passado 10 anos, como mudou o mapa latino-americano, caribenho e mundial, como tem despertado a força revolucionária e progressista verdadeira ao novo tempo da região, lideranças revolucionárias, analisar todos os intentos de desestabilização e golpismo da direita mundial contra os processos revolucionários e progressistas da América Latina (TELESUR, 2015 d).

A fala do presidente foi marcada pela reiteração de que a TeleSUR informa a verdade para o mundo, e deu destaque ainda para as mudanças no mapa latino-americano e caribenho e de um novo tempo para a região e desfecha remetendo-se às investidas de golpes da direita. Percebe-se então que Maduro discorre sobre a TeleSUR e aproveita tal ensejo para sublinhar aspectos contextuais políticos da América Latina e para censurar, conforme suas próprias

²⁸ Presidente de Venezuela felicita a Telesur por sur octavo aniversario”. Disponível em: <http://www.telesurtv.net/articulo/articulo/2013/presidente-maduro-felicita-a-telesur-por-seu-octavo-aniversario-1160htm> Acesso em: 23 de agosto de 2013.

²⁹ Disponível em: <http://www.telesurtv.net/News/Maduro-y-Morales-en-programa-especial-por-10-años-deTelesur-20150724-0019.html>. Em: 24 de julho de 2015.

³⁰TELESUR, Maduro felicita a Telesur por sus 10 años de transmisión. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Keb-jWharSY> Acesso em: 10 out. 2015.

palavras, a postura política da direita mundial que tem arrazoado ações golpistas na região. Cabe esclarecer que o presidente a que Maduro se refere é Evo Morales, da Bolívia.

No que diz respeito à integração regional em termos políticos, o sistema multimídia é sempre atento à agenda dos encontros dos presidentes através das reuniões institucionais, como da CELAC, por exemplo. Preocupa-se em discorrer sobre o que foi discutido e decidido nessas reuniões. A notícia seguinte ilustra isso: “*Ministros de Cultura de la Celac aprueban plan de acción* (TELESUR, 2015e)”

Assim, o portal também realça a disposição que o presidente Maduro tem de atar laços mais firmes com os países da região e de traçar caminhos comuns direcionados para a integração da região. O portal coloca em evidência as relações estabelecidas entre os presidentes e os acordos firmados para a região.

Para compreender o modo como ocorre essa operação de associação da TeleSUR aos referidos governos e ao projeto bolivariano de integração, recorre-se a algumas informações contidas em estudos jornalísticos que se voltam para uma análise de conteúdo com viés quantitativo. Tais estudos remetem a períodos distintos e com isso é possível perceber as mudanças, continuidades e amadurecimento da rede. O estudo de Valente e Santoro (2005) realizado no mesmo ano de implementação da TeleSUR, faz algumas prospecções sobre a atuação e futuro da TeleSUR. A pesquisa de Mendes (2007; 2009) perscruta a difusão da TeleSUR e direciona para o contexto argentino. O trabalho jornalístico de Mendes (2007; 2009), bem como o trabalho de Gentili e Rocha (2010) interpretam dados quantitativos que envolvem os noticiários, de acordo com um período determinado.

Em resumo, tais trabalhos constataram que a América Latina, de fato, está entre os assuntos mais presentes nos noticiários da emissora. Este é um fator que leva a inferir que a TeleSUR aporta-se para cumprir com o caráter integrador em termos simbólicos. Por sua vez, os autores supracitados também constatam que dentre os países que integram e sustentam o sistema multiestatal, a Venezuela é o país que mais detém espaço nos noticiários e que há poucas críticas direcionadas para os países que abrangem formalmente a TeleSUR. Entretanto, segundo tais constatações, ocorrem notícias com teor mais crítico àqueles países que não estão diretamente ligados à proposta política da TeleSUR.

A jornalista Mendes (2007) aferiu que as notícias são respaldadas pelas vozes autorizadas, ou seja, ecoadas pelas figuras dos altos cargos do Executivo e Legislativo. Tabita Strassburger (2012) apresenta um trabalho jornalístico abrangente sobre a TeleSUR (inclui análise sobre o portal) e os seus modos de produção de notícias. A pesquisadora visitou a sede

da emissora e do portal, bem como realizou entrevistas com alguns leitores deste portal e com os dirigentes e colaboradores da TeleSUR. O estudo está centrado nas inter-relações entre sujeitos comunicantes e cidadania comunicativa.

Por meio desses estudos é possível apreender, de forma mais ampla, características peculiares desse sistema multimidiático, e assim tecer um debate mais aprofundado com percepções próprias. Para perscrutar ainda mais o conhecimento sobre o referido sistema, faz-se uma descrição sobre os pontos e *links* específicos do portal.

Reconfigurado no ano de 2012 e sempre buscando acompanhar as novas tendências gráficas e digitais, o portal da TeleSUR não se distingue muito dos outros no que tange a estes quesitos, o que o distingue dos demais é a sua proposta temática expressivamente voltada para a América Latina e Caribe com o intento de contribuir para integrar simbolicamente a região (STRASSBURGUER, 2012b).

Embora divulgue e retrate os fatos e acontecimentos mundiais, o portal é centrado em fomentar informações e difundir conteúdos referentes à região. Cabe ressaltar que ainda que o foco se centre na América Latina e Caribe, o sistema busca sempre estratégias para ampliar sua transmissão de modo a atingir maior público nas diversas partes do mundo. Desta forma, esforça-se para ampliar as maneiras de mostrar aos “os de fora” quem “nós somos”.

O portal da Telesur tem os mesmos objetivos que a rede de televisão, entretanto, o que os diferencia é apenas o formato que é mais interativo, conforme será abordado adiante. Strassburger (2012b, p. 97) explica a transição que ocorre entre a matéria noticiada na emissora para o portal:

Dependendo da informação, por exemplo, se uma matéria foi exibida na emissora de televisão, os redatores assistem a esse audiovisual, transcrevendo as informações; depois, reescrevem acrescentando dados e formatando nos padrões digitais. Imediatamente debaixo de cada texto são colocadas as fontes consultadas para a elaboração, a inicial do nome de quem redigiu, e a do editor.

No *link* TeleSUR expõe-se de modo detalhado a história, trajetória, objetivos e missão -, que serão detalhados adiante. É possível perceber as conquistas do sistema, na parte introdutória e de destaque do *site*. Para cada ano há uma descrição das conquistas e avanços obtidos. No ano de 2013, já correspondendo ao governo Maduro, o portal descreve a mudança feita em sua logomarca, e também destaca o aumento do número de correspondentes para as novas cidades como: Brasília e Moscou. No ano de 2014, o texto faz menção ao feito da inauguração da página da TeleSUR em língua inglesa e ressalta que com isso obterá maiores

audiências. Em 2015, a emissora comemorou 10 anos e fez modificações gráficas dando destaque ao aniversário e as coberturas consideradas mais importantes durante a década de exibição.

Em meio a essas comemorações, a emissora realizou uma festa na cidade de Caracas com a participação de alguns nomes integrantes do jornalismo do canal. No portal, abriu-se um espaço destinado para o testemunho de alguns dos seus profissionais, e pessoas ligadas aos movimentos sociais relataram a importância da TeleSUR. Em geral, os depoimentos dos profissionais transmitem a ideia de grande satisfação e orgulho por trabalhar em prol de um projeto que busca divulgar a verdade, e evidenciar a América Latina e o Caribe³¹.

Ainda em meio à comemoração dos dez anos da emissora, outros portais noticiaram sobre esse aniversário e sobre o papel que a Telesur desempenha como canal informativo sobre a América Latina. Destaca-se então o ensaio de Aram Aharonian³² publicado na Carta Maior que aponta e elenca algumas críticas pertinentes à TeleSUR:

[...] vários jornalistas fundadores de TeleSUR testemunharam as seguintes realidades críticas: a) falta convicção sobre o que significa a democratização, sobre como garantir a democratização da palavra e da imagem, para que todos sejam protagonistas, sem necessidade de intermediários; b) a agenda informativa é reativa à gerada pelos meios hegemônicos – e, portanto, dependente da agenda do inimigo); c) se a maior parte das imagens dos noticiários são produzidas por duas cadeias multinacionais de informação, dificilmente haverá imagens dos fatos que envolvam a visão dos mais pobres e dos movimentos sociais; d) existe uma prioridade em dar cobertura aos presidentes da região, o que acaba tirando protagonismo dos movimentos sociais; e) deveria servir para resgatar a memória dos nossos povos, e não somente com documentários nostálgicos ou denunciadores, mas também com programas que estimulassem a reflexão sobre essa memória e o debate sobre para onde caminhamos. Um povo que não sabe de onde vem dificilmente saberá para onde vai. – Muitas vezes se perde de vista aqueles que devem ser os sujeitos, os protagonistas das nossas histórias, e na louca ideia de competir (inseridos numa dinâmica capitalista), o canal acaba seguindo a agenda informativa dos meios hegemônicos. Não basta entrevistar os líderes dos movimentos sociais para promover suas lutas, é preciso explicar as razões delas, como funcionam, o porquê de lutar. Dando voz e imagem aos verdadeiros protagonistas, fazendo uma televisão realmente democrática, onde todos possam se expressar, não somente os representantes. Onde as pessoas se sintam identificadas com as histórias narradas. Uma televisão que priorize claramente o protagonismo popular, como diria Chávez. (AHARONIAN, 2015)

Dadas tais considerações, explora-se a seguir a página de abertura do portal e destaca as barras de conteúdo, seus links e descrições.

³¹ Disponível em: http://www.telesurtv.net/pages/Especiales/Aniversario_teleSUR/3/diez.html. Acesso: 20 de outubro de 2015.

³² Jornalista uruguaio, ocupou o cargo de diretor da TeleSUR por muitos anos.



Figura 4. Links do Portal

- **Notícias:** América Latina, Volta ao mundo, Esportes e Cultura. Em notícias é possível buscar de forma selecionada as que são referentes à América Latina, as notícias internacionais, as de Esporte e Cultura.
- **Vídeos:** neste segmento encontram-se materiais disponíveis em vídeo que são organizados por temáticas como; notícias, entrevistas, programas, reportagens, documentários.
- **Multimídia:** EspecialWeb, Infografias e galerias. É um espaço destinado a exposição de imagens e o EspecialWeb trata de matérias especiais mais aprofundadas sobre determinados temas em evidência.
- **Opinião:** Artigos, aqui se encontram os artigos de opinião de jornalistas e conforme consta na própria página, a TeleSUR descreve que não se responsabiliza pelos conteúdos desses artigos.
- **Blogs:** neste espaço os jornalistas escrevem artigos e ensaios, e do mesmo modo, o portal também não se responsabiliza pelo conteúdo.
- **Análise:** trata de matérias sobre temas considerados importantes que são detalhados e aprofundados.
- **Áudio:** O melhor do dia, Blog do dia, TeleSUR Notícias. Esse espaço disponibiliza em áudio as matérias consideradas melhores.
- **Sou repórter:** Torne-se um repórter, envia uma história, envia uma foto, envia um vídeo, ajuda. Esse é um espaço para estabelecer interações com o público.
- **Programas:** É um espaço informativo que apresenta a programação ao vivo da TeleSUR por meio do portal. Aqui é exposta a grade de programação com os devidos horários de exibição.

Considerando a discussão aqui empreendida acerca da mídia e suas transformações, chama a atenção o *link Soy Repórter*. Neste espaço, o internauta participa ativamente das matérias. É possível o envio de fotos e vídeos. Há o espaço para curtir o que foi noticiado e tecer comentários. Assim, circulam-se formações discursivas sobre as notícias e conteúdos. Este espaço de interação torna-se simbolicamente importante, em razão de acentuar o teor democrático e participativo do canal e possibilita a troca de conteúdos informativos e culturais entre os indivíduos, difundindo suas visões de mundo. O indivíduo pode interagir, expressar, manifestar e se identificar com os elementos plurais da cultura da região. A isso soma-se o fato de que, em certos casos são os próprios protagonistas da história que estão contando suas histórias.

Nesta perspectiva, Foletto (2015, p. 132) discute os aspectos interativos da comunicação e suas relações com as práticas culturais:

Neste sentido, a internet, vista como artefato cultural, possibilita e potencializa a inter-relação entre os diversos grupos humanos, bem como a cidadania comunicacional, oferecendo e construindo canais de interação, debate e construção de cosmovisões. Compreende-se que os processos de circulação de mensagens e discursos nos ambientes digitais se configuram por intermédio de determinadas dimensões históricas, econômicas e políticas, bem como por práticas de interação social.

Destaca-se também, o Doc Web que apresenta o seguinte texto e proposta: você é notícia para a Telesur. Compartilhe sua história de vida em 2014 (*#tunoticiadelaño*). Através deste espaço os indivíduos de lugares distintos podem trocar suas vivências por meio das notícias.

Ainda sobre este aspecto da interação cultural por meio da mídia e da troca cultural através desta, ressalta-se a ligação do portal com as redes sociais, como por exemplo: *twitter*, *facebook* e *you tube*. Através desses elementos, as vivências do cotidiano podem ser trocadas afora demarcações de fronteiras. É constante a organização de debates ou entrevistas especializadas sobre os temas da atualidade e nesse espaço é possível estabelecer diálogos e opinar sobre os temas. Com isso é possível de certo modo entender a forma como as notícias ou os conteúdos estão sendo aceitos e assimilados.

A página também dispõe de artigos que são escritos por autores fixos ou não. Ilustra-se que o portal disponibilizou um texto do teólogo Leonardo Boff sobre a reeleição da presidenta Dilma Rousseff. Aliás, muito voltado, sobretudo, para o âmbito político, como já foi aferido, o portal mostra-se atento aos elementos conjecturais das eleições presidenciais da região. No caso particular da última eleição do Brasil, o portal esteve sempre centrado nos números das

pesquisas (tanto no primeiro como no segundo) e era nítido o apoio voltado para a vitória da presidenta Dilma, e assim se mantém ao longo do governo.

O portal mostrou-se atento ao recente processo eleitoral da Argentina, ocorrido no mês de novembro de 2015, em que o candidato liberal Mauricio Macri venceu o candidato apoiado pelo governo Kirchner, Daniel Scioli. A vitória de Macri pôs fim aos 12 anos da gestão Kirchner³³ e trouxe preocupações para a Venezuela, uma vez que o candidato eleito questionou a participação do referido país no Mercosul. O portal divulgou a seguinte notícia: “*Argentina pondrá en juego integración para acercarse a EE.UU*”³⁴ (TELESUR, 2015f).

Dado esses comentários, tem-se ainda em relação à interação que, embora o contexto e enfoque sejam diferentes, isso faz lembrar a comunidade imaginada pensada por Anderson (2008) uma vez que não necessariamente os indivíduos se conhecem, mas há elementos comuns pelos quais eles se identificam e isso transcende as linhas geográficas que demarcam territórios. Assim, pode haver um sentido de identidade que pode ser compartilhado. Desta forma, essas ferramentas de comunicação –, assim como Anderson (2008) percebeu no seu referido estudo sobre os jornais – tornam-se instrumento de construção da ideia e do sentimento de pertencimento à região (NOGUEIRA, 2012).

Assim, a noção de região liga-se aos indivíduos por meio das inter-relações. A televisão, por meios dos seus telejornais e os portais com os seus textos, constroi sentidos e reforça identidades, pois fazem com que o telespectador ou leitor –, quando assiste ou lê determinado conteúdo – de algum modo se sinta como parte dessa comunidade. Neste ensejo, em reflexão sobre o projeto de integração do continente, recorre-se a Nogueira (2012, p.85) que faz a seguinte avaliação:

No que se refere ao papel dos meios de comunicação de massa nesse processo, é interessante observar que o discurso midiático homogeneizador de integração regional baseia-se na veiculação de símbolos e valores compartilhados por Estados que supostamente teriam um passado (experiências e memórias) e um presente (ocupação de uma posição não-hegemônica na América) comuns. É reciprocamente nessa dimensão que tal ideal bolivariano de construção cultural de uma identidade latino-americana se coloca.

Retomando a descrição do portal, expõe – de formal literal, ou seja, tal como consta na página –, a missão, a visão e os princípios e valores pelos quais o sistema defende, assim:

³³ Nestor Kirchner (2003-2007) e Cristina Kirchner (2007-2015)

³⁴ Disponível em: <<http://www.telesurtv.net/news/Argentina-pondra-en-juego-integración-para-acercasse-a-EE.UU>>. Acesso em: 27 de novembro de 2015.

Nossa Missão: A TeleSUR é um multimeio de comunicação latino-americano de vocação social orientado a liderar e promover os processos de união dos povos do Sul*.

(*) Sul: conceito de geopolítica que promove a luta dos povos pela paz, autodeterminação, respeito pelos Direitos Humanos e Justiça Social.

Nossa Visão: Ser um multimeio e multiplataforma de serviço público de cobertura global que desde o Sul, produz e divulga conteúdo informativo e formativo para uma base de usuário ampla e leal, com visão integradora dos povos.

Princípios e Valores: compromisso, excelência, trabalho em equipe, vocação social, transformação, criatividade, ética.

Logo em seguida, na parte de baixo da página há um ícone denominado TeleSUR, nele consta o item sobre TeleSUR em que apresenta:

- **Sobre TeleSUR:** sobre TeleSUR, contatos, equipe, emprego, termos de Uso, Aplicações, cobertura satélite, rss, contratação e pública.

- **Canais:** América Latina, volta ao mundo, esporte, cultura, opinião, programação.

- **Serviços:** multimídia, blog, vídeo, Tv ao vivo (TELESUR, Acesso: 20 de mai. 2014, Tradução da autora).

Por fim, conclui-se que as informações, notícias, difusão de discursos, vídeos, textos, fotografias e as interações midiáticas presentes na programação emissora e no seu portal, são expressões e elementos culturais importantes que podem fazer aguçar o interesse e o envolvimento dos telespectadores e leitores pela cultura latino-americana. Com efeito, em face do empenho de difundir os fatos e os elementos culturais comuns concernentes à região, a TeleSUR pode corroborar para fomentar a identidade latino-americana. O fato de proporcionar conhecimento e entendimento sobre a região em seus variados contextos pode excitar a construção do imaginário social acerca da região, aproximar os indivíduos à identidade latino-americana e integrá-los de forma simbólica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho discutiu o papel do sistema multimidiático para a integração da América Latina no processo de construção simbólico. Para tanto, discutiu-se o contexto político da América Latina, que com a crise do modelo neoliberal no final dos anos 90, favoreceu a emergência de governos alinhados aos partidos de esquerda (de diversas orientações). Esses governos tentavam reverter os danos causados por esse modelo, e para isso investiram em políticas sociais e buscaram adquirir maior autonomia ante as direções de suas políticas externas. Destacou-se que com a emergência dessas novas lideranças, o projeto de integração da região volta à tona com novo fôlego, introduzindo mudanças marcantes, sobretudo acerca da compreensão de que não são apenas os aspectos políticos e econômicos os fatores fundamentais impulsionadores desse processo, embora não descartem sua importância, e neste sentido os aspectos socioculturais ganham evidência.

Hugo Chávez, que surgiu no contexto internacional como uma figura polêmica, foi um dos maiores incentivadores do projeto de integração sob um viés menos restrito ao fator econômico. A trajetória política de Chávez ficou marcada por reforçar e recorrer aos elementos identitários, sobretudo, em torno da figura de Simón Bolívar, apelando para a importância simbólica que este personagem tem na Venezuela e na região.

As ações desse presidente, tais como proferir discursos embasando-se nas figuras emblemáticas, e enfatizando o uso de falas diretas de Bolívar, mostra o investimento no caráter cultural e simbólico comum à região, que também foi seguido por Nicolás Maduro. Outro ponto a ser destacado é que no governo Chávez, uma guerra foi travada com alguns setores midiáticos, tanto em termos internos como externos. Essa guerra possibilitou que o governo Chávez investisse em criar e manter os seus próprios recursos midiáticos, e neste leme, Maduro tenta sustentar-se no poder com o auxílio de tais recursos.

Assim, é em face desse contexto que nasce a TeleSUR, uma emissora multiestatal destinada a dar voz aos latino-americanos e investir na integração cultural da região, e que aos poucos desponta como referência informativa da América Latina. Neste sentido, a pesquisa constatou que a TeleSUR e o seu portal cumprem com os seus objetivos, na medida em que tenta ser um canal alternativo aos grandes meios, pelo fato de dar espaço para que os latino-americanos se vejam e sejam vistos pelos “de fora”.

Ao seguir na trilha da difusão do ideário integracionista a TeleSUR envereda-se no intento de influenciar os sujeitos (influenciados de modo consciente ou inconsciente) – por meio

das narrativas discursivas dos seus conteúdos – sobre os sentidos de uma identidade latino-americana. Porém, também se constatou certos desvios de percurso na medida em que se nota que o portal não tem dado tanta ênfase aos aspectos sócio-culturais e educacionais da região no seu mote de notícias que enquadram a integração do continente, conforme visto na análise de conteúdo das notícias veiculadas pelo portal. Isso em certo sentido contraria o discurso com a prática do sistema multimidiático, que prima em difundir os elementos culturais da região. Diante dos elementos culturais diversos que a região possui e por saber que a identidade cultural compartilhada é uma importante condição para a libertação da sua população historicamente oprimida, o portal falha ao não sobrelevar os aspectos sócio-culturais e educacionais na tônica dos noticiários.

O fato de abordar esses aspectos já é algo importante, urge-se de mais evidências, ou seja, discorrer mais sobre os assuntos envoltos em tais temáticas. Trata-se de instigar mais divulgações de notícias nestas esferas, uma vez que, como visto, essas são fulcrais para aproximar simbolicamente as populações. Oferecer mais espaços de participação para os cidadãos, para que estes possam falar e serem ouvidos torna-se fundamental para população latino-americana, que luta por diversas causas (em variados âmbitos), e anseia por espaços e palcos de divulgação de suas causas e lutas. Neste sentido, a emissora e o portal podem corroborar ainda mais para isso.

A pesquisa também constatou que os elementos de imparcialidade do multimeio não se resume apenas ao caráter jornalístico, mas também político, uma vez que a emissora e o portal se enviesaram em defesa do presidente Hugo Chávez, e de igual modo, do governo Maduro, mesmo em face de um contexto político crítico para o presidente e para o país. Além de ocupar grande parte dos seus espaços noticiosos com a Venezuela, o sistema multidiático foca nas ações e interesses do atual governo e torna-se palco de virtualização de discursos. Nos enquadramentos das notícias sobre a Venezuela, assim como geralmente também aos países associados, os enfoques são predominantemente positivos, no sentido de serem favoráveis às ações governistas. No que concerne aos países cuja ideologia seja discordante, tais enquadramentos geralmente são negativos, ou seja, sinalizam elementos críticos aos governos.

Ante a passagem de um governo a outro, ou seja, de Chávez a Maduro, não se constatou mudanças significativas na emissora, tanto do ponto de vista de suas práticas, como da sua linha editorial. Mesmo prevalecendo o caráter jornalístico e político, o multimeio expõe uma programação voltada para informar e entreter. E é neste sentido que busca difundir a cultura latino-americana. Embora aqui se tenha dado ênfase às notícias, compreende-se que os

documentários, entrevistas, vídeos, exibidos no portal também corroboram nesse processo simbólico de identificação cultural, pois acionam os imaginários.

Conforme visto, sobretudo a partir das ideias de Hall (2006), a realidade social e os processos identitários estão em constante construção. Assim, essa identidade cultural latino-americana está sendo construída e fortalecida discursivamente pelos elementos simbólicos.

Para tanto, os desafios do sistema multimidiático são grandes, uma vez que o público maior que ele atinge –, no caso, os próprios latino-americanos –, são marcados pela imensa diversidade e que mesmo tendo alguns elementos e tradições culturais comuns, torna-se um desafio expor conteúdos que contemplem a diversidade de um público culturalmente eclético. Torna-se ainda um desafio os aspectos estruturais de como atingir o número de público maior na região e no mundo. Mesmo não sendo um meio de caráter comercial, a questão da audiência é um fator importante uma vez que intenta alcançar o maior número de expectadores e leitores. Mas, neste caminho existem alguns impasses porque as políticas de comunicação e as leis que regulam o setor de comunicação nos diversos países fazem com que a TeleSUR não consiga difundir proficuamente o seu conteúdo. A emissora e o portal, em seus meios específicos (televisão e internet) seguem tentando aproximar, não territorialmente, mas virtualmente e simbolicamente os indivíduos da região. E, é neste sentido que, de algum modo, opera acionando um processo de descolonização do imaginário, para que os sujeitos em suas significações identitárias não mais se enxerguem subalternamente e reconheçam a relevância sociocultural de suas histórias.

Ressalvam-se os poucos anos de existência desse sistema midiático, e considera-se o fato deste ainda estar construindo a sua própria identidade. Espera-se que neste seu processo de construção de identidade, este se atente para ser mais latino-americano do que venezuelano, isto é, menos focado no entorno desse país e mais voltado para difundir e exprimir as amplas dimensões culturais da região.

REFERÊNCIAS

ADLER, Emanuel. O construtivismo no estudo das Relações Internacionais. **Lua Nova**, n.47, p.201-246, 1999.

AHARONIAN, Aram. Telesur: a revolução e o que veio depois. **CartaMaior**, 29 de julho, 2015. Disponível em: <<http://www.cartamaior.com.br/?/editora/midia/telesur-a-revolução-e-o-que-veio-depois/12/34110>>. Acesso em: 30 de outubro de 2015.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ARCONATA, Katu. **Mar para Bolívia um derecho histórico, una necesidad para la integración latino-americana**. TeleSUR, 29 jul. 2014. Disponível em: <http://www.telesurtv.net/bloggers/Mar-para-Bolivia-un-derecho-historico-una-necesidad-para-la-integracion-latinoamericana-20140730-000.html>. Acesso em: 26 jul, 2015.

_____. **TeleSUR, trincheira de la geopolítica comunicacional contrahegemonica**. TeleSUR, 23 jul. 2015. Disponível em: <http://www.telesurtv.net/bloggers/teleSUR-trincheira-de-la-geopolitica-comunicacional-contrahegemonica-20150723-0003.htm>. Acesso em: 26 jul, 2015.

ARRAES, Virgílio. A difícil integração dos países do Cone Sul. **Meridiano 47** vol. 12, n. 123, jan.-fev. 2011 p.42 a 39.

ÁVILA, Lucas Reis. **A TeleSUR e a comunicação na América Latina: uma análise da emissora e dos seus processos de construção do real**. 2008.81f. Trabalho de conclusão (Graduação em Comunicação Social – Habilitação em jornalismo), Centro Universitário de Belo Horizonte, 2008. Disponível em: <<http://convergencia.jor.br/bancomonos/2008/lucasavila.pdf>>. Acesso em: 15 de maio de 2014.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa; Edições 70, 1977.

BEZERRA, André Augusto Salvador. **Liberdade de expressão na Venezuela e no Brasil a partir do caso da RCTV**. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Integração da América Latina, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

BRAZ, Rodrigo Garcia Vieira. **Estado e Comunicação: Uma análise dos modos de regulação da radiodifusão no Brasil e na Venezuela**. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

CAMARGO, Júlia Faria. **Mídia e Relações Internacionais: Lições da Invasão do Iraque em 2003**. Curitiba: Juruá, 2011.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso Político**. São Paulo: Contexto, 2006.

COUTINHO, Lídia Maria; QUARTIERO, Elisa Maria. Cultura, mídias e identidades na pós-modernidade. **Perspectiva**, Florianópolis, v.27, n.1, 47-68, jan-jun, 2009.

CURTO, Diogo Ramada; JERÓNIMO, Miguel Bandeira; DOMINGOS, Nuno. Nações e Nacionalismos (a teoria, a história, a moral). **Tempo Social**, São Paulo, v.4, n.2, pp. 33-58, 2012.

FERREIRA, Carla Cecília Campos. **Ideologia Bolivariana: as apropriações do legado de Simón Bolívar em uma experiência de povo em armas na Venezuela. O caso da Guerra Federal (1858-1863)**. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós- Graduação em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

FERREIRA, Maria Nazaré. **Globalização e Identidade Cultural na América Latina**. São Paulo: CEBELA, 1995.

FIGUEIREDO, Alexandre Ganan de Brites. Ecos do Labirinto. **O pensamento de Simón Bolívar no discurso de Hugo Chávez**. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Integração da América Latina, Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2011.

FOLETTI, Rafael. **Presidentes de Latinoamerica: inter-relações entre sujeitos comunicantes e a série de entrevistas**. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo, 2015.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**, Rio de Janeiro: Graal, 1996.

FREDERIGO, Fabiana de Sousa. **História e Memória no Epistolário de Simón Bolívar (1799-1830)**. Tese (Doutorado), Universidade Estadual de São Paulo – UNESP, São Paulo, 2005.

GENTILLI, David Lopes; ROCHA, Vitor Taveira. Telesur: televisão e comunidade imaginada latino-americana. **Revista Extraprensa**.USP, São Paulo, v.1, n. 1E, novembro, 2010. Disponível em:<http://www.revistas.usp.br/extraprensa/article/view/77184/81046> Acesso em: 30 de setembro 2014.

GILBOA, Eytan. Diplomacy in the media age: Tree models of uses and effects, **Diplomacy & Statecraft**, v.12, n.2, 2001. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/095922901084062201>. Acesso em: 29 de abril de 2015.

GUAZINA, Liziane. O conceito de Comunicação e na Ciência Política: desafios interdisciplinares. **Revista Debates**, Porto Alegre, v.1., n.1, p. 49-64, jul-dez, 2007.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

_____. Estudos culturais e seu legado teórico. In: HALL, Stuart. **Da diáspora – Identidades e mediações sociais**. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2003.

HARNECKER, Marta. **Un Hombre, Un Pueblo**. Caracas: Asociación Civil Universitaria por la Equidad, 2002.

IMEN, Pablo. **Las expediciones pedagógicas para una educación emancipadora nuestraamericana**. TeleSUR, 31 mai. 2015. Disponível em: <http://www.telesurtv.net/bloggers/Las-expediciones-pedagogicas-para-una-educacion-emancipadora-nuestraamericana-20150531-0001.html>. Acesso em: 26 de jun. 2015.

KRATOCHWIL, Friedrich. **Rules, Norms and Decisions: On the Condition of Practical and Legal Reasoning in International Relations and Domestic Affairs**. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.

LAGE, Maria Campos. Utilização do software Nvivo em pesquisa qualitativa: uma experiência em EaD. ETD – Edic. Tem. Dig., Campinas, v.12 , n. esp.,p. 198-226, mar.2011. **ETD- Edu. Tem. Dig., Campinas, v.12, n.esp., mar. 2011.**

LANDER, Edgardo. Venezuela: a busca de um projeto contra-hegemônico. In: CECENÃ, Ana Esther (org.) **Hegemonias e emancipações no século XXI**. Buenos Aires: CLASCSO, 2005.

MADURO, Nicolás. Maduro y Morales en programa especial por 10 años TeleSUR. 24 Julho, 2015. Disponível em: <http://www.telesurtv.net/News/Maduro-y-Morales-en-programa-especial-por-10-años-deTelesur-20150724-0019.html>. Acesso: 20 de outubro de 2015d.

MALDONATO, Alberto Efendy. Multiculturalismo na América Latina. Confluências e Conflitos no espaço televisivo regional. **Revista Fronteiras – Estudos Midiáticos**, v. VII, n. 3, p.165-174, 2005.

MAYA, Margarita López. **Luta Hegemônica na Venezuela: a crise do puntofigismo e ascensão de Hugo Chávez**. Tradução: Flávio Benedito, Caracas: Alfadi, 2009.

MARINGONI, Gilberto. **A Venezuela que se inventa: poder, petróleo e intrigas nos tempos de Chávez**. São Paulo: Editora Perseu Abramo, 2004.

MARTINS, Mônica Dias; DOMINGOS NETO, Manuel. O nacionalismo em Bolívar e Martí. **Projeto História**, São Paulo, n.47, p. 111-135, 2013.

McCOMBS, Maxwell. **A Teoria da agenda: a mídia e a opinião pública**. Vozes, 2009.

MENDES, Gláucia da Silva. No descompasso da Lei de Meios: disputa pela hegemonia e acesso a Telesur na Argentina. **Estudos em Comunicação**, v. 11, p. 251-273, 2012.

_____. **A naturalização do atraso: os noticiários do El Universal e O Globo sobre o governo Hugo Chávez e as projeções identitárias sobre a América Latina**. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós Graduação em Comunicação, Universidade Federal de Juíz de Fora, Juíz de Fora, 2009.

_____. A América Latina na perspectiva da Telesur: uma realidade a serviço do leitor/telespectador ou de interesses políticos? In: **XII Celacom – Coloquio Internacional sobre a Escola Latino-Americana de Comunicação**. 2008.

MIGUEL, Luis.Felipe. Os meios de comunicação e a prática política. **Lua Nova**, São Paulo, n.55-5, p.155-184, 2002.

MIRANDA, José Alberto Antunes de. A Política externa da Venezuela Pós-Chávez. **Revista Conjuntura Austral**, vol. 4, n°17, 2013.

_____. Populismo, Democracia e a Constituição na Venezuela. **Direito, Estado e Sociedade**, v. 45, p. 32-60, 2014.

MIRANDA, Samir Perrone de. **A integração da América do Sul no discurso da Política Externa Brasileira (1992-2010)**. Tese (doutorado) – Programa de Pós Graduação em Ciência Política, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

MOLL, Roberto. México, Estado Falido? Percepções da imprensa estadunidense. In: AYERBE, Luís Fernando (org.) **Territorialidades e entrecruzamentos geopolíticos na América Latina**. São Paulo: Cultura Acadêmica; Fundação Memorial da América Latina, 2014.

MORAES, Dênis de. **Planeta Mídia: tendências da comunicação na era global**. Campo Grande: Letra Livre, 1998.

NAVARRO, Viçent. El ataque mediático contra los gobiernos de Venezuela y Ecuador. **Público**, 14 de março, 2014. Disponível em: blogs.Publico.es/vicen-navarro/2014/03/14/el-mediatico-contra-los-gobiernos-de-la-Venezuela-y-Ecuador. Acesso em: 30 de outubro de 2015.

NEVES, Rômulo Figueira. **Cultura Política e Elementos de Análise da Política Venezuelana**. Brasília: Funag, 2010.

NOGUEIRA, João Pontes. MESSARI, Nizar. **Teoria das Relações Internacionais: correntes e debates**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

NOGUEIRA, Sílvia Garcia. A identidade latino-americana e a integração regional: o projeto da rede de comunicação Telesur. **Carta Internacional**, vol 4. p. 7-14, 2009.

_____. Reflexões sobre o papel da mídia na construção dos nationess: os casos da Telesur e da Al- Jazeera. **Carta Internacional**, vol. 7, n.2, p.117-126, 2012.

NOGUEIRA, Sílvia Garcia; RIBEIRO, Alana Maria. A Telesur e a construção simbólica da Integração Latino-Americana durante e depois da Era Chávez. **Revista Sul-Americana de Ciência Política**, v.1, n.3, p. 123-11, 2013.

OLIVEIRA, Renata Peixoto de. **Velhos fundamentos, novas estratégias? Petróleo, Democracia e a Política Externa de Hugo Chávez (1999-2010)**. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Ciência Política, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

OLIVEIRA, Renata Peixoto de. Política Externa no governo Chávez: seus principais fundamentos e objetivos. In: OLIVEIRA, Renata Peixoto de. NOGUEIRA, Sílvia Garcia, MELO, Filipe Reis. (Orgs.) **América Andina Integração Regional, Segurança e outros olhares**. Campina Grande: EDUEPB, 2012a.

OLIVEIRA, Rafael Santos de. **A mídia como ator emergente das relações internacionais: seu protagonismo no uso do soft power frente aos desafios das mudanças climáticas**. Tese (Doutorado em Direito). UFSC. Florianópolis, 2012b.

ONUF, Nicholas. **World of our making: rules and rule in social theory and international relations**. Columbia: University of South Caroline Press, 1989.

_____. Constructivism: a user's manual. In: KUBÁLKOBÁ, Vendelka; ONUF, Nichólas; KOWENT, Paul (ed): **International relations in a constructed World**. Armonk, NY. M.E. Sharpe, 1998.

OPERAMUNDI. **Venezuela organiza tuitaço mundial em apoio ao governo de Dilma Rousseff**, 20 de agosto, 2015. Disponível em: <<http://www.operamundi.uol.com.br/conteúdo/notícias/41385/>>. Acesso em: 30 de agosto de 2015.

REIS, Thiago Menini. **Ecos do Labirinto: Hugo Chávez e a reconstrução da mítica bolivariana na Venezuela (1999-2009)**. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História Social das Relações Políticas – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2010.

RESENDE, Erica Simoni Almeida. **Americanidade, puritanismo e política externa: a (re) produção da ideologia puritana e a construção da identidade nacional nas práticas de política externa norte-americana**. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Ciência Política – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

ROVAI, Renato. **Midiático poder: o caso da Venezuela e a guerrilha informativa**. São Paulo: Publisher, 2007.

SALÖ, Freja.; TERENIUS, Elisabeth. **“Tele-Chávez” or the Public Service os Latin America?** Estocolmo, 2007.

SERRANO, Alfredo. **Por una agencia latinoamericana de Calificación de riesgo**. TeleSUR, 10 dez, 2014. Disponível em: <http://www.telesurtv.net/bloggers/Por-una-Agencia-latinoamericana-de-Calificacion-de-Riesgo-20150420-0002.html>. Acesso em: 27/06/2015.

SIMIONI, Mônica. **Comunicação e disputa hegemônica na Venezuela no pós-golpe de 2002**. Dissertação (Mestrado) – Programa de Estudos em Ciências Sociais – PUC-SP, São Paulo, 2007.

SOARES, Eliane. **O proceso político da Revolução Nacional-Democrática e o socialismo na América Latina: um estudo comparativo entre os programas de Revolução Cubana de 1959 e Revolução Bolivariana da Venezuela**. Tese (Doutorado) – Centro de Pesquisa e Pós-Graduação sobre as Américas – CEPPAC, UNB – Brasília, 2008.

STEINBERGER, Margarethe Born. **Discursos Geopolíticos da Mídia: jornalismo e imaginário internacional na América Latina**. São Paulo: Fapesp; Cortez, 2005.

STRASSBURGER, Tabita. “Imagem, poder e doença: o caso do presidente Hugo Chávez na Telesur”. Comunicação apresentada no IV Seminário Internacional de Pesquisa em Comunicação Estratégias e Identidades Midiáticas, Santa Maria – RS, setembro, 2012a

_____. Imagem, Poder e doença: o caso do presidente Hugo Chávez na Telesur. Comunicação apresentada no IV Seminário Internacional de Pesquisa em Comunicação Estratégica e Identidades Midiáticas, Santa Maria – RS, setembro, 2012b.

TELESUR. **Celac emprende lucha anticorrupción en la región**. 20 abr. 2014. Disponível em: <http://www.telesurtv.net/news/Celac-emprende-lucha-anticorrupcion-en-la-region-20141210-0024.html>. Acesso em: 24 jun. 2015.

TELESUR. **Movimientos Populares apoyan integración.** 21 jan. 2015a. Disponível em: <http://www.telesurtv.net/news/Costa-RicaMovimientos-populares-apoyan-integracion-20150128-0086.html>. Acesso em: 26 jun. 2015a.

TELESUR. **Galeano a Morales: Eres símbolo de la identidad latinoamericana.** 27 jan. 2015b. Disponível em: <http://www.telesurtv.net/news/Galeano-a-Morales-Eres-simbolo-de-identidad-latinoamericana-20150227-0045.html>. Acesso em: 26 jun. 2015b.

TELESUR. **Unasur defende el principio de preservación de la region como zona de paz.** 14 abr. 2015c. Disponível em: <http://www.telesurtv.net/news/Unasur-defiende-el-principio-de-preservacion-de-la-region-como-zona-de-paz-20150314-0031.html>. Acesso em: 27 jun. 2015c.

TELESUR. **Maduro y Morales en programa especial por 10 años de TeleSUR** 24 Jul. 2015d. Disponível em: <http://www.telesurtv.net/News/Maduro-y-Morales-en-programa-especial-por-10-años-deTelesur-20150724-0019.html>. Acesso em: 24 out. 2015d.

TELESUR. **Ministros de Cultura de la Celac aprueban plan de acción.** 20 set. 2015e. Disponível em: <http://www.telesurtv.net/news/Ministros-de-la-Cultura-de-la-Celac-aprueban-plan-de-acion--201509020-0145.html>. Acesso em: 25 de novembro de 2015e.

TELESUR. **Argentina pondrá em juego integración para acercarse a EE.UU.** 23 Nov. 2015f. Disponível em: <http://www.telesurtv.net/news/Argentina-pondra-en-juego-integración-para-acercasse-a-EE.UU>>. Acesso em: 27 de novembro de 2015.

VALENTE, Leonardo; SANTORO, Maurício. A Diplomacia Midiática do Governo Hugo Chávez. **Análise de Conjuntura**, Rio de Janeiro, v.1, p. 1-20, 2005.

VALENTE, Leonardo. **Política Externa na Era da Informação.** Rio de Janeiro: Revan, 2007.

VEJA. **Primeira-dama da Venezuela ganha do “maridão” um programa de TV.** 24 Abr. 2015. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/noticia/mundo/primeira-dama-da-venezuela-ganha-do-maridao-um-programa-de-tv/> Acesso: 20 de outubro de 2015.

VILLA, Rafael Duarte. Venezuela: mudanças políticas na era Chávez. **Estudos Avançados**, v.19, n.55, 2005.

WALTZ, Kenneth. **Theory of Internactional Politics.** New York: McGraw-Hill, 1979.

WENDT, Alexander. **Social theory of international politics.** Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

_____. Anarchy is what States makes of the social construction of power politics. **International organization**, 46 (2), pp. 391-425, 1992.

XAVIER, Ricardo. **Almanaque da TV.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.